



ARREAL

BRUNO DUARTE CORRÊA

Capítulo 1

O despertar

teste

O vento no meu rosto daqui de cima é uma sensação de liberdade e paz que poucos lugares me trazem. É verdade que quase ninguém me procuraria sentado no topo do Empire State e é por isso que eu venho pra cá quando que preciso colocar minhas ideias no lugar.

Eu não sei como vim parar aqui em cima, não fisicamente porque isso já vou explicar um pouco pra frente, mas como os fatos me trouxeram até esse momento que mesmo eu não sei como resolver.

Nos últimos tempos percebi que o somos todos muito maiores do que imaginamos em alguns aspectos, mas muito menor do que eu gostaria em outros. Poucos são os que pensam nos outros como

seus iguais enquanto tomam suas decisões. Eu não os culpo porque é verdade que viver é uma aventura e quase sempre estamos correndo para não perder e não nos resta muito tempo pra contemplar.

Nos últimos meses minha vida virou do avesso, desde que descobri que podia mover objetos com a mente, volitar e fazer muitas outras coisas que até então julgávamos ser habilidades de super heróis. Na realidade todo ser humano é capaz de muito mais, o que mais me surpreendeu foi eu perceber que ninguém estava muito preparado. Com tantas habilidades especiais que deveriam ter em muito facilitado a vida de todo mundo, poderia fazer do ser humano tão mais compreensivo e completo, mas não foi o que venho notando.

Depois que tudo veio à tona, vi tantas pessoas usando suas habilidades especiais para o mal, pensando somente em si mas por outro lado, tantas outras usando do jeito que eu julgo mais certo. Minha mente fica dividida se tudo isso teve ou não um bom resultado.

A parte que vou contar para vocês é do meu ponto de vista, de tudo o que aconteceu. Nãouento com o objetivo de tentar me redimir ou justificar alguns dos meu atos mas porque organizando minhas ideias, me ajude a entender o que devo fa-

zer daqui para frente. Como esse relato chegou até as suas mãos e como eu sei tanto dessa história, é algo que você terá que ir até o final para descobrir. Eu só te peço que tente encarar tudo com a mente aberta e perceba algumas das coisas que eu senti um pouco antes de despertar. Tenho certeza que muitos de vocês já sentiram e o único fato que me diferencia seja que eu sempre acreditei.

O que vai acontecer assim que eu descer daqui, eu ainda não sei, mas espero estar pronto pra tomar agora decisões melhores dos que as que vou descrever. Minha história começa na minha cidade natal, uma cidade pequena, comigo ainda um jovem sonhador que achava que o que eu sentia. Eu sonhava e imaginava tudo não passava de fantasia, mas você vai logo ver que isso tudo vai mudar.

— Não acredito que já é segunda feira e eu vou ter que ir pra escola de novo.

— Levanta logo garoto, a gente vai se atrasar pra escola e a culpa vai ser sua, eu tenho uma prova — fala Lúcia me dando um tapa na cabeça enquanto ajeitava alguns livros na sua mochila.

— Me deixa, eu não gosto daquela escola.

— Eu também não gosto de você mas mesmo assim temos que conviver, então não enche a minha paciência cedo e vai se arrumar.

Lavo meu rosto e coloco o uniforme de qualquer

jeito, porque não importa o que eu faça, as pessoas vão inventar uma maneira de me zoar. A escola não é pra mim um ambiente acolhedor. Não sei se é porque eu fico voando nos meus pensamentos e imaginando como seria bom se todos aqueles super poderes que eu tenho nos meus sonhos fossem realidade que eu sou deixado de lado. Aqui não era nada de diferente de todas as outras escolas. Várias tribos, os valentões que buscam uma maneira de fazer a gente se sentir um nada, os nerds com seus livros e notas boas, os esportistas com suas roupas sujas de suor e terra, as meninas bonitas. Eu que apesar se já estar aqui a mais de três anos não conseguia me enquadrar em nenhum desses grupos que descrevi, minha irmã me diz que eu tenho o meu grupo, o dos manés avoados.

Minha irmã Lúcia, sempre foi alta pra sua idade, magra, com cabelos super lisos e olhos verdes, pelo que eu percebia era do grupo das meninas bonitas, mas eu não acho ela nada demais. Eu acho muito engraçado que todos os dias tem vários garotos andando atrás dela com os motivos mais idiotas. Não sei se sou muito paranoico, mas Jonas que é duas turmas mais a frente que eu, coincidentemente da turma da minha irmã apareceu querendo ser meu amigo.

— Cara, eu não acredito que você demorou tanto

pra chegar, eu preciso te contar uma coisa, fala Jonas passando o braço sob meus ombros enquanto olha pra minha irmã.

— Eu não tenho nada pra falar com você, desde quando eu te dei essa intimidade

— Olha aqui garoto, colabora comigo, eu vejo que você não tem amigos nessa droga de escola — Fala Jonas me puxando pelo braço

— Eu estou aqui te fazendo o favor de deixar os outros te verem comigo, pensa em quanta popularidade isso vai te trazer.

Do outro lado do pátio, um grupo de alunos mais novos nos observa. Apesar de Jonas ser um cara insuportável e estar só querendo se aproximar da minha irmã, talvez esteja me fazendo ser um pouco popular na escola e me ajude a até quem sabe fazer algum amigo.

Assim que Lúcia se distancia, Jonas me larga e vai se encontrar com seus outros amigos na quadra. Eu não sei porque eles gastavam tempo indo até a escola se geralmente não entravam na sala de aula.

Pra algumas pessoas o intervalo é um momento de conversar e fazer tantas coisas, pra mim é só mais um momento que quero que acabe. Como a inspetora não deixa que a gente fique dentro das salas antes da aula, desde que uma menina tacou

fogo em uma lixeira fico sempre andando de um lado pro outro.

— O garoto estranho! — grita Bento, um garoto do grupo dos valentões — Para de andar assim de um lado pro outro feito um doido que isso tá me incomodando.

Última vez que me encontrei com ele, estava desenhando um de meus sonhos na biblioteca. Bento rasgou o papel e jogou na minha cara, até aí tudo normal, mas o problema é que dessa vez eu não fiquei quieto e o empurrei fazendo com que tropeçasse nas cadeiras e batesse a cabeça na mesa. Naquele dia eu corri mais do que nunca antes e consegui escapar.

Quando ele ia me pegar o sinal bateu e a inspetora me salvou, mas sabia que minha vida não teria mais paz até que eu pagasse pelo meu heroísmo.

O sinal tocou para entrar pra sala de aula mas dessa vez ele não ia me salvar e por isso corri em direção ao fundo do pátio. No fundo da escola tinha uma mata fechada muito antiga, que ninguém entrava porque diziam ser amaldiçoada. Eu meio que acreditava nessas coisas mas não podia arriscar ficar parado, por isso estava contando que ele não iam me seguir até a floresta. Entrei na floresta e me escondei atrás de uma árvore.

Começo a ouvir barulhos como se alguém esti-

vesse se movendo, mas não vejo ninguém, eles não tinham me seguido, eram muito bundões pra virem até aqui.

Essa floresta é realmente muito bizarra, as vezes da janela da sala muitas pessoas diziam viam uns vultos que eu fingia pra manter minha sanidade mentar serem morcegos. Enquanto me escondia atrás de algumas árvores, dessa vez eu tenho certeza que vi alguém voando entre as copas das árvores. Não posso contar isso pra ninguém porque já me acham estranho o suficiente sem que eu fale, imagina falando que tem alguém voando.

Eu não sei explicar, mas você já teve a impressão de que sabia que algo estava ali apesar de não estar visível? Imagina como seria genial se eu encontrasse um alienígena ou mesmo descobrisse que existem super heróis de verdade.

— O que você está fazendo aqui garoto, você não devia andar em lugares assim, fala o rapaz descendo dos céus como se deslizasse pelo ar.

Essa foi a primeira vez que eu tive contato com alguma habilidade e mesmo pra mim que costumava imaginar como seria fantástico se fossem reais, foi muito difícil entender o que estava acontecendo. Me lembro como se tivesse sido um momento mágico e como se Ítalo estivesse brilhando ou mesmo que estivesse descendo em

câmera lenta. Hoje em dia sei que nada disso é verdade porque sei muito bem que volitar era a única coisa que ele já fez

— Espera ai, então você é real? Está mesmo vendo aqui na minha frente.

— Eu gosto mais de dizer que estou volitando, porque não estou usando nenhuma máquina, batendo asas ou coisa do tipo.

— Mas espera um pouco, você está mesmo fazendo isso? Eu não estou ficando louco, mas como assim você pode voar, quer dizer volitar, eu bati minha cabeça? Estou sonhando?

— Calma garoto, eu estava sim volitando e eu não sou o único que pode fazer coisas desse tipo mas eu já vou te explicar tudo — Fala Ítalo se aproximando de mim com calma

— Vamos devagar, pode ser muita informação pra você agora, se acalme.

— Me acalmar como? Quem é você pra me dizer que eu tenho que me acalmar, você que está no meu sonho. Ou será que eu estou no seu. Minha cabeça tá girando, não estou entendendo mais nada.

— Eu imaginava mesmo que talvez você não fosse tudo o que o velho disse e já ia conseguir entender tudo logo de cara.

Nesse momento me lembro de ver tudo escure-

cendo e de que de repente estava deitado na minha cama com a Lúcia e meus pais em cima de mim. Será que tudo aquilo não passava de uma alucinação antes de eu desmaiar?

— O que você tava fazendo no meio daquela floresta seu doido — fala Lúcia me dando um tapa no braço. — se não fosse um rapaz vir avisar a inspetora que tinha alguém caído no meio das árvores você estaria lá té agora.

— Rapaz? Como era esse rapaz?

— Que diferença faz? A gente quer é entender o que aconteceu — fala minha mãe sempre carinhosa

— Eu estava fugindo de um moleque que queria me bater e acabei entrando na floresta, daí vi um rapaz voando no meio das árvores

— Voando? Fala minha mãe medindo a minha temperatura. — E como era esse rapaz? Ele tinha alguma asa, uma capa?

— Ai mãe, você é muito boa, só você mesmo pra dar confiança pra esse moleque tonto — fala Lúcia tentando esconder um pouco o nervosismo.

Me lembro desses momentos e de como da maneira dela, minha irmã se preocupou comigo e como ela nesse momento, ainda me tratava de forma um ríspida. Pode parecer meio estranho mais sinto falta disso, me parecia mais real e não como se eu fosse de vidro como ela vinha me tra-

tando recentemente.

— É verdade, ele estava voando e veio me dizer que tinha muito mais pra me contar e aí quando eu vi estava tudo escurecendo na minha volta e acordei aqui

— Você com certeza bateu a cabeça e está alucinando, assim não tem como ter uma conversa decente, você sempre vive nesse seu mundo de fantasia, não é atoa que não tem nenhum amigo.

— Eu já imaginava que vocês não iam acreditar mesmo em mim, mas me diz pelo menos como era o rapaz que veio falar, por acaso ele estava usando uma camisa branca e era muito simpático.

— Meu filho, tenta dormir um pouco, foi tudo muita informação e você precisa descansar essa cabeçinha.

Nos próximos dias voltei ainda várias vezes naquela floresta escondido pra ver se eu encontrava de novo alguma coisa suspeita. Eu esperava encontrar ao menos uma pista de quem era aquele menino e de quem ele estava falando porque minha vida mudaria totalmente, mas era como se nada tivesse acontecido. Muitas perguntas que eu só viria a responder um tempo depois.

Capítulo 2

O cativeiro

Tic, tac, tic, tac...

O que é isso?

O que tá acontecendo?

Como eu vim parar aqui?

Eu não me lembro de nada. Bom, recapitulando, eu acordei, fiquei enrolando na cama uma meia hora. Caramba, me lembro de estar cansado, não consigo dormir direito desde que eu vi aquele cara volitando na floresta. Me levantei, ou será que eu dormi mais? Não, me recordo dessa parte, desertei e gastei um tempo limpando minha cama porque aquele puto do Lúcio, gato mijão, deixou mais uma vez um presente. Percebi que estava atrasado de novo e acabei saindo correndo pra escola, notei uma diferença na minha manhã, a Lúcia nem veio me acordar mas fora isso um dia super normal

como de costume. Pensando bem a última coisa que me lembro foi ter me encostado na cadeira da lanchonete pra relaxar um pouco. Será que é um daqueles sonhos estranhos? O mais curioso é que eu sinto como se eu estivesse acordado.

Estou na frente de um grande casarão, olhando pra um portão enferrujado entreaberto que parece me puxar. O que será que tem dentro? No que parecia o lugar de um jardim, uma mata desgrenhada. Com certeza o dono não andava exercitando seus dons de jardinagem ultimamente. Na frente uma arvore seca com alguns musgos no muro.

Bom, eu vou entrar e ver se tem alguém que possa me ajudar a entender o que está acontecendo. O pior que pode me acontecer é ouvir um não, ou mesmo nem morar ninguém, o que eu acho mais provável, mas não aguentaria de curiosidade se eu não fizer. Quando a gente vê um filme de terror é como tudo começa, um jovem adolescente que decide entrar em no lugar mal assombrado ou alguma coisa do tipo. Como é a vida real, com certeza não deve aparecer um bicho correndo na minha direção ou um mordomo idoso de gravata borboleta que vai logo sugar todo o meu sangue.

Dou três batidas na porta, se ninguém vier, eu desisto.

Será que estou decidindo bem? Não sou conhe-

cido por minhas decisões pensadas, geralmente faço muita merda, mas coisas simples. Uma vez quebrei uma perna porque tentei subir em uma arvore e ver qual altura eu podia pular. Me lembro também da vez que inventei de colocar fogo em um terreno baldio mas acabei me empolgando com o fogo e quase me queimei. No geral a minha irmã me salvava de todas, claro que depois de me bater e contar pra minha mãe. Uma, duas, três. O que é isso? a porta já estava aberta? Quem deixa a porta aberta desse jeito? Certeza que é uma casa abandonada. Será que eu vou encontrar alguém lá dentro?

Tic, tac, tic, tac.

Logo que eu entro, dou de cara com uma grande escada e lá em cima um homem meio sisudo nos seus quarenta anos vestindo um roupão vermelho, segurando um copo em uma mão e um charuto na outra.

— Olá, rapaz, em que posso te ajudar? Disse o homem, enquanto caminhava na minha direção.

Ele não me parece alguém agressivo ou que possa me fazer algum mal então eu continuo ali apesar do meu instinto de fugir daqui.

Ficamos um tempo conversando e expliquei pra ele tudo que me lembrava. Contei do meu dia pacato, das últimas lembranças que tinha, e de não

saber como tinha parado ali.

Enquanto eu contava, notei que ele não parava de andar em volta de mim me olhando de cima a baixo. Aquilo me incomodou um tanto, não gostava dessa sensação de ser medido, ainda mais por alguém que eu não fazia ideia se do que podia fazer comigo. Não sei porque, mas o tempo todo naquela casa, sentia um cansaço muito maior do que eu já tinha sentido. Quando me decidi sair dali correndo uma chuva muito forte começou, balançando a árvore velha e batendo algumas das janelas de madeira da casa.

— Eu sei que você está querendo ir embora, mas já que não vai conseguir agora, porque não se senta e toma uma xícara de chá perto da lareira — fala o rapaz de forma muito confiante

— Aliás, ainda não disse meu nome, é Crispim.
— Logo que disse seu nome saiu da sala como se saber o meu não importasse. Depois de pouco tempo percebi que Crispim tinha um tique nos olhos e muitas vezes não me deixava terminar as frases mas apesar disso era simpático à sua maneira.

— Você gosta de heróis, garoto? — Me perguntava Crispim enquanto caminhava com o passo um pouco arrastado andando em direção à sua estante

— Eu sempre gostei, tenho uma coleção muito grande. Mas eu não curto muito os clássicos, me

interesso bastante pelos que não são tão roubados, não entendo como alguém prefere os caras que já tem tantos poderes que ninguém pode derrotar.

— Entendo, eu também gosto de heróis, mas eu gosto dos da vida real, os que batalharam em guerras, seguraram armas, tiveram medo, mesmo que ninguém soubesse, esses sim são os verdadeiros heróis. Me incomodava um pouco o cheiro de cigarro que aquela sala tinha e o frio estranho que eu sentia ali dentro. Não era de se espantar o ambiente obscuro, por que todas as janelas estavam cobertas com cortinas.

— Olha só, está vendo essa foto? Estou do lado de um dos maiores soldados que já pude presenciar enquanto servia o exército. O cara era um animal, ouvi dizer que foi para o Paquistão voluntariamente e voltou como herói de guerra.

— Você foi militar por muito tempo?

— Eu me lembro que quando me alistei percebi que era ali que eu deveria ficar, participei de várias missões em todos os anos que estive lá. É certo que paguei muitas flexões e finais de semana na cadeia porque nunca fui de abaixar a cabeça.

Eu não sei por que ele está me contando todas essas coisas, será que ele acha isso tudo super empolgante? A cada minuto que passa me pergunto mais o que estou fazendo aqui. Como a chuva lá

fora não para de aumentar tenho que me conformar e fazer como minha mãe sempre me ensinava, em situações em que não quero ouvir alguém falando, sorrir e balançar a cabeça.

— Venha cá meu rapaz. — Disse o homem, me estendendo a mão. Me fala uma coisa, está tarde, você tem certeza que quer ir embora? Tenho alguns quartos sobrando, depois tentamos buscar contato com seus pais. Eu não tenho aparelho eletrônico em casa, depois de conviver com tantos espiões não confio neles, quem dirá um telefone, não gosto dessas modernidades.

Subimos a escada para o andar de cima do sobrado e ele foi me apresentando os quartos de hóspedes. Assim que entrei no primeiro, pude sentir o cheiro de mofo e da porta conseguia ver a poeira depositada em cima da escrivaninha com uma vela e sua chama acesa, porque alguém deixa chegar nesse ponto? Quando me mostrou o segundo, vi que era confortável, mas na verdade era um escritório com cama, parecia um quarto com outra função dominante. O chão rangia próximo da entrada e como eu ia ao banheiro com frequência de noite fiquei pensando que seria um grande incômodo. O terceiro me pareceu a melhor opção, era o menor de todos mas com uma cama de casal aconchegante. Eu achei um tanto estranho ele ter

me mostrado todos os cômodos da casa e deixar passar uma porta vermelha no andar de baixo, o que será que tinha lá dentro?

Tic, tac, tic, tac.

Logo pela manhã, sinto o cheiro de café invadindo o meu quarto. Que preguiça gostosa.

Sinto o Quincas lambendo meu rosto. Mania de cachorro babão, me acordar todo dia com uma lambida, mas o que mais eu posso pedir da vida. Com um pouco de sono, desço as escadas, se eu não as conhecesse bem com certeza seria a fórmula perfeita pra um acidente.

Chego na cozinha meio cambaleando, e lá está ela, linda como sempre me esperando pra tomar café, eu poderia viver muitos anos cuidando dela e ela de mim.

Dia após dia estou ficando cada vez melhor em cuidar dessa casa.

Caramba! Eu nunca me senti tão amado e acolhido, se eu soubesse que seria tão feliz, teria me casado a muito tempo.

Tic, tac, tic, tac.

Cuidado com a janela, eles podem ver a gente e vão querer invadir pra tomar o que é nosso, falou Crispin, correndo pelo corredor enquanto fechava todas as cortinas. Lá fora é muito perigoso, vivemos tempos absurdos, falta de tudo pras pessoas,

se deixarmos que entrem, logo vão saquear tudo e também não nos restará nada. Temos aqui o suficiente pra viver mais alguns anos, comida o suficiente, mantimentos pra aguentarmos até que tudo isso acabe.

Não me lembro muito bem como tudo começou mas meu velho amigo estava sempre ali do meu lado me apoiando e impedindo que eu perdesse a sanidade, sempre me transmitindo paz.

Tic, tac, tic, tac.

Sempre fico um tempo ainda de olho fechado quando percebo que já acordei. Meu pé molhado, deve ser o Lúcio de novo.

— Levanta meu bem, ouço uma voz angelical vindo da cozinha.

— Quando abro meu olho, não tem nada nos meus pés. Que sensação estranha.

— Onde está o Lúcio, nosso gato?

— Gato? A gente não tem gato, meu amor, você deve estar cansado. Disse minha esposa. Enquanto ela me falava com a voz doce de sempre, notei algo no mínimo estranho. Porque ela estava nervosa com uma pergunta simples.

Eu tenho certeza que tinha um gato, não estou ficando louco.

Tic, tac, tic, tac.

Hoje acordei mais cedo e fiquei observando pela

janela. Não tem ninguém lá fora. Toda aquela história de invasão começou a me parecer um tanto estranha. Desci as escadas sem fazer barulho, toda essa vida perfeita que eu vivia começava a não me fazer mais tanto sentido. Crispin estava sentado perto do fogão esquentando água usando o avental que minha esposa sempre usava. Por que eu nunca o encontrava durante o café?

Subi para meu quarto e fiquei enrolando como de costume um tempo.

— Levanta meu bem, seu café vai esfriar, escuto a voz de Crispim.

Enquanto descia as escadas vi que a porta vermelha estava entreaberta e não tinha nada lá dentro, a não ser uma cadeira no meio, com uma colcha estendida sob ela.

— O que está acontecendo?

Quando cheguei na cozinha estava lá, meu velho amigo, usando ainda o avental de minha esposa e me dando um grande sorriso.

— Bom dia meu bem. Me falava Crispim da mesma maneira que antes era feito por aquela que eu achava ser minha esposa.

— O que é isso Crispim? Perguntei pra ele que logo fechou a cara e gritando comigo veio correndo em minha direção.

— O que é isso? Está tudo girando. O que é essa

música que estou ouvindo? O que é esse barulho de relógio?

Tic, tac, tic, tac.

Acordo em um leito de hospital. Logo ali pregado na parede um relógio marcando as doze horas e dando seus tic tacs.

Não demora vem em minha direção um enfermeiro ver como eu estava e uma moça chorando vem junto a ele.

Meu irmão, eu nunca duvidei que você acordaria. Disse, aos prantos me abraçando.

Nos próximos dias ali no leito do hospital, ainda não conseguia me levantar e contava com a visita frequente daquela que se dizia minha irmã. Eu acho que ela está meio enganada, minha irmã tem dezesseis anos.

Depois de alguns dias, eu já estava melhor. Meu Deus, por que ninguém me contava nada? O que está acontecendo?

Logo me deram a notícia. Eu fiquei em coma por três anos e nesse tempo meus pais, já velhos, faleceram, minha irmã cresceu e meu mundo mudou completamente. Tudo aquilo que eu passei, minha esposa, o Crispim. Não é possível que era tudo mentira eu sentia como se tivesse vivido uma vida com eles. Algo me dizia que eu havia realmente de alguma forma ido até aquela casa e pas-

sado todo aquele tempo construindo memórias e experiências.

Capítulo 3

Para! Eu preciso descer

Já faz uma semana que eu despertei e é um porre porque todo mundo me trata como se eu pudesse quebrar a qualquer momento. Eu não vou gente, não vou.

É estranho um dia dormir e acordar adolescente, ainda não me caiu a ficha de tudo que está acontecendo. As vezes me soa como se estivesse participando de alguma brincadeira de mal gosto, mas nessa não aparece alguém pra me mostrar a câmera e acabar com a ilusão.

Algumas coisas mudaram desde que eu acordei, meus pais não estavam mais vivos e por causa disso, de certa forma, perdi meu lar. Meus conhecidos ainda faziam parte da minha vida mas a convivência também não era a mesma coisa. Quando me disseram uma vez que sentimentos são como

plantas que a gente tem que cuidar e regar se não perde a cor, pra mim não significava nada, mas agora comprehendo. As pessoas são legais, me fazem companhia, mas parece que algo dentro de mim quebrou, não consigo mais me conectar, já não consigo mais sentir a cor da vida.

Não consigo parar de pensar no que eu vivi durante meu coma, todos ficam me dizendo que era só uma ilusão. Alguns tem a teoria que minha mente criou uma historia que pra mim é muito real com algumas vontades e desejos. Eu não acredito que tudo não passou de uma ilusão, porque eu ia querer ficar preso com um cara doido que fingia ser minha esposa? Por que eu ia querer estar em um lugar onde quase sempre me sentia fugindo de algo que eu nem sabia o que era. É verdade que por vezes eu era incrivelmente feliz quando acordava e me sentia amado, me sentia acolhido e é por isso que nada tira da minha cabeça que de certa forma era real.

Não posso viver mais essa vida sem cor, pode parecer loucura, mas eu tenho que começar a juntar todas as lembranças que eu tenho e tentar decifrar esse mistério.

Não me lembro de tudo, mas tem alguns detalhes que parece que ficaram mais gravados: Ouvia as pessoas falarem em português e com o mesmo

sotaque daqui; Era uma casa amarela, antiga e de dois andares; O jardim era muito malcuidado; ouvia umas crianças gritando de vez em quando e tinha uma árvore meio seca na frente. São muitas peças para juntar e eu não faço ideia de o que eu posso fazer com tudo isso?

Passaram-se os dias e junto com eles, a esperança de entender o que tinha me acontecido, mas o que não passou foi a lembrança de uma vida e o sentimento de quanto me faria feliz descobrir serem reais.

É difícil deixar uma certeza e também é difícil deixar de lado algo que nos marca com tanta intensidade. No fundo ainda existe a esperança de um dia encontrar aquela casa amarela e de uma vez por todas saber que eu não estava enlouquecendo. O que me traria também um pouco de paz é poder mostrar a todos que zombaram de mim quando estava falando a verdade.

Minha escola que só me fez ter lembranças horríveis, piorou um tanto. Se antes do meu coma, ser invisível era um problema, agora, todos ficam me olhando como o menino estranho que vive inventando historias e me encaram como o assunto certo, toda vez que passo. O novo jogo da escola é ficar me apontando e sussurrando, como se eu não soubesse que estavam com dó de mim ou que me

achavam mais estranho ainda. Voltar pra casa era o momento mais incrível do meu dia, porque eu sabia que não ia mais ter que ver a cara de ninguém, a não ser da Lúcia.

Minha vida mudou bastante, como vocês já perceberam, e se não bastasse, a cidade cresceu um tanto nesse tempo, parece que eu não conhecia mais nada. Na volta pra casa, fico sentado com a cara próxima ao vidro percebendo os prédios novos, as lojas novas, parece que até reformaram o coreto da cidade.

Minha rotina era sempre a mesma, aguentar minha escola tentando manter minha sanidade e ao final conhecer a cidade de novo. Em um desses momentos, quando eu já não procurava mais, uma pedra voou em direção ao vidro o que fez com que o motorista reduzisse a velocidade. Quando olhei pra ver quem jogou a pedra, não encontrei pessoa alguma mas muito melhor que isso, estava lá a ben-dita casa amarela. Algo nela estava diferente, seu jardim estava muito bem cuidado, as janelas não tinham ripas de madeira e ela não tinha nada de acabada como me lembrava.

— Meu Deus!

— Para esse ônibus motorista!

— Para! Eu preciso descer aqui!

A gente nunca sabe quando vai encontrar algo

no nosso caminho, mas é importante estar pronto, e, como eu já disse, não costumo pensar muito pra fazer as coisas. O motorista freia o ônibus bruscamente e todas as pessoas que estavam atônitas esperando chegar em casa ou nos seus trabalhos passam a olhar pra mim. Algumas me olham com raiva outros com curiosidade, mas não faz muita diferença, todos já esperavam que eu me comportasse dessa maneira.

— Valeu motorista, valeu gente, eu não falei que eu ia achar a casa amarela?

Saí correndo em direção à casa, mas o que eu vou fazer quando chegar lá? Bato no portão e falo o que? Quem será que vai abrir, será que é Crispim ou será que melhor ainda.

Chego no portão atônito, dessa vez não tinha a árvore seca na frente e aquele clima de filme de terror, muito pelo contrário, me sentia no final de um filme, prestes a encontrar o meu final feliz. Como da outra vez o portão estava só encostado e assim que entro o cheio de grama molhada me invade por completo, parecia até que batia ali uma luz especial.

Não demoro muito e bato na porta três vezes. Eu tinha algumas manias em momentos em que estava nervoso.

Abrindo a porta estava ela, linda como eu me

lembava me olhando com aqueles seus grandes olhos cor de mel. Eu tenho quase certeza que fiquei parado uns instantes sem falar nada.

— Pois não, posso te ajudar? Perguntou ela me olhando de baixo acima, meio desconfiada.

— Você mora aqui faz tempo?

— Oi? Se você veio vender alguma coisa talvez não tenha visto a placa que coloquei no muro dizendo que não estou interessada — Falou ela enquanto começava a fechar a porta na minha cara.

Não era a mesma pessoa que eu conhecia, na minha lembrança era alguém doce e que não falaria rispidamente com alguém, quanto mais tentaria bater a porta na cara de qualquer pessoa. Como foi muito difícil encontrar essa casa, eu não pretendia voltar pra casa sem respostas e mais rápido que eu percebi estava colocando o pé para segurar a porta.

— O que é isso? Agora vou ter que chamar a polícia? Você vem aqui não falando coisa com coisa e ainda quer invadir minha casa?

— Me desculpa mas eu procurei essa casa por tanto tempo que me emocionei um pouco, a gente pode começar de novo, prometo que não estou vendendo nada e que sou uma pessoa de bem.

— Tudo bem vai! E não pense que tenho medo de você que com essa carinha assustada sei que não ia

conseguir me machucar nem que quisesse muito.

— Fala ela abrindo a porta novamente.

— Então, eu vou te contar uma história e sei que não tem obrigação nenhuma de acreditar em mim, já que não me conhece. Eu saí de um coma a uns meses e durante todo o tempo tenho quase certeza que estive aqui nesta casa.

— Eita rapaz, você sabe mesmo como ganhar a atenção de uma pessoa. Por favor entre e me conte melhor tudo isso.

Entrei na casa amarela, e vi que por dentro era exatamente como me lembrava, a lareira diante do sofá, as cadeiras onde tinha me sentado pra tomar o café. As janelas grandes que dessa vez deixavam entrar uma luz que fazia com que os detalhes de madeira de taco ficassem muito mais evidentes a escada que levava para os quartos. Fora alguns móveis mais novos e pequenas reformas pontuais, era a mesma casa.

Depois de um tempo conversando, contei toda a história, é claro não contando a respeito dela porque achei que pudesse soar estranho e uma cantada barata, mas falei até de Crispim e do Quincas. Ela deu um bom gole no chá e pediu que a acompanhasse até uma sala de portas vermelhas ao lado, exatamente a porta que Crispim me dizia pra não abrir nas diversas vezes que tentei bisbi-

lhotor. Quando entrei, não estava vazia como eu vi da ultima vez mas estava cheia de móveis antigos e um senhor sentado de cabeça baixa em uma cadeira de balanço, com um cachorro dormindo em seu colo.

— Esse é meu pai, Crispim, me falou ela, chorando. Ele está em estado catatônico a mais de quinze anos, fica ali sentado sem contato algum com a realidade, a não ser uma vez ou outra que fica um pouco agitado e fala uma palavra solta ou outra.

Apesar de aquele senhor ali sentado ser muito mais velho que o Crispim que eu conheci, não tinha como negar pelos traços fortes que era a mesma pessoa. Ele tinha grandes cabelos e barbas grisalhos descuidados e Quincas no seu colo também com pelos brancos mostrando que o tempo pros dois passou um bom tanto desde que eu estive ali.

— Porque você veio até aqui? Pra zombar da minha cara? Falava ela enquanto chorava copiosamente.

— Não, eu não estou zombando de ninguém, o que eu ganharia com isso?

Eu também não sei o que está acontecendo, só sei que de certa forma eu estive aqui a uns meses atrás, talvez não da forma como estamos acostu-

mados.

— Eu também não sei mas por hora você está me perturbando, preciso de paz agora e gostaria que fosse embora

— Como eu me lembraria de como é aqui dentro, como eu saberia do nome do seu pai?

— Por favor, vá embora.

— Tudo bem, eu vou mas pretendo voltar aqui.

— Não sei se vou deixar você entrar da próxima vez, mas quem sabe. Uma parte de mim queria que tudo o que me diziam fosse verdade e não passasse de ilusão, criada pela minha cabeça mas o outro lado que sabia que eu passei por tudo aquilo estava super satisfeito. Voltei pra casa com muito muitas dúvidas do que quando ali cheguei, mas saio com uma certeza, a de que eu ia descobrir o que aconteceu. Convivi com Crispim e acordei, então posso ajudar ele também a despertar.

O relógio de parede, tem sido um grande inimigo do sono ultimamente, mas na realidade ele foi um dos responsáveis por sair do coma pois me fez manter conectado com onde eu estava.

Mais uns dias se foram até que mais uma vez quando eu já tinha perdido as esperanças me vi de novo na frente da casa amarela tomada pelo jardim seco e as janelas com as cortinas todas fechadas.

Dessa vez, fui entrando, nem bati na porta por-

que sabia muito bem onde estava, entrei na casa e não tinha dúvidas de onde deveria ir. Aquela porta vermelha já não era um grande mistério pra mim e eu sabia o que encontrar. No caminho notei que algumas coisas mudaram, parece que estavam mais velhas, não me traziam a mesma sensação de aconchego, muito pelo contrário, sentia como se quisesse que eu fosse embora.

Chegando ao quarto estava ali, sentado na cadeira de balanço olhando para mim, como que me esperando.

— Puxe uma cadeira garoto, já que você voltou pra cá, imagino que tenha muito o que queira me perguntar.

Capítulo 4

Vim te buscar

De pé ali na minha frente estava ele, o mesmo homem que eu havia visto sentado naquela cadeira de balanço a alguns dias atrás, de fato agora parecia um pouco mais novo. Como isso é possível? Talvez seja só um sonho e eu esteja impressionado com a visita que fiz, mas eu já tenho um plano de como tirar essa dúvida.

Sente-se. Você quer uma xícara de chá? Faz tempo que não nos vemos, imagino que tenha muitas perguntas, disse o senhor grisalho e com um olhar muito mais penetrante que eu me lembra, mas eu havia quebrado a ilusão que havia me prendido ali por tanto tempo. Dentro de mim estava dividido um pouco de raiva por talvez ter sido ele o responsável por ter me roubado cinco anos da minha vida e junto com eles tantas pessoas que eu

amava mas por outro lado o sentimento que me dominava era a curiosidade em compreender, se era o caso de ser ele o responsável por tudo isso, como havia feito aquilo comigo.

Dessa vez, com mais consciência de tudo o que eu estava passando, me sentia um pouco mais confiante em não ficar preso novamente em alguma ilusão.

- Eu sei o que você deve estar pensando, que eu te prendi aqui junto comigo e não te culpo por ter raiva de mim, mas o que você faria se estivesse sozinho preso em um lugar por tanto tempo e de repente tivesse a possibilidade de ter companhia?

- Companhia? Esse é o pensamento mais egoísta que eu já vi na minha vida. Isso é tudo que tem pra me dizer?

Crispim nada falava, ficou um bom tempo me olhando sem ter uma resposta pra me dar. Assoprando a sua xícara de chá, balançava pra esfriar um pouco e dava um gole de cada vez bem devagar pra não se queimar. Foram os cinco minutos mais demorados da minha vida, preso entre pular no pescoço dele e manter a compostura.

- Você acha que aqui onde estamos a moral faz alguma diferença? Parece que você não sabe o que é morar nesse mundo em que as pessoas se matam e roubam o que é do outro em troca de nada, um

mundo em que não podemos andar nas ruas sem olhar para os lados com medo de que alguém possa te prender e torturar por pensar diferente?

Meu Deus! Ele estava preso nessa realidade achando que ainda vivia na época da ditadura militar, então é isso. Como vou contar pra ele que tudo o que ele viveu nos últimos anos não passou de ilusão? E a pergunta mais importante, eu seria capaz de tirar ele daqui?

Já ouvi dizer que dar um susto muito grande em alguém pode causar talvez um ataque do coração, mas não sei se isso também se aplica para quando estamos dentro da cabeça de alguém, mas não vou arriscar.

Vou tentar fazer com que ele perceba que a realidade que ele vive tem furos, por exemplo, não me lembro de sairmos para comprar algo para comer ou mesmo alguém entregar algo aqui na casa no tempo em que estive aqui e sempre consumimos comida perecível e não aquelas comidas enlatadas. Como nenhuma pessoa antes de mim foi até lá?

Eu não posso culpar alguém que de fato não fez mal algum.

- Crispim, me diga uma coisa. Você se lembra do que aconteceu e porque todas as pessoas sumiram? Ou mesmo você já parou pra pensar de onde vem toda essa comida que não estraga? Ou mesmo

porque você não envelhece?

Eu sei que pretendia ir devagar com ele, mas dane-se, como sempre digo, não sou conhecido por tomar boas decisões e dessa vez a minha raiva me venceu.

Crispim deu um passo pra trás e enquanto aper-tava seu roupão me pediu pra sentar. Eu vou te contar uma coisa, talvez você não acredite em mim, e por favor não me culpe, vou te falar tudo o que eu sei, disse Crispim me pedindo pra sentar também.

- Eu sei muito bem o que está acontecendo, falou o senhor sentando cabisbaixo. Eu sei que estou em algum lugar, mas eu não sei onde é, não sei a quanto tempo estou aqui, mas como estou aqui e não havia o que fazer, decidi aceitar a realidade que agora tenho e viver como se fosse a minha.

- Você sabe de tudo? Mas então porque não volta pra realidade?

Eu não consigo! Disse ele em um tom de desespero, que quase me fez sentir pena.

- Tudo começou quando eu descobri que eu podia fugir da realidade que eu vivia e conseguia vir para cá. No começo o que eu fazia é sair do meu corpo e ficava ali, eu e meu corpo, passeava livremente sem que ninguém me visse. Era incrível poder estar em um lugar em que ninguém podia

me fazer mal, pelo menos eu assim pensava. Aos poucos percebi que eu conseguia também me convencer de uma realidade diferente. Cada vez que alguma coisa me incomodava, era pra cá que eu vinha e como poder resolver os problemas dessa maneira é tão gostoso, cada vez mais eu vinha pra cá, e ficava cada vez mais tempo. Até que um dia, não consegui mais voltar.

Sair do seu corpo? Como assim sair do seu corpo? Modificar a realidade? Que coisa doida é essa? Você vai ter que me fazer acreditar.

Enquanto Crispim me contava tudo que tinha acontecido, e me explicava como ele era capaz de fazer tudo aquilo, algo dentro de mim me fazia acreditar que talvez eu também pudesse.

Depois de ele me contar tudo aquilo, ficamos ali, um tempo, olhando um pro outro sem nada dizer. Era muita coisa pra eu digerir.

Crispim, da outra vez você me disse que não tinha gato. Aquele gato é seu?

Não! Falou ele com um olhar preocupado.

O que está acontecendo aqui? É você quem está fazendo isso? Perguntou Crispim assustado.

Aos poucos tudo ao nosso redor começou a mudar.

Que sala é essa? O que você está fazendo? Você não tem o direito de modificar a minha realidade.

Quem você pensa que é? Esbravejou enfurecido pra mim.

Meu Deus! O que está acontecendo? Eu estou fazendo isso?

E de novo aos poucos tudo ao meu redor começou a girar e comecei como da outra vez a ouvir o tic-tac do meu relógio, eu acho que vou acordar. Acordar não, agora eu entendo o que está acontecendo, estou quase voltando pro meu corpo.

Quando eu voltar, só tenho certeza de uma coisa, que minha vida nunca mais será a mesma, agora eu sei o que sou capaz.

Capítulo 5

E agora? Em que devo acreditar?

Retomei a consciência e estava ali, ao lado da minha cama, meu relógio me lembrando que o tempo é algo finito e contínuo enquanto em meu interior já não acredito em mais nada.

Estou convencido que não foi mais uma ilusão que passei ou mais um sonho, mas, preciso confirmar de alguma maneira, indo até a casa amarela e tentando tirar a prova ou eu mesmo tentando assim como Crispim fez, criar uma realidade minha onde possa ir. Confesso que a segunda opção é bem tentadora mas também a mais perigosa e ainda não me sinto pronto, não sei como reagirei sabendo que posso sair do meu corpo e que posso criar realidades e além do mais, enquanto não tiver certeza, não sei se conseguiria, pois estaria sempre me achando ridículo por tentar algo fruto da

minha cabeça.

Enquanto caminho até a casa amarela fico pensando em várias possibilidades. Será que eu usaria essa habilidade para fazer algo que não seja só para suprir minhas necessidades ou mesmo fugir de situações? Se eu conseguir confirmar que posso fazer tudo isso, tudo que eu acredito e conheço talvez tenha ido por água a baixo. No que mais posso acreditar se já nem sei mais se a realidade é constante e imutável.

Toc, Toc, Toc

Que agonia essa espera. Enquanto Joana não chegava, minha ansiedade é tanta que sinto minha nuca tensa e quase consigo ouvir meu coração batendo nas veias do meu corpo inteiro. Caramba, imagina se tudo isso for tudo verdade.

- Olá, você de novo, me disse Joana com um olhar meio frio. Acho que de certa forma toda aquela história que eu tinha contado abalou a primeira impressão que ela teve de mim, mas não a culpo também ficaria assim se eu acreditasse que alguém está zombando das memórias dos meus pais.

- Tudo bem conversar um pouco sobre seu pai? Tenho me sentido um pouco só ultimamente. Eu sei que você talvez não acredite na história que te contei, mas de certa forma eu me conectei com ele

nesses últimos anos.

- Tudo bem, ela me disse e então começou a contar sobre o que ela lembrava do tempo em que o pai dela ainda estava lúcido, de como ele gostava de cozinhar e ler e de como por vezes ficava distante, como se tivesse se desligado da realidade por um tempo. Segundo ela esses momentos eram cada vez mais frequentes, até que começou a se preocupar e o aconselhou a procurar um médico, mas é claro, ele sempre teimoso, nunca a ouvia.

- Você não faz ideia do que é ver alguém que você ama desaparecendo na sua frente e você sem poder fazer nada, disse Joana com a voz embargada.

- Realmente eu não faço, disse segurando a sua mão. E como essa mulher mexe comigo, e por tudo que tínhamos passado, mal sabe ela o quanto sua dor também era minha.

- Muito obrigado Joana, por me contar tudo isso.

Eu não podia contar pra ela que tudo aquilo que havia me contado fazia todo sentido e que eu sabia o que de fato tinha acontecido porque teria que contar também que eu estava com o seu pai, o que geraria uma grande esperança de algo que não faço ideia se posso ajudar e que eu não faço ideia de como tira-lo daquele transe.

- Você se lembra se isso aconteceu com mais alguém na sua família?

- Sim, sim, mas todo mundo tem o tio biruta que conta histórias fantasiosas, disse Joana enquanto soltava a minha mão, me passando a mensagem que não estava confortável com tudo aquilo.

- Meu tio avô, irmão do meu avô por parte de pai sempre andava com meu pai, sempre contando histórias de aventuras que ele tinha passado, mas que eu sabia que eram fantasiosas, mas pra meu pai pelo que me contaram, era o ápice da sua semana, ouvir todas aquelas histórias e fantasiar que eram verdadeiras.

Algo me diz que aquelas histórias não eram fantasias, mas talvez assim foi construído na sua mente que nada é impossível e que ele podia sim realizar muito mais do que estamos acostumados a aceitar.

Um lado me diz que posso estar entrando em um caminho sem volta, uma viagem fora do aceitável pela sociedade, passando das divisas do que as pessoas acreditam ser a sanidade, mas como já dizia o poeta "Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia." e eu estou disposto a descobrir o que são essas coisas.

Entrei naquela casa com dúvidas e saí com mais dúvidas, mas saí também com uma pulga atrás da orelha que eu precisava tirar.

Sair do meu corpo e gerar ilusões, sai repetindo

essas palavras como um disco furado enquanto voltava pra casa. E agora, será que eu posso contar isso pra alguém?

Aaaaaai! que vontade de sair por aí experimentando tudo isso. Só preciso me lembrar de como eu consegui naquela situação.

Capítulo 6

Leve seu relógio

Não sei onde tudo isso vai me levar, mas ao que tudo indica, a partir de agora tudo pode acontecer, aliás algo me diz que assim como passei por essas experiências de desdobramento, descobri que é assim que se chama a tal experiência de sair do corpo, e alterar a realidade que experiencio, provavelmente muitas outras maneiras de quebrar o que acreditamos ser o comum, são possíveis, aliás, como posso duvidar de algo e agora que tudo começou, vou até o fim.

Já fazem algumas noites que eu tento desdobrar, mas acho que a ansiedade ou medo tem me afastado de ter sucesso. Confesso que tenho um pouco de receio de que me aconteça de novo, que eu saia do meu corpo e não consiga mais retornar.

Criar outras realidades me parece então algo

mais promissor e menos arriscado, mas mesmo tendo visto o que Crispim realizou, e enquanto estava com ele ter conseguido também, agora tudo parece muito mais difícil. Depois de um tempo cheguei à conclusão de que o que me falta é entender a real natureza do efeito, da última vez foi tudo tão intenso que não tive tempo de compreender.

Já ouvi dizer que podemos aprender as coisas na dor ou no amor, gostaria muito que fosse no amor, mas eu não consigo esperar a vida toda pra descobrir, tudo é muito grande pra ficar esperando, então eu tenho um plano, talvez um tanto suicida, mas eu tenho confiança que se eu estiver em perigo e passando por uma situação de estresse como da última vez, vou conseguir destravar. Amanhã de noite, tudo vai estar resolvido.

Hoje preciso pensar nos detalhes de como vou fazer o que estou pensando e pra isso preciso de um momento de paz, pra conseguir pensar.

Minha irmã sempre fica me pedindo coisas, tem horas que me enche. Depois que eu despertei do meu coma, é verdade que não fui atrás de nada muito concreto na minha vida e ela vive me dizendo que não somos ricos pra ter esses talis anos sabáticos, mas eu discordo, preciso de um tempo pra colocar minhas ideias no lugar e entender tudo

o que está acontecendo e o meu lugar no mundo de novo.

- Vai moleque, vai lá no mercadinho buscar algumas coisas pra mim, me diz ela, olhando para uma lista na mão.

- Eu? Por que tenho que ir eu?

- E por que não pode? Você é um rei por acaso? Não me lembro de ter visto você ser coroado. Já te disse várias vezes que nessa vida a gente tem que ser protagonista e não ficar aí, sentado esperando, igual você está.

- Você fica sempre com a cabeça nas nuvens, fala ela enquanto me

- Você que é...

- Ah, não tenho tempo pra isso não, vai. Fala, colocando a lista na minha mão.

Uma dúzia de ovo, farinha de trigo, um litro de leite, e lá vou eu buscar os ingredientes para fazer bolinho de chuva. Realmente, muito importante essa compra.

Enquanto ando até a vendinha do seu Antônio, reparo nas árvores balançando, nas ruas em que eu cresci e percebo que apesar de estar tudo igual, no mesmo lugar, também estava tudo diferente. Cinco anos são mais que suficientes pra nos desconectar um pouco, é impressionante como perdemos contato com a nossa realidade e o que conhecemos por

tão pouco.

O seu Antônio estava exatamente o mesmo senhorzinho de sempre, mas pelo menos agora aparentemente tinha um ajudante, que eu não entendo o que estava fazendo ali, porque enquanto fazia a minha compra, continuava sentado próximo ao caixa, quieto me acompanhando com o olhar.

- Oi rapaz, me disse o ajudante com uma voz calma.

- Tudo bem com você? Pela sua expressão, vejo que ainda não encontrou tudo o que procura, me disse o atendente ali, de trás do balcão.

- Já encontrei sim, disse pra ele pegando o último pacotinho de canela.

- Não é disso que estou falando, você sempre foi muito impetuoso e não pretendo te convencer de nada, mas se eu puder te dar um conselho, hoje de noite, se lembre de levar seu relógio de bolso.

- Hoje de noite?!!!

Eu não havia falado pra ninguém que faria algo diferente hoje. No susto, minhas sacolas de compra caíram das minhas mãos, abaixei para pegá-las e quando retornei, ele já não estava mais lá, tinha desaparecido.

- Seu Antônio, onde está o rapaz que estava aqui?

- Que rapaz? Não tinha ninguém aqui, me disse

enquanto continuava a contar as moedinhas do caixa.

Bom, ele não era um ajudante então e das duas uma, ou ele não percebeu o rapaz por estar tão entretido com as moedas, afinal seu Antônio já é um senhorzinho, ou realmente não tinha outra pessoa ali além de nós dois.

Não perguntei duas vezes, porque minha imagem na cidade já não era das melhores, muitas pessoas tinham de mim essa impressão de alguém que sempre faz perguntas estranhas e está atrás de coisas que ninguém acha relevante.

Enquanto volto pra casa, vou olhando pelas ruas pra ver se encontro aquele rapaz de novo. Como minha irmã disse, preciso ser protagonista da minha história.

Mais uma experiência inesperada que não comprehendo, mas dados os últimos acontecimentos, é bom acreditar no que o rapaz me disse, levar meu relógio e um tanto de receio, afinal, não é todo dia que alguém aparece, fala umas frases e desaparece.

Depois disso, preciso pensar com um pouco mais de cuidado em como vou colocar meu plano em prática porque hoje, a noite promete.

Capítulo 7

A emboscada

Começa a cair o dia e eu fico me perguntando se devo mesmo tomar essa decisão tão drástica e procurar me enfiar em uma situação de perigo de propósito pra ver se instintivamente me lembro de como utilizar essa habilidade nova. Um lado meu tem medo, não vou mentir, mas o outro, o que acredita que não podemos fazer diferente sem dar saltos no abismo, já está lá, nem sequer questiona.

Preciso de algo que me faça chegar ao meu limite do medo o que não é tão simples porque não é algo como quando era criança e estava com soluço, pedia pra alguém me dar um susto, preciso de algo grande. Como ter certeza de que na hora certa vou conseguir resolver o problema usando essa tal habilidade e não entrar para as estatísticas de jovens inconsequentes que fazem alguma merda pra ver

no que vai dar.

A única certeza que eu tenho baseada em um evento um tanto quanto estranho, que aliás preciso entender direito, é que devo levar meu relógio de bolso.

Seria tão bom se eu tivesse alguém com quem pudesse conversar sobre, mas eu precisaria de alguma forma fazer a pessoa acreditar também, o que exigiria um esforço enorme porque as pessoas estão acostumadas a acreditar somente no que veem, a verdade é que não estamos acostumados a questionar a realidade.

Bom, meu plano é o seguinte: Na rua de baixo do Mercado principal, tem umas ruas bem estreitas e de noite sempre tem algumas pessoas mal-encaradas andando esperando algum desavisado por ali passar e roubar tudo o que tem e em muitas das vezes não termina muito bem. Não teve uma só vez que passei por ali e não tive que ficar muito esperto, olhando pra todos os lados e não foram poucas que saí correndo, mas também é bem verdade que eu nunca fui até fundo pra descobrir se esse medo não passa de algo da minha cabeça, nunca andei muito por lá, por isso também não conheço quase nada daquelas ruas, o que é um grande problema, caso eu tenha que sair correndo.

Coloco no meu bolso o relógio, um punhado de

moedas e a certeza que no mínimo vou ter uma experiência inesquecível e muita história pra contar. Pra que será que vou usar esse relógio? Depois dessa experiência que tive comecei a não duvidar de nada nem de ninguém, pelo menos considerar como uma possibilidade.

A noite está chuvosa, o que faz com que tudo fique mais difícil de ver e de entender o que está acontecendo, mas isso não vai me impedir de nada. É certo, é um saco andar de baixo de chuva, mas talvez até seja bom, talvez tenham poucas pessoas na rua o que seja interessante porque mesmo que eu consiga criar uma ilusão, não sei quantas pessoas consigo convencer porque também não sei qual a natureza da habilidade.

Enquanto eu ando pela rua, todo mundo me parece suspeito. Pessoas escondidas debaixo de toldos, fugindo da chuva, alguns comerciantes dentro das lojas com a feição cansada do dia, devem ter tido carregando caixas de fruta pra cima e pra baixo e agora estão parados nos botecos provavelmente a essa hora já embriagados.

Cheguei já aqui no centro em volta do mercado e o cheiro de peixe e de fruta estragada do mercado inconfundível se mistura com o cheiro do meu medo. Não sei se é tudo fruto da minha cabeça, mas tenho quase certeza que vi alguém me

seguindo enquanto passava no último beco.

O cheiro aqui é muito forte, não sei como as pessoas conseguem ficar aqui todo dia, mas não posso me distrair, talvez se eu chegar em um lugar que seja aberto eu consiga fugir caso seja necessário

O que você está fazendo aqui meu rapaz? Escuto no meio do beco enquanto sinto alguém me segurando pelo braço, por trás. Não consigo ver o rosto de ninguém porque logo me segura por trás com força, torcendo meu antebraço.

Não olhe pra mim, me disse o homem, vai ser melhor pra você assim, não quero ter que te tomar uma ação mais drástica agora, você ainda tem muito o que fazer.

Como assim tenho muito o que fazer?

Saia daqui rapaz, antes que eles te peguem, disse o rapaz bem baixo no meu ouvido, como que com medo que alguém nos ouvisse.

Enquanto conversávamos, um barulho de lata caindo no fim do corredor escuro assustou o rapaz que imediatamente me soltou e gritou

Corre!!!

Cacete, minha cabeça ficou totalmente desnor-teada e eu saí correndo feito uma barata tonta, aparentemente, sozinho, porque quem me segurava não estava mais lá, mas atrás de mim, mas sim alguns vultos que estavam cada vez mais próximos.

Enquanto eu corria pelos becos trançando todo aquele emaranhado de ruas todas iguais, todas cheias de caixas e portas de ferro fechadas tenho quase certeza que vi alguém parado sob o ar bem acima de mim olhando lá de cima como uma águia que procura a sua presa um pouco antes de dar o bote mas eu não tenho tempo pra ficar aqui parado contemplando, talvez isso também ainda me faça sentido.

Continuo nesse desespero correndo de um lado pro outro, mas não conheço nada por aqui, nunca tive coragem de andar nem de dia, tudo parecia tão hostil. De tanto virar nessas ruas estranhas, caio em um beco sem saída, talvez se eu me esconder atrás de alguma dessas caixas eles não me encontram. Eu sei que não posso ficar aqui a vida toda escondido, mas daqui a pouco eles cansam de me seguir e vão embora.

Depois de um tempo, como eu já previa que não poderia me esconder pra sempre, começo a escutar um barulho de pessoas chegando no beco. Caramba, eles estão ali, não consigo distinguir o rosto de ninguém, só contornos no fim do beco, mas consigo ver que eles estão vindo. Acho que minha hora está chegando, não devia ter me aventurado dessa maneira. A um tempo atrás eu quase morri e parece que agora não escapo.

Nesses momentos de desespero em que não podemos mais fazer nada, sempre ouvi dizer que eu teria um flashback de toda a minha vida, mas comigo, das fases da morte, passei da negação à aceitação muito rápido, estava em paz.

Tic, tac, tic, tac

O relógio no meu bolso parecia fazer um barulho enorme, me fazia lembrar de como me sentia enquanto estava com Crispim, enquanto estava naquela realidade bizarra.

Bem que aquele velho disse que ele estaria aqui, disse um dos homens, olhando na minha direção. Sinto muito, mas a gente não pode deixar ele ir embora daqui e acabar com tudo que construímos.

Seguimos ele até aqui, mas parece que ele sumiu do nada. Que droga, pelo jeito ele já escapou.

Eles estavam ali, três homens vestidos de preto parados na minha frente, sem me ver. Não é possível, eu estava bem em frente deles, agachado no fundo do beco. Aqui onde estamos tem luz o suficiente para ser visto, porque será que eles falam como se não pudessem me ver?

Eu estou invisível? É isso? O relógio de bolso, não sei como, mas me ajudou a me conectar com a sensação que eu tive quando consegui criar uma realidade daquela vez. Preciso me concentrar em me manter sentindo o que estou sentindo, não sei o

quanto tempo consigo manter tudo isso. Não sei se é coincidência, mas estou prendendo a respiração, com medo que se eu soltar todo esse efeito vai passar e eles vão conseguir me ver. Melhor eu sair correndo daqui enquanto suporto manter a respiração.

Sair correndo daquele beco sem olhar pra trás no momento pareceu a decisão mais sábia, mas não sei o que vai acontecer agora, não sei quem pode me ver nem até quando tudo vai durar.

Quem era aquele homem que me avisou pra trazer o relógio?

Que velho é esse que disseram saber que eu estava aqui?

Quem são essas pessoas?

Parece que minha jornada está só começando.

Capítulo 8

Tudo que parece é?

Já se passaram algumas semanas desde que fui perseguido no beco do mercado e naquela situação me aconteceu mais um desses eventos inesquecíveis que a gente nunca esquece. Fiquei invisível por um tempo aos olhos dos que estavam atrás de mim.

Depois de um tempo tentando entender como tudo tinha acontecido, comprehendi que a minha habilidade se baseia em tornar realidade o que estou sentindo, como se eu materializasse minha vontade e na situação o que eu mais queria era não ser visto. Enquanto estava com Crispim modifiquei a realidade a minha volta porque eu não queria estar ali, queria estar em casa e foi o que materializei pra ele, minha casa.

Nos últimos dias fiz alguns experimentos pra compreender como funcionava e entendi que tudo

iniciava no meu corpo, inicia comigo querendo muito que algo aconteça, passo então a vislumbrar a realidade que quero. Estamos acostumados a dizer que estamos imaginando algo, mas descobri que esse é o princípio de criar uma realidade. Já havia ouvido dizer que pensamento se materializa, se torna real, pois é, se torna mesmo. O próximo passo, que geralmente as pessoas não passam, é o que muitos chamam de um passo de fé e ele é o mais difícil pois sempre aprendemos que a realidade é algo que não muda, mas tenho aprendido que podemos sim.

Fiz alguns testes e descobri que consigo criar algo que só eu vejo, ou criar algo que outras pessoas veem, mas pra isso eu tenho que ter consciência que outras pessoas estão olhando e querer que a pessoa veja. Não é a mesma coisa que algo estar realmente acontecendo, tudo se passa nas mentes como uma distorção da realidade não consegui criar algo que pudesse ser tocado. O que acontecia com o Crispim tinha um pouco de desdobramento também, de certa forma eu estava lá onde ele está.

Agora que eu posso modificar minha realidade, praticamente gasto meu dia experimentando. Minhas roupas não são reais, um pouco da minha aparência também não é mais. Gasto muita ener-

gia em me manter assim e no fim do dia sempre estou cansado.

Enquanto estou em casa ou com pessoas próximas não crio ilusões porque sentiria enganando alguém, mas enquanto estou na rua, longe de casa sempre estou no modo que eu gosto de chamar melhorado.

Imagina poder sempre estar bem vestido e sem as imperfeições que não gostamos. Eu particularmente sempre estou mais magro, mais alto e mais forte, não musculoso porque também não gosto, mas poderia se assim quisesse. Me visto da maneira como percebo que as pessoas bem-sucedidas fazem. É bem verdade que hoje em dia uso roupas e objetos que pra mim nem fazem sentido, como relógios de pulso caros e sempre estou com a barba e o cabelo impecáveis.

É impressionante como as pessoas me olham diferente nas ruas. Por onde passo, as mulheres me olham e sorriem pra mim, recebo vários cumprimentos de pessoas que sequer conheço, o que faz com que meus dias sejam muito melhores e minhas preocupações bem menores.

Sempre tive a impressão que as pessoas bonitas e bem-sucedidas tinham muitas portas abertas e como eu nunca tive nada na vida não podia me privar de passar por essa experiência, mesmo que eu

internamente soubesse que não era eu e sim o que as pessoas viam. Toda tarde, depois da escola, ia para o centro da cidade viver o sonho de ser quem eu bem entendesse. Me vestia e aparentava como alguém que tinha muito dinheiro e acima de tudo uma ótima auto estima.

- Boa tarde senhor, em que posso ser útil? Me falou o garçom do La Fontaine, restaurante francês que todo mundo da cidade queria ir, mas não podia.

- Quero uma mesa pra dois.

- Claro Senhor, pode me seguir por favor?

- O que acham dessa mesa próxima da janela?

- É ótima, respondi pra ele enquanto levantava meu braço e abraçava a bela moça que eles viam me acompanhando e que obviamente não passava de fruto da ilusão que havia criado.

Pedimos pra mim um tartare de boeuf e Joana pediu uma sopa de cebola. Sim, eu estava fantasiando que estava levando Joana, a filha de Crispim para sair. Seria isso estranho? Não sei, agora que posso fantasiar tudo que quero, não me culpo mais de nada, me permito tudo.

Era uma noite incrível com a mulher que havia passado alguns anos comendo uma comida que nunca havia provado e tomado um caro vinho que meu paladar não permitia diferenciar de um que havia provado em casa uma vez.

Do lado de fora do restaurante um grito.

- O que é isso?

E imediatamente toda a ilusão se quebrara. Minha irmã havia me visto sentado na melhor mesa do restaurante mais caro da cidade, próximo à janela, vestido com o uniforme da escola e suado da aula de educação física, rodeado de pessoas elegantes e comendo sozinho. Como eu disse, não conseguia criar ilusões pra pessoas que eu conhecia, não achava justo e com o susto ao ver ela me descobrir me senti envergonhado com o que eu estava fazendo e não consegui sustentar a ilusão pra mais ninguém. Descobri nesse momento de uma maneira constrangedora que não conseguia criar ilusões para pessoas que eu conhecia porque não achava justo, e era extremamente necessário que pra mim fosse totalmente plausível usar a habilidade, do contrário não conseguia.

No momento como defesa fiquei invisível pra todo mundo, acho que minha noção de certo ou errado era um tanto mutável também. Saí correndo do restaurante esbarrando nas mesas, derrubando cristais e talheres no chão, ninguém podia me ver e eu não ia conseguir manter aquela ilusão por muito tempo, porque daqui a pouco ficaria constrangido com a situação.

Naquela noite muitas pessoas estavam entreti-

das em seus almoços e não prestaram muito a atenção no que aconteceu, mas para algumas pessoas que estavam ali solitárias, olhando ao redor por alguns segundos foi visível e portanto para elas caiu o véu da realidade.

Minha displicência talvez tenha consequências que eu ainda não comprehenda e muito menos consiga controlar. Talvez nos próximos dias saiba de algo. Não sei o que as pessoas fariam se soubessem que podem parecer o que quiserem.

Capítulo 9

Colateral

Hoje eu não vou trabalhar, preciso de uns dias de folga, estou muito estressada. Ultimamente tenho sentido até umas palpitações e umas tonturas enquanto as pessoas falam comigo. Sinto como se eu fosse sair correndo a qualquer momento daquele escritório gritando aos quatro ventos e xingando todo mundo. O Doutor Mathias me deu um atestado de três dias de folga.

Jantar comigo mesma no La Fontaine parece um pouco estranho, afinal é um restaurante em que as pessoas vão pra comemorar algo, ou pra impressionar alguém e quem eu ia querer impressionar a não ser eu mesma. Eu preciso desse momento, tenho passado por tantas coisas na minha vida ultimamente que decidi sair pra me namorar de vez em quando, fazer coisas que me fazem bem sem a

pressão de ter alguém em cima de mim.

Chego no restaurante por volta das duas horas da tarde.

- Mesa pra quantos, senhorita? Me pergunta o hostess na entrada enquanto olha e me julga por estar sozinha.

- Eu e eu mesma, então acho que mesa pra dois. Você está vendo mais alguém aqui?

- Me desculpe senhorita, mas é de bom tom perguntar quantas pessoas virão, fala de forma esnobe, com certeza achando que eu sou louca ou uma dessas solteironas que não tem mais jeito.

- Então? Vou ficar aqui parada a noite toda?

- Tem preferência de alguma mesa?

- Eu quero sentar na melhor mesa que tiverem.

- Me desculpe senhorita mas acabei de reservar pra aquele simpático casal sentado próximo à janela, mas temos mesas muito boas próximas à lateral

- Que seja então.

- Aqui está o menu, quando quiser estarei pronto para atendê-la, fique à vontade.

Algumas pessoas me dizem que eu vivo na defensiva e até que sou meio violenta, mas essas pessoas não estão na minha pele o dia todo e não passam pelo que eu passo, então não me venham dizer como controlar meu temperamento.

Olha só aquele casal, aposto que o rapaz está querendo muito impressionar a moça trazendo-a pra um lugar desses. Ela me parece uma dessas perfeitinhas submissas que fazem tudo o que o homem manda, olha só como parece que ela só o está seguindo, como se estivesse aguardando suas ordens. Dá gargalhadas de tudo o que ele fala.

Do outro lado do salão, um homem bem gordo daqueles que lambem o dedo depois de cada mordida, fazendo parecer que tudo é muito mais gostoso. Um senhor nos seus setenta anos com uma moça de vinte anos, podia muito bem ser sua neta, mas não era. Um cara vidrado em seu celular enquanto não vê a sua esposa triste por estar comemorando o aniversário de dez anos de casamento sozinha. Muitas pessoas ali vivendo suas vidas, cada uma delas com suas histórias. Eu adoro reparar nas pessoas, perceber pequenos detalhes, como a maneira como comem ou a maneira como olham umas para as outras.

De todas as cenas pra acompanhar, a que mais me intriga é a do casal próximo à janela. Algo na maneira como eles se tratam me incomoda. Parece tudo muito perfeitinho, meio forjado. Como se eu estivesse acompanhando um programa de tv, desses de namoro em que uma pessoa meio que faz o que a outra quer pra aparecerem como um

casal ideal, mas não tinha ninguém filmando ali. Ninguém é assim, bom, eu achava que não era né, mas estou vendo ali um exemplar de casal que até hoje pensava só existir em filmes.

- Garçom, venha anotar meu pedido? Vou ter que ficar aqui a noite toda esperando?

Enquanto Helena discutia com o garçom sobre amenidades do seu pedido, do outro lado do salão, alguém se aproximava da janela e com uma visão estarrecida gritava chamando a atenção dos que estavam por perto e despertos. Helena como ótima observadora, interrompe a discussão e logo volta sua atenção pra cena, consegue reparar que em uma fração de tempo, a moça bonita que estava na mesa desaparece e junto com ela toda a pompa do rapaz, aparentando agora ser um jovem estudante com seu uniforme de educação física e depois disso num tempo muito curto desaparece.

Tanto Helena quanto o garçom notaram a cena, mas não externalizaram sua surpresa ou falaram qualquer coisa sobre, com medo de parecerem malucos, mas simplesmente se distanciaram como se com muita pressa precisassem resolver um problema importantíssimo.

Eu não estou ficando louca, tenho certeza que vi o que aconteceu e que não foi uma simples ilusão. Eu sabia que aquela impressão que eu tinha as ve-

zes que eu podia modificar a realidade a minha volta não era somente fruto da minha imaginação. Agora que eu sei que esse rapaz, ainda não sei como, modificou sua aparência e enganou a todos, sei também que eu não preciso mais passar por toda a humilhação que passo no meu dia a dia porque eu devo poder também, amanhã mesmo vou começar a colocar as pessoas no seu devido lugar e eu no meu de direito.

Algumas situações quando mostradas de forma tão explícitas não deixam nenhuma sombra de dúvidas e agora que Helena e o garçom perceberam que existe mais do que foram ensinados a acreditar, provavelmente suas vidas não serão nunca mais as mesmas e consequentemente a vida de muitas outras pessoas no seu entorno.

Capítulo 10

Vestido vermelho

Quando você passa grande parte da sua vida sem que as pessoas te vejam vivendo como se fosse invisível, sua vida é muito solitária. Fazer as coisas como se só você estivesse ali, mesmo existindo outras pessoas é meio perturbador mas pior do que isso só é viver com as pessoas não querendo que você exista e o tempo todo te lembrando disso, te mostrando que você é inadequada, que você não se encaixa.

Desde pequena vivi como a criança estranha que as pessoas comentam quando passa.

Olha que menina feia!

Olha como ela se veste!

Que ridícula, como tem coragem de vir nessa festa!

Aos poucos fui aceitando o papel que as pessoas

me davam e comprando a realidade que me vendiam.

Ontem vi aquele rapaz mudando de aparência e desaparecendo diante dos meus olhos e hoje acordei com a certeza que posso ser quem eu quiser e fazer o ir eu quiser, mesmo o que acreditam ser impossível e é exatamente isso que vou fazer.

As cinco e meia me levanto todos os dias e começo o meu ritual de banho e maquiagem pra poder entrar às 8 horas no trabalho minimamente aceitável, mas hoje não, hoje acordei às 8h e não pretendo me sujeitar a ninguém.

Diante do meu espelho fecho os meus olhos e me concentro na imagem que gostaria de ter, o que é um exercício bem difícil pra mim porque sempre acreditei que sou feia. Repito mentalmente pra mim mesma, eu estou magra, loira e usando um vestido vermelho colado ao corpo, repito a imagem várias vezes, me imagino me transformando me imagino sendo o que quero ser, por um bom tempo. Depois de uma meia hora abro meus olhos e estou com imaginava, mas logo volto a ser a Helena de sempre gorda e feia. De novo começo o ritual mental, entendi que quando eu deixo de acreditar, mesmo que por uma fração de tempo, deixo de ser. É tudo muito louco, mas parece que entendi como funciona.

Saio de casa às 9 horas, estou atrasada mas isso não me importa porque agora eu posso ser o que eu quiser e fazer as pessoas acreditarem no que eu quiser.

- Olá dona Helena, tudo bem? Me disse a secretária no escritório que trabalho, enquanto me olhava dos pés à cabeça. Que ridículo isso, ninguém me olhava e agora que estou magra e bem vestida me chamam de dona. Hipócritas.

Todos no escritório falando de mim, hoje sou o assunto.

Como ela ficou tão magra em tão pouco tempo?

Parece que ela até está brilhando de tão linda.

Ao longo do dia me fiz de desentendida, como se fosse natural estar magra e linda, e de fato é, afinal se eu posso fazer com que assim pensem.

Mantive essa imagem de mim mesma por dias, não pretendo voltar a ser a Helena feia de novo, a Helena ridícula. Enquanto ando pelas ruas, todos me olham, mas o que mais me chama a atenção são uns homens de terno que sempre me encaram, nunca havia reparado neles, mas dizem mesmo que a gente não percebe muito do que se passa ao nosso redor, até que faça sentido.

O engraçado é que nunca mais vi aquele rapaz do restaurante, tenho observado por onde ando pra ver se o identifico, tenho tantas perguntas pra

ele, mas como ele pode ser o que quiser, pode ser até um desses homens de preto que me acham linda e parece até que me seguem.

Não tenho mais medo ou receio de andar nas ruas de noite, o que fez com que meus hábitos mudassem. É interessante como a nossa imagem nos limita.

Hoje um rapaz me abordou na rua e me entregou um convite, falando que teria uma festa de noite no Metropolitan, somente para pessoas muito bonitas, que é o meu caso por isso, é lógico que eu vou.

Escova de cabelo, maquiagem, me apertar pra caber em uma roupa não são mais preocupações minhas, agora só preciso de um pequeno tempo, que é cada vez menor, para me convencer da realidade que eu quero.

De noite antes de chegar no Metropolitan parece que vi aquele rapaz e ele estava correndo como se fugisse de alguém.

Estou em frente ao evento, mas não vejo nenhuma placa nem aviso de nada, mas essas coisas chiques são assim mesmo, não tem placas grandes .

O que Helena não sabia é que aquela festa na verdade não existia e ela havia caído em uma emboscada. Um pouco antes de entrar no prédio, foi

rendida por trás com um capuz e arrastada até o outro lado da avenida onde foi colocada pelos homens de terno preto, que de fato a seguiam, em um camburão bem na frente de todo mundo em plena terça feira às 21 horas da noite. Apesar de todos os seus esforços pra ser aceita, mais umas vezes invisíveis.

- O que você está buscando? Me diz uma voz enquanto estou encapuzada.

- Na busca por ser vista e notada, você não percebe que deixou de existir? Quem é essa pessoa que você quer? O que você quer provar?

- Como assim deixei de existir? Respondo em prantos

- O que vocês vão fazer comigo? Porque me pegaram?

- Você já está morta a muito tempo mesmo, você mesmo se matou quando decidiu ser outra pessoa.

- Ninguém vai sentir a sua falta.

- Nós estamos vendo o que você vem fazendo, vem usando de sua habilidade como se nada fosse, usado dela pra humilhar as pessoas. Até aí pra gente tanto faz, mas nós não queremos que as pessoas saibam de tudo isso, podem nos trazer problemas e enfraquecer tudo que estamos construindo a um tempo.

- Pelo amor de Deus, nã....

Na primeira página do jornal da cidade uma notícia.

”Quarta feira no meio da praça central é encontrada um corpo disforme e sem vida de uma mulher desconhecida”

Capítulo 11

A mulher sem nome

Sair correndo do restaurante como eu fiz, com certeza vai me trazer problemas que eu ainda não comprehendo, talvez, mas é muito provável que eu acabei gerando alguns despertos.

Comecei a chamar essa condição de perceber que existe mais do que estamos acostumados de despertar porquê de fato estamos com os olhos fechados pra realidade maior, dormindo pra o que podemos, presos pelo que nos foi vendido até hoje. Eu tenho pensado sobre e eu acho que não é uma característica de poucos, depende muito mais de como a pessoa encara a realidade, se muito cético, provavelmente terão mais dificuldade pois o despertar é acima de tudo um exercício de aceitação e confronto com que aprendeu e portanto muito difícil para os que tem a postura de sempre saber

o que estão vivendo ou colocar pedras em cima de dúvidas

Muito provavelmente nos próximos dias alguma coisa vai acontecer e eu preciso corrigir o caos que provavelmente gerei, pois, toda a reação disso tudo tem uma grande parcela de culpa minha.

Desde o acontecido, não consegui conversar sobre com a minha irmã, ela finge que nada aconteceu, sempre foi do tipo que está no controle das situações e então deve estar digerindo e se convencendo que tudo não passou de sua imaginação o que por um lado me dá uma liberdade de não ter que explicar tudo que ando fazendo com minha habilidade mas por outro me tira a possibilidade de ter alguém com quem eu poderia conversar para entender melhor e não me sentir tão só. Sei que não estou sozinho, não me esqueci do momento em que fui perseguido e daquele rapaz que eu vi voando acima de mim, isso nunca me sai da cabeça ou mesmo de Crispim.

Tenho ido disfarçado próximo ao restaurante todas as tardes esperando notar algo fora do comum, observado as pessoas pra tentar perceber se alguém assim como eu fiz, buscando criar uma realidade alternativa, não se conecta no ambiente.

Uma coisa que notei é que ultimamente uns homens de preto tem aparecido nas redondezas, o

que é bem suspeito porque aqui por perto nunca foi uma região de grandes negócios e nem vejo alguém superimportante a ponto de precisar de tantos seguranças.

Muito estranho, pra não dizer suspeito.

Um efeito colateral do meu despertar é que agora eu questiono tudo, com aceitação de quem quer olhar pra algo e ver mais do que meu consciente consegue traduzir. Se algum dia encontrasse um cachorro falando, pra mim seria totalmente aceitável, olharia a situação e tentaria compreender essa nova realidade e não simplesmente a aceitaria. O que pode parecer um movimento quase contraditório e disruptivo a princípio, por isso acredito que não foram tantas pessoas que despertaram ao me ver ficar invisível, mas acredito que houveram algumas.

Hoje enquanto estava na minha investigação, um dos homens de preto me abordou e me entregou um convite para uma festa no Metropolitan, aceitei o convite, mas é claro que com um pé atrás, ainda mais depois daquele dia no beco e com o acontecido do restaurante. Fiquei muito em dúvida se iria ou não, mas mais uma vez meu espírito aventureiro me impulsionou a ir, não conseguiria conviver com essa dúvida.

No dia da festa, me disfarço de rapaz mais velho

pra tentar também impor um pouco mais de respeito. Chego um pouco antes do horário marcado pra ficar olhando de longe e entender qual o teor dessa festa. Vejo uma movimentação de alguns dos homens de preto, mas ninguém entrando ou saindo com coisa alguma, somente eles andando como se preparassem pra algo.

- Ei, o que você está fazendo aí parado? Me pergunta um dos homens de preto ao me notar parado ali na esquina. É certo, eu poderia ter dado menos na cara que estava observando, mas agora é tarde demais.

- Eu só estou aqui esperando minha esposa. Foi uma resposta ridícula, afinal quem fica parado na esquina de um prédio de luxo em uma rua que sequer tem movimento comercial, esperando alguém e é claro que o homem não comprou minha desculpa e me encarou com um olhar muito penetrante.

Por um instante senti como se já não estivesse sozinho dentro da minha cabeça, como se estivesse sendo vigiado de dentro pra fora. É uma sensação horrível, como se alguém ocupasse minhas lembranças, vasculhando minhas memórias pressionando meus pensamentos

Não consegui mais ficar ali e saí correndo em desespero, esbarrando em uma moça de verme-

lho muito bonita que aparentemente chegava pra festa. A angústia de sentir alguém dentro de mim me impediu de voltar e avisa-la das minhas suspeitas quanto àquela festa. Espero que seja tudo coisa da minha cabeça.

Volto pra casa ofegante pensando na sensação que tive de ser invadido e em todos aqueles homens de preto, de como me faziam retomar a sensação que tive no dia do beco. Quem são essas pessoas?

No outro dia pela manhã no caminho pra escola noto um aglomerado de pessoas perto da praça. Todos parados bem próximo ao coreto. A primeira aula pode esperar.

Suspiros, sussurros, não consigo entender o que estão falando, mas me parece algo bem sério, todos estão com o semblante sério.

- Ouvi dizer que ela trabalhava naquela empresa de advocacia

- Não, não, ela trabalhava na casa da Dona Custódia ali da rua de baixo

- Eu tenho certeza que já a vi carregando algumas pastas.

- Não vá lá menino, não tem nada pra você ver aqui, vá pra escola.

- Sai daqui!

Vou me embrenhando entre as pessoas.

- Me deixem ver, o que aconteceu.

Todos espantados com o corpo de uma moça largado em plena praça, não era a mesma moça que eu tinha esbarrado, mas lembrava muito ela, suas feições eram as mesmas, mas a moça que eu havia esbarrado era mais magra.

Uma moça deitada na praça e ninguém sabe quem é. Como é viver sem ninguém te reconhecer?

Logo me veio à mente que na situação da festa eu também era mais velho. Provavelmente tinha encontrado quem eu procurava, alguém assim como eu que podia mudar a realidade, provavelmente fruto do meu deslize no restaurante, mas a encontrei tarde demais. Poderia ter voltado e alertado ela, mas não o fiz.

O fato é, um pouco daquele assassinato era meu tanto no âmbito da culpa por ela estar morta quanto porque poderia muito bem ser eu ali na praça, um garoto no seu uniforme de colegial, largado e ensanguentado.

O que tudo isso mudaria meus próximos dias, eu ainda não entendia, mas com certeza me fez perceber que sabiam da minha existência porque eu também fui convidado pra aquela festa que muito provavelmente não passou de uma armadilha que eu só não cai porque consegui fugir mas

até quando vou conseguir fugir? Não posso ficar esperando e sempre na defensiva.

Capítulo 12

O vilarejo encantado

Terça feira de manhã. Ando pelas ruas e é como se nada tivesse acontecido ontem, como se a cidade não tivesse encontrado uma mulher largada na praça central. Eu entendi isso como um aviso direto, me dizendo pra tomar cuidado a partir daquele momento. Eu não posso ignorar o que vi e fingir que não sei que tem alguém atrás de mim também, assim como tinha atrás daquela mulher largada na praça.

Não sei do que são capazes ou mesmo quem são, mas com certeza quando me encontrarem, porque sim, eu sei que vão, preciso estar preparado para ou fugir ou revidar de alguma forma. Talvez eu possa criar alguma ilusão assim como provavelmente ela deve ter tentado criar, mas se ela não teve sucesso porque eu teria? O que me leva a crer

que quem quer que seja, sabe muito bem o que está fazendo.

No caminho pra escola, encontro meus amigos, mas não consigo tirar isso da cabeça, talvez eu possa me esconder em grandes multidões como a gente sempre vê em filmes. Parece uma boa ideia. Eles não vão querer ser descobertos.

- E aí cara, você parece meio avoado hoje. Me fala Jonas, o garoto problema da escola, enquanto escondia alguma coisa dentro da mochila. Não sei porque, mas ele sempre foi meio imã de coisa errada. Se tivesse alguma coisa grande na escola, podia ter certeza que ele tava metido ou na maioria das vezes, como eu acho, era o maior responsável.

- Ah, problemas em casa. Sabe como é, minha irmã sempre em cima.

- Aaaaah, sua irmã. Sua irmã é daora!

- Que isso mano? Deixa minha irmã em paz

- Meio difícil viu, me fala dando uma risada de canto de boca e me olhando bem nos olhos de forma intimidadora.

Eu nunca gostei desse cara, sempre foi um grande babaca.

Despisto ele puxando um assunto aleatório com a primeira pessoa que passa perto de mim.

Minha aula hoje é no segundo andar, bem longe desse merda.

Enquanto subo as escadas, noto um silêncio repentina e uma sensação como se o ar estivesse ficado mais denso. As vezes sinto isso um pouco antes de acontecer alguma coisa grande. Algo me diz pra olhar lá pra baixo. Do corredor do segundo andar é possível olhar lá pro pátio e de lá consigo ver uma movimentação estranha e muitas pessoas juntas e espantadas.

Lá em baixo haviam quatro daquelas pessoas de preto, três caras e uma menina de cabelo azul curto. Eles tinham rendido Jonas e mais algumas pessoas e logo os caras começaram a gritar.

- Nós sabemos que você está aí!
- Não adianta se esconder!
- Dessa aqui ou você vai ser o responsável por tudo isso!

Lá de baixo me olhou bem dentro do meu olho, a figura de cabelos azuis, como se me dizendo que já tinha me visto e estava só me esperando. Não falou uma só palavra. Ela parecia muito bem saber do que era capaz e estava muito confiante que aquilo tudo acabaria bem rápido.

Desço correndo as escadas apesar de não me importar muito com o Jonas estar sendo estrangulado, mas desavenças a parte, ele nem ninguém mereciam pagar por mim.

- Então é você que vem causando problemas por

aqui?

- É você que vem usando seus poderes.
- Só a gente tem direito.

Enquanto eles falavam, jogaram todos os reféns no chão e das mãos da menina de cabelo azul brotou uma enorme labareda que ela mais rápido do que eu pude imaginava lançou na minha direção. A chama não chegou a me atingir, mas pude sentir o calor, o que me espantou muito. Eu estava certo que ela também estava criando uma ilusão, mas tenho certeza que não era, porque como eu tinha consciência que talvez fosse uma ilusão ela não poderia mantê-la e também, principalmente, porque quase me queimou.

Tentei fugir em direção ao portão, mas um dos três me bloqueou como se conseguissem me seguir, mesmo estando a alguns metros de mim me fazendo cair pra trás. Eles podiam fazer coisas que influenciavam nos outros de fato e não só na minha mente.

Nunca senti tanto desespero na minha vida, no meu corpo era como se eu estivesse descendo uma montanha russa e não conseguisse saber se ia cair ou não.

Enquanto eu estava no chão, não pude deixar de notar que acima de mim estava flutuando um dos outros caras e lá de cima jogava umas pedras

em mim. Conseguí me livrar de algumas, mas elas eram muitas.

Meu Deus, existem muitas habilidades que eu não fazia ideia. Até então achava que só haviam as que eu tinha sentido e aprendido.

Enquanto eu tentava me defender percebi que também conseguia evitar que as pedras chegassem em mim. Imaginei como se as minhas mãos estivessem muito mais distantes do meu corpo do que o meu braço permitia, e assim conseguia tocar coisas de longe. Conseguí assim desviar as pedras que o garoto voador me lançava e como no centro do pátio havia um pequeno chafariz consegui movimentar uma quantidade de água, o máximo que pude, e joguei na menina de fogo, o que fez com que ela perdesse um pouco a concentração e o fogo se dissipasse.

Não vou conseguir aguentar lutar com eles por muito tempo e aqui na escola alguém pode se ferir. Além disso, vendo todo esse uso de habilidades, alguém pode muito bem entender que também é capaz e compreender como usar algumas daquelas habilidades e isso, como já aprendi, pode não ser uma boa ideia.

Como consegui despistar momentaneamente os três, vou sair correndo pelo portão e tentar me esconder na floresta que fica ao lado da escola. Me

lembrei que ainda tinha um último cara e não sei do que é capaz, mas também não pretendo ficar pra descobrir.

Como sempre matei aula pra me esconder naquela floresta tenho uma vantagem em cima deles.

Saio correndo pela floresta sem olhar muito pra onde vou, atrás de mim só escuto os barulhos de galhos se quebrando e chamas no ar.

- Não adianta você correr seu medroso, eu vou queimar essa floresta inteira até te achar.

Corro, corro. Como nunca havia corrido antes. Não consigo me concentrar o suficiente para poder criar alguma ilusão ou ficar invisível, estou com muito medo, muito agitado.

- Calma! Respira fundo e se concentra!
- Eu vou te pegar!
- Não tem pra onde ir
- Calma! Respira fundo

Eu sei que é um momento de desespero, mas começo a pensar que essas habilidades trazem mais problemas do que soluções. Tantas pessoas se machucando. Tanto caos, e a troco de que? De suprir as minhas necessidades?

Por um curto espaço de tempo consigo me concentrar e acho que estou invisível. Eu nunca sei, porque mesmo invisível continuo vendo meu corpo.

Eu acho que sim, quando viro pra trás, pela expressão em seus rostos, eles parecem ter me perdido de vista.

- Aaaaaaaaah! O que é isso?

- Que droga! Tropecei em algum lugar e estou girando ladeira a baixo. Não me lembro de ter uma ladeira aqui. Devo estar bem mais longe do que já fui.

- Ai minha cabeça!

- Ai, ai, ai

Giro por um bom tempo, já nem sei quantas vezes bati minhas costas, minha cabeça.

- Ufa, parei de girar, mas não consigo mexer meu corpo!

Minha vista está meio embaçada, acho que foram de tantas pancadas, estou um pouco tonto também, acho que vou desmaiar.

- Pera aí!

- Aaah! O que é isso, é um vilare....

Desmaiado fica o corpo, no meio da floresta, no pé de uma casa de madeira no que aparenta ser um vilarejo no meio da floresta.

Capítulo 13

A culpa

Já fazem uns dez minutos que o vilarejo está sendo atacado e na cúpula já é possível ver alguns buracos e começamos a ouvir alguns barulhos diferentes. Acho que a proteção isola completamente como se aqui fosse em outra dimensão, inclusive acusticamente.

As crianças já não correm mais de um lado pra o outro com tanta felicidade, mas estão todas indo em direção a casa grande do vilarejo. Todos se escondem como podem. Crianças nas pernas das mulheres e os mais velhos dentro das cabanas complacentes da situação e na sua sabedoria, plenos, fecham as portas pra tentarem se proteger. É interessante ver que apesar de tanto barulho e alvoroço, alguns mantém a esperança inabalada.

Os homens correm pra onde eu acredito que

seja algo como um almoxarifado, não sei como se chama o lugar que guardam armas. Cada um sai com seu arco e flecha ou mesmo uma lança, cada um com sua preferência.

Eu não sei se eles compreendem o que está pra acontecer. Não sei se eles percebem que com suas armas, mal poderão se defender, quanto mais defender todo o vilarejo, mas não parece também que eles estão dispostos a se render.

As únicas imagens que se mantém fora do evento são, a senhora que continua sentada no banco em frente à sua cabana, a menina que continua com meu tratamento e eu que continuo desdobrado.

Do lado do meu corpo tento voltar a mim, mas não consigo. Deito em cima do meu corpo, mas nada acontece. Tento me conectar de várias maneiras, mas nada parece surtir efeito. Então começo a tentar fazer com que a menina me desperte. Me sinto um idiota pulando em frente a ela fazendo gestos, como se ela pudesse me ver.

- Meu Deus, sussurra ela, perdendo um pouco a concentração

- O que será que está acontecendo lá fora? Será que alguém nos descobriu?

Enquanto ela se questiona as luzes param de ser emanadas das suas mãos e eu me sinto, se é que

posso assim dizer, um tanto mais distante de mim mesmo.

Já havia notado que a dúvida faz com que as habilidades se enfraqueçam. O que me faz recordar de tantos sermões que ouvi enquanto mais novo. O padre dizendo que temos que ter mais fé, e que poderíamos fazer tanto mais se acreditássemos que éramos capazes. Eu acho que não era de tudo isso que estou passando que eles se referiam, mas talvez possa ser, sei lá.

- Minha filha, preste atenção no que está fazendo, você precisa se concentrar, falou a senhora da porta da cabana, como que sentindo que na menina pairava dúvida.

- Eu sei vovó, me desculpe, me distraí com tanto barulho lá fora.

- Você precisa salvar ele filha, talvez seja a única esperança do vilarejo no momento.

- Última esperança porquê?

- Vai mudar muita coisa hoje minha filha.

- Você se lembra que eu te disse que um dia ia chegar aquele que ia nos tirar da escuridão?

- Infelizmente não vão estar todos aqui pra ver o amanhã mas sem ele ninguém verá.

Do que ela estava falando? Tirar da escuridão? Eu? Eu acho que ela está com muitas expectativas em mim. Livrar alguém de alguma coisa, não

consigo nem voltar pro meu corpo.

Fique aqui e concerte ele, eu vou lá fora ver o que está acontecendo.

Lá fora a menina de fogo acabava de romper o campo de força e adentrar no vilarejo cuspido chamas por todos os lados.

Enquanto todos tentavam correr, o rapaz que controlava objetos a distância levantava um a um os guerreiros e os lançava pra bem longe enquanto o levitador dava rasantes bem próximo das pessoas fazendo com que se abaixassem e se rendessem.

Era uma luta desleal. Uma batalha do natural contra o sobrenatural. Estavam todos tão assustados que muito dificilmente alguém despertasse ali dentre eles e percebesse que também pode fazer tudo aquilo.

O terceiro, que da outra vez não fiquei pra ver do que era capaz, mal sabia eu que era portador de uma das habilidades mais capciosas. Ele era capaz de fazer com que as pessoas duvidassem e por isso, capaz de fazer com que as pessoas ficassem suas habilidades. Que ironia, a sua habilidade era na verdade a capacidade de ser super cético, mesmo vendo tudo aquilo a seu redor. Talvez sua habilidade era movida por uma grande inveja, não sei.

De repente a grande cúpula, desapareceu por completo. A senhora tinha deixado de acreditar

que podia proteger a todos. De fato, ela estava ali a um bom tempo, mantendo todo o vilarejo em oculto, mas agora já não acreditava mais e, portanto, não podia mais.

No meu peito uma enorme sensação de vazio, uma enorme tristeza ao ver alguém perder sua crença e ver que as consequências tinham sido catastróficas. Um a um os guerreiros estavam caindo e as mulheres e crianças passaram a se opor aos quatro que aparentemente sem compaixão alguma continuavam com o que haviam começado.

Todo aquele sofrimento por minha causa e eu ali preso fora de mim.

De repente todo o barulho lá fora cessou. Era um silêncio ensurdecedor que trazia junto a certeza de que algo estava pra acontecer.

Pela porta da frente um a um eles entraram e pararam ali encarando a menina.

Eu não podia deixar que eles a matassem também.

- Você está protegendo ele, pequena? Disse com uma voz debochada menina de cabelo azul enquanto se aproximava dela.

Eu conseguia sentir o desespero percorrendo aquele pequeno corpo que tanto tinha me ajudado.

- Dói quando eu faço assim? Perguntava ela enquanto segurava o seu braço e o esquentava.

A menina não saia do meu lado. Chorava de dor, mas não saia da minha frente.

Eu não fazia ideia do mal que as habilidades poderiam fazer a alguém quando comecei a usá-las. Já havia visto pessoas egoistas que não percebem o mal que fazem enquanto buscam algo que querem muito, mas isso havia passado do limite que eu considerava natural. Somos capazes de atrocidades muito maiores do que imaginamos.

A indignação e a raiva começaram a doer muito no meu peito, o que começou a fazer com que eu sentisse de novo meu corpo, senti que eu estava voltando a me conectar. Entendi que eu não havia voltado ainda porque não tinha sentido real necessidade.

Talvez eu estava gostando tanto da sensação de liberdade de estar desdobrado que tudo aquilo não tinha me afetado tanto. Se for verdade que eu não voltei porque eu não queria, sou responsável também por cada morte que aconteceu hoje.

Como se tivesse caído dentro do meu corpo violentamente retornei e toda a sensação de dor e angústia se traduziu em um enorme impulso que destruiu a cabana jogando todos pra trás, inclusive a menina.

Todos estavam desacordados. Não sei se algum dos quatro havia morrido. Peguei a menina no colo

e sai caminhando pra fora do que tinha restado da cabana.

Homens, mulheres, crianças e idosos, quase todos estavam mortos. Tinha acontecido ali umas das maiores, se não a maior atrocidade que eu tinha conhecimento.

No centro de tudo isso estava a senhora de jolehos, com uma criança no colo.

- De que adiantou todo esse tempo que protegi todo mundo? Diz a senhora enquanto chora e faz carinho na cabeça da criança.

- Aqui está ela, falo enquanto entrego a menina nas mãos da senhora.

Eu deixo a menina com ela e saio do vilarejo sem olhar pra trás, em direção à floresta. Não havia o que eu pudesse fazer agora.

Não tenho coragem de falar nada ou de ficar ali. Tudo aquilo tinha sido culpa minha.

Capítulo 14

O telecinético

Logo cedo já começo a ouvir as pessoas gritando lá embaixo. Crianças brincando, cachorros latindo, música tocando, pessoas gritando. Aqui é sempre uma grande algazarra.

Nosso cortiço é um lugar muito alegre e apesar de muito faltar pra todos nós, é como se todos estivessem se amparando, como uma grande família e toda grande família sempre tem problemas e sempre existe aquela pessoa que a gente não entende, que sempre parece que está fazendo as coisas pra chocar a todos e essa pessoa era Larissa mas depois eu falo mais dela.

- Peeeeeedro, gritou minha mãe já correndo logo de manhã tentando me acordar.
 - Vai se atrasar pra escola de novo moleque.
- Minha mãe era uma pessoa muito intensa e sem-

pre estava gritando comigo, tentando me fazer entrar no ritmo dela. Ainda mais agora que ela estava com algumas dificuldades por conta das suas pernas. Ela tinha caído feio a umas semanas atrás e estava de molho em casa uns dias.

Vai pra escola menino, tira a mão daí, já fez seu dever? Sempre uma cobrança, mas eu entendia que era o jeito dela me amar.

Como sempre, saio correndo atrasado pra aula e enquanto desço as escadas consigo ouvir de novo o padrasto da Larissa gritando com ela, era todo dia isso, um dia essa menina vai surtar.

Na escada ainda tropeço em alguns brinquedos, ali tinha muita gente e descer correndo era sempre uma aventura.

Depois de sair da escola. Meu dia foi meio nada demais, como a grande maioria deles. Alguns professores mala passando tarefa, uma zoeira ou outra com alguns alunos novos porque afinal estudar aqui não é moleza e a gente tem que manter o ritmo tenso que a gente aprende desde cedo né. O bom de sempre ter um aluno novo é que nunca preciso me preocupar em comprar lanche, eles sempre trazem e daí é só eu pegar o que é meu. Às vezes me sinto até meio que um Robin Hood tirando dos que tem mais pra dar pra os que têm menos, no caso, eu.

Na volta pra casa enquanto estou na esquina já escuto algumas pessoas gritando e vejo de longe uma fumaça preta bem grande na direção do meu prédio.

- Aaaaaah, corre, acuda, acuda. Grita a dona Dita desesperada levando um balde pra dentro do prédio.

Meu Deus, o que está acontecendo? O prédio está pegando fogo a uns dois andares abaixo do meu e minha mãe deve estar lá ainda, ela não está conseguindo muito bem descer escada.

Eu sei que é arriscado entrar no meio de um prédio pegando fogo e que ninguém deveria fazer isso, mas não tenho escolha, não posso deixar minha mãe morrer.

Enquanto subo a escada correndo vejo muita gente correndo e gritando e levando o que pode pra baixo, o que é um grande problema porque as escadas já são sempre cheias de tranqueiras jogadas e eu tenho que empurrar muita gente pra poder subir. As pessoas estão tão preocupadas em pegar suas coisas e salvar suas vidas que não pararam pra pensar em ajudar minha mãe. Família uma ova, aqui também pelo jeito é cada um por si.

Subindo a escada correndo vejo que era o apartamento da Larissa que está pegando fogo, a porta está aberta e no meio da fumaça, estava ela ajoe-

lhada no meio do fogo gritando.

- Eu não aguento mais!
- Por que você não me deixa em paz?
- Sai daí Larissa!
- O que você está fazendo?
- Você não está vendo que está tudo pegando fogo?

Eu sei que eu deveria tentar ajudar ela ali naquela situação, mas eu preciso ajudar minha mãe também. O fogo já chegou no nosso andar.

- Aguenta firme aí que eu já volto

Subo correndo os outros dois andares e um pouco antes de chegar no meu apartamento escudo uma explosão, provavelmente foi o fogão de casa, era hora do almoço.

Só vejo fumaça enquanto subo, está cada vez mais difícil respirar, mas não posso desistir.

Quando chego no apartamento as cortinas estavam pegando fogo e toda a cozinha em chamas, mas não encontrava minha mãe, ela tinha saído da cozinha um pouco antes e estava caída no quarto.

- Chico, meu filho, o que você tá fazendo aqui?
Vai embora

- Não posso te deixar pra trás. Consegue se levantar?
- Não vem aqui não filho, o chão tá caindo.

Construções de prédios de conjuntos habitacionais são quase sempre malfeitas utilizando materiais horríveis. O chão tinha ruído, que merda de material usaram ali.

Cada passo que eu dava na direção dela era um estalo que eu ouvia. Foram os piores minutos da minha vida. Ver a pessoa que eu mais amava bem ali na minha frente e eu não podendo fazer nada. Daria tudo pra poder de alguma forma pegar ela dali e sair em segurança.

- Sai daqui menino, você vai acabar se machucando

- Não mãe. Eu vou te tirar daí.

Eu andava de um lado pro outro pensando em o que eu faria, tentando não deixar ela perceber que a situação era muito difícil nem que ela visse minhas lágrimas. Nós dois precisávamos ser fortes.

Atrás dela a janela ruiu em chamas soltando um pedaço do teto, o que fez com que ela desmaiasse. Estava muito próximo o momento que eu a veria talvez pela última vez com vida.

Nesse momento me senti apesar da distância muito conectado a ela e consegui imaginar como se eu a estivesse tocando. A sensação era tão forte que eu quase podia sentir minha mão envolvendo o seu corpo.

Não sei se já havia sentido isso antes, mas era

como se meu corpo se expandisse e se tornasse do tamanho daquele cômodo. Por um momento fechei os olhos pra continuar sentindo a presença dela.

Mais uma explosão, não consegui abrir os olhos, imaginando que o chão tinha agora caído, mas ainda continuava sentindo minha mãe. Preciso fazer alguma coisa.

Já vi muita coisa impressionante na minha vida, mas ao abrir os olhos de longe tive a experiência mais de tirar o fôlego. O chão havia caído por completo e estava lá no andar de baixo queimando, todo o quarto da minha mãe, eu estava parado na porta com os braços estendidos e cerca de um metro de mim minha mãe estava levitando.

Logo percebi que a sensação que eu tinha de a estar segurando era real, eu, de alguma maneira a estava segurando nos braços, mas a distância.

Aos poucos vim trazendo ela na minha direção, a peguei com meus braços físicos e em prantos sai correndo do apartamento.

Não sei como tudo aquilo aconteceu, mas o mais importante é que minha mãe estava a salvo.

Larissa, tinha desaparecido.

No térreo enquanto os bombeiros apagavam o que tinha restado do edifício Silvana e colocavam os mais machucados em macas saí perguntando

por ela. Na casa dela foi encontrado um corpo totalmente carbonizado que depois os policiais disseram que era do seu padrasto.

O que as pessoas não se atentaram é que onde Larissa estava ajoelhada era o único ponto do apartamento que estava intacto, ao redor, tudo queimado como se de alguma maneira ela tivesse sido poupada.

Capítulo 15

Larissa

A vida de uma adolescente da periferia nunca é fácil e a minha história quando contada parece um grande clichê, mas é isso, sou eu, Larissa, o clichê ambulante, pelo menos até ontem, mas vamos chegar lá aos poucos.

Minha luta diária já era uma merda enquanto minha mãe estava aqui, mas desde que ela se foi e me deixou órfã ficou muito pior.

Na semana que minha mãe faleceu, fiquei só, em casa e mal tinha forças pra cuidar de mim mesma. Nessa época começaram a vir rodear minha casa, algumas pessoas do conselho tutelar querendo me levar embora, mas eu sempre fugia. Fazia um tempo que mal ia pra escola, preocupada em não ser levada pra um orfanato.

Depois de uma semana, quando já estava

exhausta de tanto fugir, aparece de volta aquele traste do meu padrasto.

Como alguém tem a cara de pau de ficar sumido alguns anos e voltar do nada como se nada fosse? Será que ele não sabia nem que minha mãe tinha falecido?

Antônio Crispim é o nome do sujeito. Nunca entendi o que minha mãe via nele. Sempre fechado em si, rude na maior parte do tempo, pouco sabíamos dele. Aparecia quando dava na telha e sumia da mesma maneira. A verdade é que ele nunca foi presente na minha vida por isso nunca consegui considerar que ele fazia parte da família, mas agora até que ele vai me ser útil. Apesar de ter vindo e não trazido nada pra casa, eu podia viver em paz, não precisava mais ficar fugindo.

No começo foi tudo ótimo, eu saia de manhã pra escola e o inútil estava dormindo, quando eu voltava estava sentado no sofá fazendo nada. Não estava vendo televisão, não tinha mexido em nada, somente ficava ali como se fosse uma assombração.

Com o passar do tempo ele começou a me cobrar que deixasse tudo arrumado em casa, ele não fazia absolutamente nada. Sempre que eu fazia algo, fazia questão de me colocar pra baixo me falando que tudo não era mais do que minha obrigação. Censu-

rava meu jeito de vestir, censurava meus amigos, me perguntava a hora que eu chegava, onde tinha ido.

Com o tempo comecei a me vestir de preto e pintar meus cabelos de roxo. Eu não tinha que dar satisfação de nada pra ninguém. Muito menos pra ele que não era nada meu.

- Onde você vai assim menina? Vai no cemitério? Bota uma roupa de mulher, assim ninguém vai querer saber de você.

- Que roupa de mulher cara, me deixa em paz. Você nem é meu pai.

- Não sou seu pai, mas você sabe que sem mim você não é nada.

Esse tipo de comentário me deixava muito irritada. Me fazia sentir como se todo o meu corpo esquentasse. Tem horas que eu só queria que tudo pegasse fogo, talvez assim eu ficaria em paz.

Dia após dia era isso, e eu já não aguentava mais, preciso fazer alguma coisa.

- Acorda menina, vem logo fazer o café

Que inferno, mais um dia essa tortura, não posso me submeter assim pro resto da vida. Enquanto eu preparava o café notei mais uma vez que meu corpo esquentava e eu sentia como se estivesse com uma grande febre, mas eu não podia fazer nada porque Crispim com certeza riria da mi-

nha cara e eu não estava disposta a pegar uma fila enorme naquele hospital para um médico de plantão me dizer que eu tenho alguma virose. O mais estranho é que ele me cobrava de fazer as coisas pro café, mas nunca encostava em nada, ele sempre dizia que não comia aquela gororoba que eu fazia. Estou decidida, vou pra escola agora de manhã e na volta vou falar pra ele tudo o que está engasgado na minha garganta.

Foi um dia horrível, aqueles garotos que sempre faziam bullying nunca me deixavam em paz, porque eu tinha o cabelo azul, porque eu não ficava batendo palma pra tudo o que eles falavam, porque eu não ficava me vestindo como aquelas meninas inúteis, enfim, por várias coisas que eu não pretendia mudar.

Chegando em casa, um pouco mais cedo porque eu tinha matado a última aula, estava ele sentado no sofá como uma estátua e meu corpo começou a esquentar de novo, mas dessa vez eu não me importei e comecei a gritar com ele. Minha mão começou a esquentar muito e depois de um tempo estava emitindo luz.

- Eu não aguento mais!

Das minhas mãos começaram a sair chamas e eu assustada as balancei achando que eu tinha pegado fogo de alguma forma, mas eu não me sentia quei-

mada. As chamas pegaram na cortina da sala e no sofá e no tapete. Em poucos segundos toda a sala estava pegando fogo e eu me ajoelhei de medo. O que eu estava fazendo?

A sensação de poder era muito grande e eu não me contive. Por um lado, eu queria que aquilo parasse, mas por outro queria botar fogo em toda a minha casa inclusive em Crispim.

- Finalmente você despertou, disse ele enquanto me olhada sorrindo de um jeito extremamente sarcástico.

- Eu sabia que você teria algo interessante pra me mostrar, por isso voltei.

- Na verdade eu desde que retornei, não estou aqui de corpo presente, eu estou desdobrado. Por isso nunca encostava em nada ou comia nada que você fazia. Na verdade, meu corpo está em segurança deitado em uma cama na casa da minha família de verdade.

- Como assim, maldito! Você me enganou todo esse tempo?

- Por hora eu me vou porque você precisa entender um pouco tudo o que aconteceu, mas logo eu volto pra te explicar tudo. Mas o que posso te falar por hora é que estamos em perigo. Existem muitas pessoas por aí com habilidades como a sua e elas são muito perigosas, mas nós vamos proteger

o mundo silenciando todos eles.

Capítulo 16

Crispim

Já fazem muitos anos que estou nesse coma. Bom, pelo menos isso é o que eu quero que as pessoas acreditem. Na verdade, eu estou desdobrado, ou seja, fora do meu corpo.

Descobri que posso fazer isso e também que tenho muito mais liberdade assim. Não preciso ficar preso à matéria. Não preciso ficar preso ao tempo espaço como ficava enquanto estava carregando aquele corpo velho e cansado.

Assim que descobri que posso fazer muito mais do que as outras pessoas, logo tomei a decisão que isso deveria me colocar em um patamar diferente também. Já que eu posso mais do que os outros, é porque tenho direito e, portanto, vou pegar o que tenho direito.

Desde que eu estou nesse estado tenho pensado

em como vou fazer pra conseguir tudo o que eu quero. Tenho um plano muito bem arquitetado na minha cabeça e dificilmente alguém vai conseguir me impedir.

Não tenho muita paciência pra essa coisa de mocinho e ladrão, bem e mal porque sempre parece que o mocinho está certo e por consequência o outro errado. Mas o que é o certo e o errado? Afinal não é tudo uma questão de ponto de vista?

Me chamo Antônio Crispim. Tenho uma filha chamada Joana e tinha também uma outra família, que minha filha sequer suspeita, em uma casa da periferia onde vive além da minha outra mulher, uma menina meio problemática, a Larissa.

Logo depois que minha segunda mulher faleceu em um momento de tristeza foi que descobri que podia desdobrar e modificar a realidade à minha volta. Desde então não retorno pra lá, mas agora eu decidi voltar, não porque sinta falta da menina que sempre foi um pé no saco, mas porque percebo que posso usar ela pros meus propósitos.

- Acorda menina, não se faça de sonsa. Temos muito trabalho pela frente

- Agora você volta?

- Vai me contar que história é essa de você não estar aqui? Eu estou te vendo

- O que é isso menina. Você é mais inteligente

que isso

- Eu estou aqui. Você não é o seu corpo, você tem um corpo.

- Preste a atenção porque eu não vou ficar te explicando várias vezes.

- O que aconteceu naquele dia do incêndio é que você tem a habilidade de fazer aquilo. Eu tenho a habilidade de sair do meu corpo e você tem essa habilidade.

- Como assim eu tenho uma habilidade? Sou tipo um mutante?

- Não menina, não viaja.

- Eu vou te contar tudo o que eu sei.

- Na verdade, aparentemente o ser humano pode fazer muito mais do que a gente achava. Ainda não entendi muito bem como funciona, mas o que eu sei é que existem por aí pessoas más usando essas habilidades e por isso a gente tem que ficar esperto.

- Você diz que tem tipo bandidos se aproveitando disso?

- É, mais ou menos. Mas o fato é, a gente não pode contar com a sorte. Se descobrimos que tem pessoas usando temos que acabar logo com isso antes que seja tarde demais.

- Como assim acabar com isso. Você está dizendo matar as pessoas?

- Acredite em mim. Eu também não queria

ter que fazer isso, mas se não fizermos elas podem causar muito mal. Essas pessoas não tem escrúpulos.

- Aqui no prédio, descobri que tem um outro garoto que também tem alguma habilidade. Fique esperta que nos próximos dias vou aproximar vocês e guiar pra que possam garantir que nossa cidade fique livre dessas pessoas que eu te disse.

- Você está dizendo que seremos heróis?

- Tipo isso. Não vai sair ninguém voando por aí e soltando raio pelos olhos, mas sim, podemos ajudar muita gente.

- Bom, na verdade tem um cara que pode sair por aí voando, mas isso é outra história.

Alguns dias depois, quando Larissa achava que Crispim não viria mais.

- Oi menina, eu te disse que voltaria aqui estou.

- O que você quer cara, não quero saber das suas roubadas não.

- Você não entende que existem realmente essas pessoas por aí e eu não estou inventando?

- Eu acho que é tudo coisa da minha cabeça e estou vendo coisas.

Enquanto Larissa falava isso, percebeu uma sombra grande pairar por cima deles, mas como estamos acostumados com nuvens se movendo, não deu muita bola.

- Você é muito cética menina, tanto que não percebeu o que acabou de acontecer. A grande maioria das pessoas não percebe o que está passando de baixo dos seus olhos. Olhe para cima.

Bem acima dos dois, um homem flutuava olhando bem nos olhos de Larissa. Começou a descer na direção dos dois e a sombra se tornar cada vez maior.

- O que é isso?

- Agora você acredita em mim?

- Faça o seguinte. Escreva um bilhete assim.

”Eu sei o que você fez

Você sabe do que eu estou falando

Me procure ou eu vou te dedurar.

Larissa”

- Coloque de baixo da porta do 402. Quando ele vier atrás de você, vou também estar lá e converso com vocês dois ao mesmo tempo de uma vez.

- Eu não vou fazer isso. Porque não faz você?

- Eu já te disse menina que meu corpo não está aqui, eu não consigo tocar nada.

- Não sou sua escrava, não vou fazer coisa nenhuma. Disse a menina enquanto virava de costas pra Crispim e saia andando.

Apesar de determinada a não se render a aquele pedido estranho, a curiosidade foi maior do que

tudo e ela se viu na frente do 402, parada com um bilhete na mão.

Eu não posso fazer isso, que loucura. Mas por outro lado eu vi o cara voando, então deve ser verdade.

Assim que coloca o bilhete de baixo da porta escuta alguém o puxando e encostando na maçaneta.

Larissa paralisada não consegue sair correndo como talvez fizesse se tivesse controle dos seus movimentos.

Capítulo 17

Unindo forças

O som da maçaneta veio junto com um enorme frio na espinha que imediatamente me paralisou. Como Crispim disse, assim que estivéssemos juntos, eu e esse rapaz, ele nos contaria tudo e eu não faço ideia do que poderia ser esse tudo, mas só a ideia do que possa ser já é o suficiente pra me deixar totalmente sem ação.

Depois daquele dia em que tudo pegou fogo eu fiquei muito sozinha. Vendo as pessoas no prédio chorarem suas perdas e sabendo que eu tinha causado tudo aquilo. Bom, pelo menos eu acho que fui eu, depois de toda aquela chama que saiu da minha mão. Eu tinha muito receio de encontrar alguém do prédio e descobrir que tinha sido responsável por exemplo pela morte da sua mãe.

Que nervoso!

A porta abre bem devagar e antes de ver quem estava abrindo, pela fresta já pude notar que Crispim estava sentado em uma poltrona na sala, com uma xícara de chá nas mãos. Pelo jeito eles já estavam lá conversando a um tempo. Como ele sabia que eu iria naquele momento e se antecipou? Não sei.

Um rapaz meio mal-encarado nos seus quinze anos, de estatura mediana e meio fortinho, aparentemente essa era a pessoa que eu deveria encontrar.

- Pode entrar menina, fala Crispim, como se já fosse íntimo na casa.

- É, entra logo, quero entender o que o velho quer, diz o garoto, impaciente.

- Achei que você ia trazer o cara que estava vendo também.

- Na hora certa, agora seria muita informação.

No apartamento, tinham muito poucos móveis, como a grande maioria do prédio, depois do incêndio. Na sala tinham só a poltrona e umas cadeiras. Não tinham fotos, quadros, enfeites, nada dos itens comuns a todas as casas da periferia onde moramos. Uma casa sem identidade ainda.

- Está vendo essa menina? Diz Crispim

- Ela foi a responsável por todo aquele incêndio. Ela literalmente ateou fogo em tudo com as

próprias mãos.

Caramba. O Crispim sabe apresentar uma pessoa como ninguém. Ótima primeira impressão.

- Porque você fez isso? Como fez isso? Como você teve coragem? Perguntou Pedro indignado.

- Eu não sei, juro que não sei, disse, enquanto seca o rosto das lágrimas que não consegui segurar. Aparentemente eu não era tão durona quanto imaginava.

- Tudo que eu sei é que estava muito brava e comecei a sentir meu corpo quente. Fechei meus olhos, quando reparei estava com as mãos em chamas e daí. Fogo.

- Você quase matou a minha mãe, fala Pedro enquanto caminha impaciente pela sala. Ele sequer olhava nos meus olhos

- Você matou algumas pessoas, deixou várias sem casa e sem nada, você tem noção disso?

- Quando as pessoas souberem disso, é bom você estar bem longe daqui.

Tudo o que ele estava me dizendo, era a mais pura verdade. Eu no lugar de todas as pessoas ia me querer morta ou pelo menos que eu pagasse de alguma forma por todo esse estrago.

- Calma, vocês vão ter muito tempo pra se desentender depois, agora me escutem. Disse Crispim, enquanto tomava uma xícara de chá calma-

mente.

- Vocês percebem como somos todos reféns dessa situação?

- De certa forma, Larissa não tem culpa de ter queimado quase todo o prédio. Assim como você, Pedro, não planejou ter levantado sua mãe mesmo estando tão distante dela.

- Descobri a um tempo atrás que as pessoas podem fazer muito mais do que acreditávamos. Pessoas podem voar, controlar fogo, sair de seus corpos e quem sabe quantas coisas mais. Ainda não entendi como tudo isso se manifesta. Mas eu acredito que fomos de certa forma escolhidos e portanto temos a obrigação de evitar que o pior aconteça.

- Quando digo pior, imagino pensando em tudo o que o ser humano já faz com pouco poder nas mãos como por exemplo tendo mais dinheiro, o que não faria caso descobrisse que pode ter vantagens muito maiores sobre os outros.

- Não podemos deixar que isso aconteça e é por isso que juntei vocês aqui.

Pedro estava com um sorriso sarcástico no canto da boca e olhando para o alto, provavelmente imaginando tudo que poderia fazer com a sua habilidade.

Eu, não to nem aí para o que esse moleque vai

fazer, contanto que não me afete. Eu só quero é ver o mundo pegando fogo.

- Vocês podem estar pensando. E daí as pessoas que se resolvam, elas que se explodam.

- Mas a questão é que eventualmente isso pode sair do controle e causar uma grande merda, dessas que ninguém consegue limpar.

- O que você quer da gente, vai direto ao ponto, diz Pedro, sempre impaciente.

- O que eu quero? O que importa não é o que eu quero, mas sim o que precisamos fazer.

- Precisamos garantir que isso não vai acontecer.

- Não quero descobrir do que o ser humano é capaz. E acreditem, vocês também não querem.

- Eu já vou dizendo que não vou matar ninguém, diz Larissa.

- Essa sua conversa está muito com cara de alguém tentando nos convencer a roubar um banco ou fazer alguma merda que pior, você não pode fazer, porque nem está aqui.

- Como assim não está aqui? Pergunta Pedro

- Ah, olha só, começamos bem, seu Crispim. Já está mentindo pro garoto.

- Ele não está aqui, ele está como ele sempre fala, desdobrado. O corpo dele está sabe Deus onde e ele está aqui em espírito, sei lá.

- Não te contei isso porque planejava ir aos poucos, mas a Larissa sempre coloca as mãos pelos pés, fala Crispim deixando a xícara na mesa e se levantando

- Sim, meu corpo não está aqui, essa xícara não está aqui, mas eu estou. Já te expliquei que não somos nosso corpo, temos um corpo.

- Enfim. O que eu proponho a vocês é nos unirmos pra evitar que mais pessoas despertem.

- E como vamos fazer isso?

- Eu como estou em espírito não tenho as barreiras que vocês têm e portanto consigo me locomover muito rápido, quase estar em vários lugares ao mesmo tempo, então sempre que descobrir alguma pessoa suspeita eu aviso vocês e preparamos a nossa abordagem para neutraliza-lo.

- Eu nunca gostei desses termos e das suas ideias militares mas entendo que é necessário.

- Hmm, Estou dentro também, diz Pedro.

-Bom, então, vocês a partir de agora tem uma missão paralela nas suas vidas que é garantir o bem de todos, então fiquem sempre espertos porque a qualquer momento eu posso contatar vocês. Após dizer isso, Crispim desaparece bem de frente aos nossos olhos. Ficando na sala somente eu e Pedro.

Depois de nos olharmos por um bom tempo sem falar nada acredito que ambos pensaram a mesma

coisa.

Algo me diz que minha vida nunca mais vai ser a mesma e que ainda vou me arrepender dessa decisão, mas por hora faz sentido, então, bora lá.

Capítulo 18

Desdoblado

Continuo correndo no meio da mata, deixando o vilarejo pra trás. Meu Deus que coisa terrível, que massacre. Tenho que correr o máximo que eu puder pra tentar me esconder deles. Sozinho eu não tenho a menor chance contra os quatro.

Depois de tanto tempo fugindo, nem sei muito bem o quanto, consigo despistar eles. O dia já está quase acabando e eu estou muito cansado, acho que vou me encostar em uma árvore e descansar um pouco, depois eu penso no que faço.

É impressionante, uma floresta como essa e eu nunca tentei descobrir o que tinha dentro. É um lugar muito bonito, uma mata fechada cheia de vida. Apesar de tanta vida não vi nenhum animal aqui por perto, talvez seja seguro me encostar aqui, mas pra evitar ser encontrado enquanto durmo, melhor

me esconder debaixo de algum tronco caído. Talvez eu demore um pouco pra dormir, porque tem muita coisa passando na minha cabeça mas ao menos vou tentar me desconectar um pouco deles pra descansar um pouco meu corpo.

- Aaaaaah! O que é isso?

Eu estou vendo meu corpo ali e eu aqui, de novo. Isso já está ficando chato. Bom, vou aproveitar um pouco. Já que não tenho a prisão do meu corpo, posso volitar até acima da floresta e ver onde estou. Enquanto eu subo, é muito estranho não sentir nada, nenhuma folha, nenhum vento, mas é normal, eu acho, já que não estou no meu corpo.

Olha só! Aqui em cima a cidade é linda. Consigo ver as luzes do centro da cidade, ver os prédios e as luzes dos carros passando de um lado pra outro. Consigo ver até minha casa daqui, não fica muito longe.

Nossa! Me lembra que aquele condomínio perto da minha casa tinha quatro prédios, agora só tem três, que estranho, o que será que aconteceu?

- O que é isso?

- Como eu vim parar aqui?

- O que é esse prédio pegando fogo? É o quarto prédio, mas agora pouco eu vi só três. Meus Deus, quantas pessoas pedindo socorro? Não sei o que está acontecendo mas preciso fazer alguma coisa.

O fogo parece que vem daquele andar e como estou fora do meu corpo não posso me queimar, vou pelo menos ver.

Quando chego no ponto que está queimando mais intensamente algo que eu não esperava encontrar, era a menina de cabelo azul e estava desesperada soltando labaredas pelas mãos. Tudo ao seu redor queima, mas onde ela está ajoelhada, nada. Ela parece um pouco diferente, seu cabelo está maior. Espera! Cabelos não nascem do dia pra noite e agora pouco ela estava me perseguindo na floresta. Isso não faz sentido.

Eu tenho uma hipótese que se for real muita coisa muda. Eu acho que além de estar em lugares me movendo muito rápido consigo também estar em tempos diferentes. Não sei se é uma característica da habilidade de desdobramento ou se nessa forma espiritual tenho acesso a mais habilidades, mas o ponto é se for mesmo verdade, tempo espaço parecem não ter distinção nessa forma.

Mudei de novo de lugar. Agora estou de frente ao prédio, volitando de frente a uma janela acesa mas o prédio não está mais em chamas. Vou entrar pra ver o que tem lá dentro.

Atravesso a parede, mais uma das habilidades que não sabia que tinha, e dou de cara com uma sala e lá, para meu espanto, está Crispim tomando

chá com um rapaz.

Alguém colocou algo debaixo da porta e o rapaz que parece que já sabia que isso ia acontecer, está abrindo a porta.

Eita! É a menina de cabelo azul e ela olha pra eles com espanto. Eu acho que fui pra um momento em que eles não se conhecem. Caraca, eu estou mesmo me movendo no tempo. A conversa entre eles é muito estranha. Crispim convence a todos que eles tem que eliminar os que tem habilidades.

Caramba!

Crispim então está por trás de tudo isso. Eles não tem culpa de nada, são jovens e foram enganados. Meu Deus.

Ah! O que é isso? Onde eu estou agora? Ou melhor, onde e quando?

Não tenho muito controle disso que está acontecendo. Estou no mercadinho perto da minha casa. Porque eu estou aqui?

Será que é o dia que...

Nossa, eu estou vindo ali. Vou me esconder. Parece meio idiota mas depois de ver tantos filmes com viagens no tempo, acho melhor não abusar e não deixar que meu eu do passado me veja teu consiga descobrir quem é aquele senhor que me abordou e falou pra levar o relógio.

Estranho, meu eu do passado está acabando as

compras e nada dele aparecer. Deveria ser agora mas cadê ele? Será que eu modifiquei a realidade de alguma forma?

Preciso me avisar de alguma forma se não quando eu for perseguido estarei perdido.

Bom, como não quero que ninguém além de mim tenha influência temporal coloco uma ilusão na minha própria mente. Finjo ser um ajudante do seu Antônio.

- Oi rapaz, - Tudo bem com você? Vejo que ainda não encontrou tudo o que procura. - Já encontrei sim, disse eu do passado, pegando o último pacotinho de canela. - Não é disso que estou falando, você sempre foi muito impetuoso e não pretendo te convencer de nada, mas te dou um conselho, hoje de noite, se lembre de levar seu relógio de bolso.

Algo me diz que eu era de fato aquele ajudante e não estou nada mais do que cumprindo o destino.

Ahh! De novo mudei quando estou?

Mas espera, aqui eu não conheço, que lugar estranho. Conheço sim. É o centro da cidade, mas a prefeitura está toda destruída. A praça com todas as árvores pegando fogo. Tudo ao redor está estranho, carros de ponta cabeça, postes derrubados, faíscas.

Acima de mim um rapaz volitando, olhando tudo lá do alto como uma águia. Vejo ao meu re-

dor várias pessoas com a habilidade da menina de cabelo azul queimando tudo ao seu redor, algumas pessoas lançando carros a distância. Pessoas com cabeças de animais. Que tempo estou? Estou no futuro? e que futuro é esse. Será que é isso que vai acontecer? Eu não posso deixar isso acontecer. Parece que o poder das habilidades subiu a cabeça das pessoas e elas estão num tipo de transe coletivo destruindo tudo ao seu redor. Não posso deixar isso acontecer.

No discurso de Crispim, ele citava que queria eliminar as pessoas pra evitar que esse futuro aconteça. Não acredito que seja a única abordagem. Nos dois temos a mesma visão de possibilidade de futuro mas eu não concordo com ela. Talvez ele também tenha visto o que vai acontecer mas não acho que matar as pessoas seja a solução. Preciso dar um outro jeito e precisa ser rápido antes que isso aconteça e antes que Crispim e quem mais ele convencer façam do futuro o que eles acreditam.

Capítulo 19

A busca

A discussão sobre viagens no tempo sempre são controversas, pelo menos em livros teóricos e alguns casos de ficção científica. Alguns dilemas sempre são tratados, como por exemplo tomar cuidado para não quebrar o que muitos chamam de contínuo tempo com alguma ação que modifique o passado, ocasionando em efeitos em cadeia que gerem um presente e, portanto, futuro incerto. Mudar o futuro é sempre uma incógnita pois se temos o livre arbítrio de decidir o que vamos fazer, não faz sentido que algo já esteja predeterminado.

Eu gosto de pensar que o futuro é uma projeção de nossas ações e, portanto, é possível ver o futuro mas talvez não ir para ele pois ele de fato sequer existe mas como disse, tudo isso não passa de teoria e como toda boa teoria, sempre temos que dar

uma ajustada quando confrontada contra a realidade.

Depois de ver esse futuro meio apocalíptico em que as pessoas estão tomadas pelo poder de suas habilidades, tomando decisões que eu considerava improvável em uma escala tão grande como vi, confesso que algumas de minhas crenças mais primárias, a de que existe mais bem do que o mal ficou um pouco abalada. Considerava que uma ou outra pessoa se aproveitaria de suas vantagens e cometeria um ou outro crime, mas o que eu vi foi destruição por todo lado e feições de raiva e prepotência.

Enquanto estava lá nesse futuro, vi algumas habilidades incríveis. Vi um rapaz que conseguia atravessar paredes e objetos, não como se se tornasse etéreo, mas como se a parte do seu corpo que encosta no objeto se tornasse do mesmo material que o objeto. No meio dos carros explodindo havia um rapaz que manipulava como que bolas de energia, bem parecido com aqueles poderes de jogos de videogame. Uma menina que desaparecia de um lugar e aparecia em outro, tele transporte. E um rapaz que ficava volitando acima de tudo, observando. De todas essas habilidades, a menos perigosa era a de volitação, uma porque não me parecia uma habilidade de ataque e outra porque, pela

minha lembrança, o rapaz me parecia bem tranquilo.

Quando fui perseguido, tinha um cara lá que eu vi volitando, mas ele também só estava observando, da mesma maneira que eu vi no futuro, então não posso dizer que ele estava ali fazendo algo de mal.

Depois de ficar meio que preso fora do meu corpo ao usar o desdobramento por não conseguir me focar em onde eu estava naquele momento, entendi que posso estar, caso eu me concentre bastante, em qualquer espaço tempo que eu conheça mas não consigo afetar a matéria quando lá chego pois estou lá em espírito.

Eu acho que na verdade todas essas coisas que eu consegui fazer enquanto estava desdobrado são outras habilidades, mas enquanto estamos fora do nosso corpo temos acesso mais fácil. Estou com uma suspeita de que na verdade nós podemos ter várias habilidades e nosso corpo de certa forma nos prende e não manifestamos essas habilidades algo como se estivéssemos envolvidos com um véu que nos impede de ver e acessar o nosso verdadeiro potencial. Se essa minha suspeita for real, assim como eu consegui desdobrar e gerar realidades nas mentes de outras pessoas, posso volitar, soltar fogo pelas mãos, viajar no tempo e muitas outras

coisas que nem consigo imaginar. Um ponto que essa minha descoberta trás de maior ainda do que eu poder fazer muito mais é que todos podem.

Já parei pra me perguntar se sempre que dormimos na realidade não estamos também desdobrados e nossos sonhos estão acontecendo em algum espaço tempo. Bom, agora estou cansado e vou me deitar um pouco, me preparar pra amanhã em que pretendo começar a minha busca e sair atrás do volitador e tentar entender como ele faz. Pode ser um dia incrível se eu descobrir que assim que eu descobrir como ele pode fazer eu também puder fazer pois vai me liberar um outro universo.

Capítulo 20

Des Envolvendo

Uma maneira de eu encontrar o volitador, parece óbvio, mas é sabendo onde ele está e quer maneira melhor do que eu desdobrado podendo praticamente aparecer onde ele está sem nem saber como fui até lá?

Pois é, e foi o que fiz. Mas meu controle sobre a habilidade ainda não é tão boa assim então eu sempre demoro para conseguir começar e mais ainda para conseguir me focar e ir onde eu quero, viajar no tempo então é muito mais difícil. Ainda acabo sempre aparecendo em lugares aleatórios ou em momentos da minha vida.

Sempre que eu preciso ir a algum lugar específico preciso me preparar por um tempo. Sento em um lugar confortável, com pouca luz de preferência, em algum lugar com pouco barulho, por-

que eu preciso me concentrar em quem eu sou, em mim mesmo. Começo por me sentir, sentir meu corpo, controlar minha respiração e então passo a imaginar que já estou saindo do meu corpo. É um processo bem demorado, mas finalmente consigo.

Pronto, estou ao lado do meu corpo. Me concentro agora nas vezes em que eu vi o volitador e logo apareço naquele beco onde fui perseguido e o avistei pela primeira vez. Olho tudo ao redor, ele não está aqui.

Me concentro de novo e estou no pátio da escola, depois no centro da floresta. O que estou fazendo errado?

Talvez eu esteja me conectando mais com o local e como eu me sentia no momento do que com ele de fato mas é difícil me conectar com alguém que sequer conheço.

Se concentra cara. O que será que ele gosta? Se eu fosse ele, onde estaria? Como ele descobriu que podia volitar?

Opa, mudei de lugar de novo.

- Tira a mão daí menino, escuto uma voz feminina gritando.

- Ah mãe, eu não posso nada. Um menino assustado, guarda a panela que tinha na cabeça. Estava brincando sozinho em casa e talvez aquele fosse seu capacete, não sei.

- Mas também, olha as brincadeiras que você quer fazer? Sempre quebra minhas coisas.

- Porque não é uma criança normal que fica quieta desenhando?

- Você não queria que eu existisse, não é? Pergunta o menino segurando a panela e com cara de triste.

- Eu queria menino, que você as vezes me deixasse em paz, mas não pra sempre.

- Um dia eu vou ficar bem longe de você e não vai mais ter que me ver, fala o menino enquanto sai correndo e chorando para o seu quarto.

Por que eu estou vendo isso? Será que ele é o volitador e eu voltei no tempo? Que mãe horrível quer que o filho suma?

- Eu ainda vou pra bem longe, e um lugar onde ela não vai poder me achar, fala o menino enquanto chora.

Percebo que enquanto ele chora, em desespero, coloca suas mãos como que para fazer uma prece seu corpo começa a levantar do chão. Eu acho que estou presenciando a primeira vez que ele volitou. Não sei se ele percebeu o que está acontecendo.

De novo, estou em outro lugar. Isso de ficar aparecendo e desaparecendo é sempre confuso.

Parece uma escola. É a minha escola.

- Sai daqui seu nerd. Porque você não pode simplesmente não existir.

- O que você vai fazer? Correr pra mamãe?

Meu Deus, por que as pessoas não deixam ele em paz?

Ele sai correndo pra trás do prédio e eu vou atrás, com certeza ele vai volitar, eu preciso ver.

Escondido atrás do prédio com as mãos no peito e de olhos fechados, como se estivesse fazendo uma prece, começa novamente a volitar. Não é possível que para volitar temos que rezar. Nada a ver.

Sigo ele até lá em cima, enquanto desdobrado parece tudo tão simples.

- É tão bom poder vir aqui em cima. Me sinto muito mais leve, me sinto muito mais livre de todas as coisas que me colocam pra baixo. É tão libertador.

Acompanho ele por mais alguns momentos. Sempre as pessoas o colocando pra baixo e ele nunca contestando, sempre aceitando.

Parece que a volitação é a maneira como ele encontrou como sua válvula de escape. Mas o que todos esses eventos tem em comum?

Ele sempre passa por algo que o coloca pra baixo, e sempre tem o momento que ele aparentemente faz sua prece. Ele disse que era libertador.

Disse que era como se sentisse mais leve.

Mais leve.

É isso!

Não é que ele precisa rezar para volitar, como ele disse, é preciso se sentir mais leve e precisar muito estar livre de tudo o que o coloca pra baixo. Talvez o que nos faça nos sentir pra baixo realmente nos faça e nossos pensamentos tenham uma força enorme no nosso corpo. Assim como quando eu descobri que podia mudar a realidade, tudo iniciou com eu querendo muito que a realidade fosse diferente, querendo tanto e acreditando tanto que aconteceu.

Aparentemente pra conseguir usar alguma habilidade, a gente precisa sentir no nosso corpo e acreditar que é possível.

Crispim está usando ele também. Provavelmente prometeu algo pra ele. Uma pessoa que sempre passou pelo que ele passou deve ou querer se vingar de todo mundo ou no mínimo ser uma pessoa vulnerável.

As coisas seria muito mais óbvias se eu visse que todos são maus, mas não é o caso, todos eles estão sendo enganados e eu preciso além de impedir que façam coisas erradas, abrir os seus olhos.

Mas por hora, já posso voltar pro meu corpo, preciso testar se consigo volitar também. Mas an-

tes preciso descansar, desdobrar é muito cansativo.
Pode parecer contraditório mas mesmo com meu
corpo ali sentado, estou exausto.

Capítulo 21

Mais leve

- Alô, aqui é a Joana, filha do Crispim, você se lembra de mim?

- É claro que sim. Como é bom ouvir aquela voz, mal ela sabe. Eu não podia contar de como eu a conheço e do tempo que vivemos, porque na verdade não passou de uma ilusão criada pelo Crispim.

- Escuta, meu pai anda muito agitado ultimamente e já ouvi falando seu nome algumas vezes, fala alguns outros também, mas só o seu eu lembro.

- Ele solta umas palavras soltas, pensei se você não poderia vir aqui, talvez algo te faça mais sentido.

Rever Joana é sempre uma ótima idéia, ainda mais agora que eu sei sobre os planos do pai dela.

- Eu dou uma passada aí hoje de tarde então, nem que seja pra te acalmar, também.

- Muito obrigada, fico mais tranquila assim.

Eu queria muito treinar a volitação, mas posso fazer isso mais tarde, não posso perder essa chance única de descobrir como impedir os planos dele.

Eu poderia simplesmente ir lá e matá-lo. Eles não reagiria e eu podia inventar que ele teve um AVC ou coisa do tipo, mas essa pessoa não era eu, eu não pretendo me tornar a pessoa que vai acabar com os problemas me tornando o tipo de pessoa que quero combater.

Chegando na casa, ela estava me esperando, dessa vez na porta, com um vestido florido, longo.

- Ainda bem que você chegou, entre, falou Joana enquanto colocava a mão nas minhas costas.

- Eu vim correndo logo que me chamou.

- Ele está muito estranho, vamos lá pro quarto.

Enquanto fui entrando, notei que a sala estava meio bagunçada, como se algumas pessoas tivessem ido lá, mas não tive tempo de perguntar. Ao chegar no quarto, de frente pra cama onde o vi da última vez, uma grande surpresa, ela estava vazia.

- O que é isso...

- Onde estou? Que dor de cabeça horrível.

- O que é isso? Eu estou amarrado.

- Joanaaaaaaa

Eu não sei o que está acontecendo, tudo o que eu sei é que estou amarrado a uma cadeira antiga, de madeira em um quarto sem janelas e com uma clarabóia bem lá em cima, que me permite ver um feixe de luz. O dia parece que está começando a cair e começa a escurecer um pouco mas na minha frente ainda consigo ver uma porta velha.

- Joanaaaaaaa

Depois de um tempo gritando, em vão, não sei se alguém pode me ouvir quando estava quase desistindo ouço o barulho da maçaneta e o ranger da porta com um desses barulhos de filme de terror.

- Eu sei que é bem clichê mas não adianta você gritar, eu já testei e acredite, daqui de onde estamos ninguém vai vir te salvar.

Essa voz não me era estranha.

- Sou eu garoto, Crispim.

- Tive que convencer Joana de te chamar aqui porque eu sei que você viria.

- Mas como você está aqui? Não estava em coma?

- Você acha mesmo que eu estou a mais de vinte anos em cima? Você é mesmo muito ingênuo, me diz ele enquanto se aproxima onde eu possa ver seu rosto.

- Era importante as pessoas me verem como alguém vulnerável e incapaz de fazer qualquer mal

mas a verdade é que de vez em quanto eu volto pro meu corpo. Mas isso não vem ao caso agora.

- Por que você me trouxe aqui?

- Você me subestima muito, garoto, me fala Crispim com um voz ríspida, me dando um enorme frio na espinha.

- Acha mesmo que eu não sei que você estava ouvindo a minha conversa, no apartamento, enquanto eu estava com Larissa e Pedro?

- Eu queria te ajudar, bom ainda queria que você acreditasse, mas você tem causado muito problema expondo sua habilidade por aí pra todo mundo.

- As pessoas não estão prontas pra saberem que alguns podem mais que outros. Nós fomos escolhidos e por isso temos o direito de ser donos de tudo, diz Crispim com a feição pesada me olhando com um olhar bem frio.

- Não!

- Não somos especiais ou melhores que ninguém.

- Cala a boca moleque, grita ele enquanto me dá um rapaz no rosto.

- Você não sabe de nada. Eu já tenho essa habilidade a muito tempo.

- O que importa é que pra mim não é interessante que você saia por aí nos expondo e por isso vou te prender aqui por hora, até eu decidir o que

melhor fazer com você.

Saiu então, batendo a porta e me deixa do só de novo na sala escura.

Ele realmente acredita que algumas pessoas tem mais direitos que outros e que só alguns tem habilidades. Estou bem certo que todos podem ter, na verdade que todos podem usar todas as habilidades.

Como eu vou sair daqui? Pela cara dele, não sei o que pode me fazer. Preciso sair o quanto antes.

Depois de um bom tempo tentando colocar minhas ideias no lugar e digerir o que tinha acontecido me lembro de como o rapaz volitador dizia que tinha conseguido usar sua habilidade e a única saída que eu tinha era pela clarabóia. Como Crispim acreditava que as pessoas só podiam ter uma habilidade, jamais imaginaria que eu posso escapar por ali.

Preciso me sentir leve.

Eu não sei rezar, nunca fui uma pessoa religiosa, então vou ter que inventar outra maneira.

Fecho meus olhos e me concentro na minha respiração.

Inspira, respira;

Inspira, respira;

Leve

Leve

Ouço um gotejar perto de mim que até me ajuda a concentrar.

Inspira, respira

Começo a sentir meus pensamentos mais calmos, sentir que estou mais leve, bem devagar.

Abro meus olhos e pra meu espanto, eu estava volitando. Amarrado na cadeira e volitando.

Me assusto e por um instante, Caio de onde estou, quebrando a cadeira.

E agora? Alguém vai me ouvir.

Depois de um tempo tenso vejo que Crispim tinha razão e ninguém veio ver o que estava acontecendo. Eles tinham tanta confiança que não sairia dali que nem colocaram alguém olhando.

Repto da mesma maneira que fiz.

Fecho meus olhos e começo a me sentir mais leve. Quando abro, estou volitando e dessa vez tento me manter calmo. Ultrapasso a clarabóia e finalmente escapo. Não sou veloz como nos filmes em que as pessoas voam super rápido, é algo mais como uma folha que plana no céu, mas não desgovernada.

Como eu imaginava, podemos muito mais e isso quer dizer muito mais do que parece. Quer dizer que as pessoas podem ser muito mais poderosas do que eu imaginava, mas também quer dizer que eu tenho uma vantagem sobre Crispim e quem mais

esteja com ele porque eles não sabiam disso.

Mas agora não é hora de ficar pensando, preciso me esconder o quanto antes, porque é questão de tempo até notarem minha falta.

Amanhã sem falta preciso começar a tentar entender outras habilidades que já vi, preciso de algumas que me sejam úteis caso precise me defender.

Capítulo 22

Sempre aqui

Quando fui para o futuro, vi muita merda acontecendo, muita gente usando suas habilidades e destruindo tudo ao seu redor, mas de tudo isso, o que mais me marcou foi ver nos rostos deles, raiva e ódio. Ao contrário do que eu achava, com as habilidades, as pessoas não estavam felizes.

Eu acredito que a felicidade é um dos termômetros de que estamos fazendo o que é certo, e isso é um dos meus motivadores pra não me esconder mas sim lutar contra esse futuro caótico, independente do que aconteça comigo.

Bom, eu não acho que eu deva juntar habilidades como muitos juntam dinheiro, não preciso ser a pessoa mais forte do mundo ou coisa do tipo, até porque, usar todas as habilidades, a meu ver, deveria ser um direito de todos. Imagina como o mundo

não seria incrível se todos usassem as habilidades sem se aproveitar ou humilhar os outros. Mas parece que alguém já teve essa ideia com os bens que temos hoje em dia, e ainda não deu muito certo, deve ter um bom motivo. Mas por hora, preciso aprender o máximo que eu puder.

Já tive contato com pessoas que conseguem mover objetos a distância, e por um tempo eu também consegui. Conheci a menina que solta fogo pelas mãos, a menina que cura, o cara que volita e o que faz com que as pessoas não consigam usar as habilidades, que a meu ver é importantíssima para momentos de desespero e senti também uma que me fez um pouco perder o controle, que foi o momento que senti alguém dentro da minha cabeça, mas de todas essas percebi algumas coisas. Cada um só usa uma habilidade, sempre e eles todos passaram por alguma coisa triste antes na vida.

As habilidades são como sentidos, mas é claro que algumas são mais devastadoras que outras e algumas muito mais valiosas pra o que eu preciso agora que é estar preparado quando for atacado de novo.

Não sei muito bem atrás de qual eu vou primeiro, até porque eu nem sei quanto tempo eu tenho, não sei se aquele futuro é daqui a uns dez anos ou semana que vem, eu não conseguia muito bem ver

os rostos ou reconhecer pessoas.

Ainda que eu saiba controlar e usar muitas habilidades, ainda tem um outro ponto, sozinho eu não sei se consigo lutar contra todos que estão do lado de Crispim. Quem poderia ser meu aliado? Preciso de alguém forte, ou pelo menos alguém em quem eu possa confiar.

A velha na floresta. Ela é a única que me ajudou até hoje e talvez me ajude a saber o que fazer.

Enquanto eu pensava em como eu deveria me embrenhar pela floresta tentando descobrir como chegar no vilarejo de novo a minha cabeça começou a ficar meio confusa de novo, da mesma maneira que quando fui espionar aquela festa que fui convidado. Em uma dose bem menor mas aquele desespero estava de volta, porque de novo sentia como se alguém estivesse dentro da minha cabeça, mas dessa vez, mais em paz, mais controlado e, depois de um tempo percebi que era como se alguém falasse dentro da minha cabeça.

- Eu estou sempre aqui, diz uma voz feminina, dentro da minha cabeça.

- Quem é você? Como está fazendo isso?

- Eu já te disse que você duvida demais, mesmo depois de ver e passar por tanta coisa, me disse a voz, em um tom muito doce.

- É você? A senhora do vilarejo?

- Então era você aquele dia? Você já vem me salvando a um bom tempo.

- Aliás, da outra vez, não tive tempo de te perguntar seu nome.

- Meu nome não faz diferença filho.

- E sim, eu venho te acompanhando a mais tempo do que imagina.

- Aliás, já parou pra pensar que muitas vezes quando você tem uma ideia que não parece ser sua, talvez ela não seja sua mesmo.

- É certo que eu sempre disputei te influenciar, com muitas outras pessoas, mas isso não vem ao caso agora.

- Você estava na minha cabeça então esse tempo todo?

- Então você já sabe o que está acontecendo e que eu preciso da sua ajuda.

- Eu sei sim, me fala ela com uma voz tão calma que eu senti como se estivesse sendo abraçado e acalmado.

- Mas será que o que você realmente entendeu o que está acontecendo? Você sabe o que está procurando?

- Isso não é uma grande batalha de poderes dessas que você está acostumado a ver nos filmes e vencer não significa derrubar ninguém. Porque se

você assim fizer terá na verdade se rendido pra verdade deles.

- Mas então o que eu tenho que fazer? Você está mais me confundindo do que ajudando.

- Eu sei que você esperava encontrar um parceiro de batalhas, mas eu te digo que a real batalha vai ser travada na consciência e só vai ser vencida, se é que pode ser vencida, quando você entender e aceitar a natureza de tudo.

Enquanto ouvia , dentro da minha cabeça todos essas idéias, não reparei que estava totalmente exposto no meio da rua, parado e totalmente desprevenido, me esqueci por um tempo que eu tinha acabado de fugir de um problema maior do que eu conhecia.

Fui desperto por um enorme clarão e um grito.

- Então finalmente eu te achei!

Era Larissa, com as mãos em brasa dobrando a esquina e correndo na minha direção.

Agora, ficar filosofando não ia me salvar. Muito passou na minha cabeça naquele momento. O que ela quis dizer com a batalha ser vencida na consciência?

Não tive tempo de me preparar, mal sabia voltar, com medo não conseguia criar ilusões direito e controlar objetos não passava de uma vaga lembrança.

Talvez eu possa correr. Esbocei me virar e fugir o mais rápido que eu pudesse, mas eu sempre corri na minha vida, hoje não. Não posso mais fugir, preciso enfrentar dessa vez.

Não sei o que vai acontecer comigo, se vou estar vivo no final desse dia.

Ali olhando pra mim no começo do beco estava ela, brincando com as labaredas, andando bem de vagar na minha direção, com uma expressão de revolta no rosto e a mesma confiança de sempre.

- Bom minha amiga, falei na minha cabeça.
- Eu sei que você não quer que eu brigue, mas por favor, pelo menos me instrua de algo porque de mim mesmo, não faço ideia do que eu vou fazer.

Capítulo 23

Contra fogo

Sério mesmo!

Em plena luz do dia?

Ou eu irritei muito alguém ou o plano de não mostrar as habilidades pra todos já não é mais a principal prioridade deles.

Lá vem ela pela rua. Com uma feição muito brava, olhando fixamente nos meus olhos. Parece loucura, mas agora que eu tenho tempo de olhar mais de perto, até que o brilho das labaredas no cabelo azul, deixa ela bem gata. Ela podia ser mais amigável, não é mesmo?

- Eu não sei como você fugiu de lá mas eu vim aqui pra te buscar de volta, fala Larissa enquanto chega bem próxima de mim.

Eu devo estar louco, não tenho a menor chance se ela quiser me machucar e ela parece bem dis-

posta a isso dessa vez.

A um pouco mais de um metro, ela da um salto e me pega pela gola da blusa.

- Você está maluco? Não vai nem tentar fugir?
- Não sabe que eu poderia te fritar facilmente?
- Eu acho que você não quer me matar? Se quisesse, já teria feito.

- Te matar eu não quero mesmo, por algum motivo o velho te quer vivo. Enquanto ela falava, segurava meu braço e o esquentava muito. O cheiro era como de frango frito e com certeza estava me deixando uma queimadura pelo menos segundo grau.

Em um rompante de desespero, a empurro, apesar de eu não querer machucar ninguém, precisava ao menos conseguir me defender. Preciso estar vivo pra poder acabar com essa loucura.

- Então é assim? Fala Larissa, caída no chão.
- Eu pensei que você fosse indefeso e seria um pouco mais tranquilo, mas já que é assim que você quer.

Ela logo se levantou e junto dela uma enorme ira que se materializou em uma bola de fogo na minha direção. Ela realmente não estava pra brincadeiras.

Pouco antes de chegar em mim, nem tive muito tempo de pensar, desviei a bola de fogo usando a telecinese que tinha sentido no dia que fui atacado

na escola. Era muito estranha a sensação de encostar em algo, muito antes de propriamente chegar perto e também o fato de eu só conseguir controlar algumas habilidades, no susto.

- O que é isso? Pergunta Larissa, espantada
- Você não era o cara da ilusão? Não estou entendendo.
- Da outra vez achei que era algum truque que você tinha feito, mas assim, tão perto, vejo que não.
- Não é a toa que o velho te quer vivo, me diz ela, enquanto se coloca em posição de guarda, de novo
- Por que? Por que você faz o que ele manda?
- Você concorda com a ideia dele de que algumas pessoas tem que dominar outras?
- Não te interessa. A única coisa que importa é que eu vou te levar amarrado nessa corda e dessa vez vou te colocar numa jaula que nunca mais vai escapar.

Enquanto ela fala, eu começo a andar pra trás e tentar entender o ambiente. Preciso ter algum plano de fuga ou estou perdido.

Larissa começa então a jogar pequenas bolas de fogo que vão batendo na minha roupa e fazendo pequenas queimaduras.

- Ai ai, para com isso, isso dói. Você não precisa se sujeitar às idéias dele.

- Eu tenho certeza que é muito mais espera do que isso.

- Você fala de mais, garoto, fala ela, aumentando a velocidade que lança as chamas em mim.

No meio de tudo isso, a única coisa que consigo fazer é tentar me esquivar de algumas bolas de fogo quando consigo e desviar algumas outras, mas não sei até quando vou aguentar.

- Acha mesmo que eu ligo pra o que você pensa?

- Aquele velho não me diz o que fazer, ele não manda em mim.

Parece que aquela conversa estava irritando Larissa, aparentemente ela não gostava que pensasse que era subordinada a alguém, muito menos a Crispim, que tinha sido seu padrasto, mas nunca deu muita bola pra ela, por isso, a cada pergunta, sua ira só fazia aumentar, e com ela a força dos seus ataques.

Ela não estava mesmo de brincadeira e eu não estava conseguindo me defender. Que droga, eu não conseguir usar nenhuma habilidade direito, não sei se vou sair vivo dessa, mas se eu sair, preciso urgentemente fazer alguma coisa.

- Não adianta você se defender, não percebe que você está ficando todo queimado? Porque não se rende de uma vez?

- Eu não vou me render, você não entende. Eu vi

o futuro e ele não é tão bonito quanto vocês imaginam. Vi muitas pessoas cometendo atrocidades. Muitas pessoas sofrendo.

- Como assim, viu o futuro?

- Você é mais perigoso do que eu imaginava, o que mais consegue fazer? Fala Larissa enquanto aumenta a força das suas chamas, controlando uma grande labareda em suas mãos.

- Está blefando, tentando me fazer parar.

- Não estou não, e não foi só isso. Eu vi muitas coisas. Vi você se encontrando com Crispim e o outro rapaz, o telecinético no dia em que ele recrutou vocês.

- Como você sabe disso?

- Estava espiando a gente?

Enquanto eu estava falando pra ela de tudo o que eu sabia, ao meu redor sem que eu percebesse, uma roda de chama se formava e eu estava dentro dela, não tinha pra onde fugir.

Parece que as habilidades que eu tinha aprendido a dominar não iam me ajudar agora.

Todo esse calor, toda essa raiva.

Ela parecia conectada de alguma forma a toda aquela chama. Toda habilidade que tive contato, até hoje, pelo que eu entendi é dada muito mais pela confiança de que se pode do que qualquer outra coisa e se conectar com a sensação que tivemos

no corpo, parece fundamental.

Não tenho outra alternativa se não tentar dominar o fogo, assim como Larissa domina.

Me concentro, fecho meus olhos e sinto todo aquele calor ao meu redor.

Me lembro de tudo que já passei até agora e de como nos últimos tempos minha vida tinha mudado incrivelmente.

Começo a sentir dentro de mim um enorme calor, depois de um tempo, um aperto no peito e vento no rosto. Não posso ficar só sentindo, preciso fazer algo e vai ser agora.

Quando abro meus olhos, determinado a nem que seja me atirar naquelas chamas noto que eu não estava mais no beco junto com Larissa.

- O que é isso?

- Não se debate cara, se não você vai cair, me fala o volitador que tinha me pego pelos braços enquanto eu estava de olhos fechados.

- Que isso, cara? Eu não quero fugir da luta

- Fugir de que luta? Você estava sendo massacrado. Se não fosse eu vir voando por trás dela, desacordado com uma paulada na nuca e te tirado de todo aquele fogo, não teria nenhum vestígio seu.

Eu detesto admitir, ele estava certo mas o fato é, eu tinha saído de um problema pra cair em outro.

Capítulo 24

Dois lados

O volitar dele é incrível, rápido, preciso, muito diferente do que o que eu tinha conseguido, que mais lembrava um balão desgovernado. Por um tempo fico atônito olhando pra baixo, vendo tudo passando rápido, sentindo o vento batendo no meu rosto, até que caio em mim pra o que estava acontecendo.

- O que você vai fazer comigo?
- Por que me salvou dela?

Ele não fala nada, só me carrega como se eu fosse um pacote. Não vou ficar esperando ver no que vai dar. Começo a me debater e acabo escapando. Confesso que não foi uma das minhas melhores decisões, eu estava a uma altura de um prédio de cinco andares e começo a cair.

- Me pega, me pega.

- Você é muito otário, é impressionante. Mesmo com todo esse poder continua gritando por socorro quando poderia muito bem se salvar. Diz, ele enquanto me agarra pelo peito.

- Você vai parar de tentar se matar?

Por um instante, realmente achei que fosse morrer, espatifando ali no meio do nada.

- Pra onde está me levando?

Ele continua mudo por um tempo e logo começa a descer em um clarão no meio da floresta, no mesmo lugar onde eu tinha encontrado o vilarejo, mas dessa vez não tinha a mesma paz que senti da última vez, os últimos sobreviventes estavam ateando fogo em tudo.

- Por que eles estão fazendo isso?

- Eles estão purificando o lugar, me disse ele com uma voz firme.

- Algumas comunidades indígenas queimam tudo quando os seus anciões morrem.

- Morta? Ela está morta?

- Sim. Ela foi morta enquanto você estava lutando com Larissa, fala ele, enquanto me coloca no chão. Olhando ao redor pude ver todo tristes e correndo de um lado pro outro queimando tudo.

- Maldito Crispim, eu sabia que ele era capaz disso.

- Não foi ele.

- Crispim é uma ovelhinha perto do outro, que anda sempre junto com eles. Aquele sim é o problema.

- Aquele cara que parece que não faz nada?

- Ele é muito violento. Ele tem a habilidade de fazer os outros não terem habilidade e isso deixa ele muito bravo. Não poder fazer nada, vendo outras pessoas, lançando chamas, controlando objetos à distância ou volitando, pode ser muito frustrante para alguns.

- Mas ele está fazendo isso a mando do Crispim.

- Mais ou menos.

- As pessoas não são tão fiéis a ele quanto você imagina. Estão com ele por conveniência. Ele tem um ideal e tem lábia, mas nem todos são submissos.

- Por que você está me contando isso, você vai me matar também?

- Acha que eu teria te resgatado se te quisesse morto?

- Eu não confio naquele cara e nem no Crispim e quero te propor uma aliança.

Isso tudo me cheira muito mal, não posso confiar em ninguém, mas por outro lado não vou conseguir me defender da próxima vez. Eu vi o futuro e não quero acreditar nele, e acho que se aquilo for realmente verdade, não tenho muito a perder.

- Quem me garante que assim como você está traindo Crispim, você não vai me trair também?

- Eu não estou traindo ninguém, até porque eu nunca prometi nada pra ninguém, me disse ele, de costas pra mim, olhando as casas pegarem fogo.

- Eu estava ao lado dele enquanto parecia sensata a ideia de um mundo melhor, em que todos tinham direito de usar as habilidades como bem entendessem.

- Mas não posso compactuar com isso, fala ele olhando por cima dos ombros enquanto apontava pra toda aquela destruição.

Eu não sei se ele estava realmente tentando me enganar, mas se esse era o plano dele, estava conseguindo. Quem fica de costas pra um potencial inimigo se não estiver de fato comprometido com o momento e realmente triste com o que estava vendo. Ele não me parecia, pela feição com que me olhava, fingindo aquele sentimento, muito pelo contrário, acrediito que aquele momento o fez despertar para o que estava fazendo e pensar que ainda dava tempo de conseguir o mundo que ele imaginava ser justo e que pra isso acontecer o caminho dele tinha que dar uma reviravolta.

Enquanto caminhávamos naquele vilarejo, cada pedaço de madeira pegando fogo significava uma lágrima daquelas pessoas. Era tradição queimar

tudo o que o ancião tinha tocado ou interagido diretamente e como ela era muito presente no vila-rejo, sempre ajudando a todos e guiando cada um deles individualmente, não havia sobrado nada pra contar história. Eles acreditavam que ao queimar os pertences, quebrava-se também a conexão que aquele ente que tinha morrido, tinha com a vida atual, fazendo com que fosse mais fácil ele se libertar e viver uma nova vida.

Perceber o quanto importante era pra aquelas pessoas fazerem que a anciã fosse embora em paz e como aquilo afetara o volitador, me fez ter uma ideia de como acabar com tudo isso, mas pra coloca-la em prática, eu precisava da ajuda dele.

- Me diz uma coisa, qual o seu nome?

- Me chamo Ítalo, me diz o volitador, abrindo um sorriso no rosto pela primeira vez

- Que bom que você entendeu que precisamos nos unir, me disse ele, estendendo a mão em um ato de trégua.

- Sim, precisamos ficar juntos

- E eu tenho um plano que tenho certeza que juntos podemos executar

- Um plano? Ousado você garoto, gosto disso mas a gente tem muito que se preparar antes de fazer qualquer coisa.

- Bom, eu não sei como vai ser de agora pra

frente, mas eu acho que juntos a gente consegue.

Senti uma esperança muito forte naquele momento e algo me dizia que o jogo ia começar a virar pra eles porque não vamos mais ficar só fugindo e vendo o futuro ser desenhado pelos olhos de pessoas que não se importam com os outros mas só comigo mesmos

Capítulo 25

Cai o véu

Um parceiro, eu nunca pensei que fosse precisar de um pra alguma coisa e muito menos que fosse alguém que a única coisa que sei é que fazia parte de um grupo que queria me matar, mas como dizem, momentos de desespero pedem medidas desesperadas.

Se você fosse se esconder em algum lugar para fugir de pessoas que você nem sabe do que são capazes, pra onde iriam? Pois é, eu também não sei mas faz muito tempo que não volto pra minha casa e eu acho que não vai ser o primeiro lugar que vão me procurar, é meio óbvio demais e por isso mesmo não pretendo ficar por muito e além de tudo isso faz tempo que não vejo minha irmã.

Na porta da minha casa olho para Ítalo e me dou conta que minha irmã não havia passado por nada

do que eu passei nos últimos dias, aliás ela nem sabe por onde andei nos últimos dias e seria uma grande surpresa.

- Olha só, não se esqueça que minha irmã não sabe de nada e quero que continue assim

- Ta bom cara, até porque mais um desperto agora seria um problema a mais pra gente lidar

- Exatamente, que bom que você concorda.

- Fique aqui fora um pouco enquanto eu vou conversar com a minha irmã e já te chamo.

Quando entro em casa, ela não está na sala, pro-curo por toda a casa e não a encontro em lugar algum, o que é um tanto estranho porque ela sem-pre foi muito caseira e é bem raro não a encontrar aqui em plena tarde, ela deve ter saído pra comprar algo no mercadinho.

- Pode entrar, depois eu te apresento pra minha irmã, quando ela estiver aqui

- Puxa, estou muito ansioso realmente pra co-nhecer a famosa irmã que você nunca mencionou

- Você esqueceu que a gente acabou de se conhecer? Até algumas horas atrás eu tinha você como meu inimigo,por que eu te contaria da minha vida?

- Então quer dizer que agora estamos virando amigos, fala Ítalo com sua voz irônica entrando em casa e bisbilhotando tudo com o olhar.

- Caramba, você não me falou como sua irmã é

bonita, fala ele pegando um porta retrato em cima da prateleira da sala.

- Deixa isso aí cara, vamos lá pro meu quarto, vou arrumar um lugar pra você descansar.

Enquanto eles sobem a escada para o andar de cima, onde ficam os quartos, ela chega em casa e percebe um barulho, provavelmente seu irmão havia chegado, ele sempre deixa a porta aberta e joga sua blusa no pé da escada.

- Crispim então não é mal?

- Veja bem, eu nunca disse isso, fala Ítalo encostando a porta.

- Eu não sei se ele é bom ou mal, pra mim ele sempre foi um cara louco que tem uma ideia interessante.

- Eu não o via como mal, até porque nunca o vi fazendo algo que machucasse alguém, a não ser uma torturazinha aqui outra ali.

- Como não machucava ninguém?

- Aquela moça de vermelho na praça, tenho certeza que foram vocês

- Aquela matança toda no vilarejo

- A anciã

- Como não machucava ninguém?

Lúcia, ouvindo uma conversa no quarto subiu a escada pra falar com seu irmão.

- Todo esse tempo, todas essas habilidades, toda essa desgraça que vocês causaram

- Não foi bem assim, você está vendo as coisas só do seu ponto de vista, me diz Ítalo enquanto senta em cima da minha cama.

- Pare pra pensar, quando você começou a ouvir a respeito dessas mortes? Pense bem? O que estava acontecendo com você nesses momentos?

- A primeira delas, a da mulher na praça, aconteceu algumas semanas depois que eu decidi ir naquele restaurante e minha irmã perceber uma ilusão que eu estava criando.

- A outra aconteceu quando eu caí naquele vilarejo e fiquei preso fora do meu corpo.

Do lado de fora do quarto, Lúcia ouvia atrás da porta e aquela conversa muito a interessava, porque tudo aquilo tinha ficado muito mal contado e até hoje não tinha tido a oportunidade descobrir o que havia acontecido.

- Naquela noite do restaurante, algumas pessoas estavam te olhando, no momento em que a ilusão foi quebrada, e por isso, uma mulher e um garçom e naquela noite despertaram.

- A mulher, tinha passado por muita humilhação na vida e sempre foi uma pessoa reclusa e observadora, então acabou entendendo que era uma ilusão e usou a habilidade para aparentar ser alguém bo-

nita e bem vestida, tudo que ela não sentia ser.

- E o garçom? Porque você está me contando essa história agora?

- Então, fala Ítalo com um tom de suspense enquanto se levanta e vem na minha direção no outro canto do quarto

- O garçom, sempre foi uma pessoa invejosa e amargurada com a vida, sempre trabalhou muito desde criança, nunca teve a chance de sonhar muito e portanto teve dificuldade de compreender o que tinha acontecido, ele entendeu que era alguma coisa extraordinária, mas a sua imaginação é limitada e ele não conseguiu perceber da mesma maneira que a moça.

- Você está me dizendo que eu gerei o monstro que vem matando as pessoas por aí? Que eu sou responsável por tudo isso?

- De certa forma, indiretamente sim, não vou mentir pra você mas as coisas são muito maiores do que apontar culpados.

- Tanto a moça quanto o garçom tiveram escolha de fazer o que quisessem com o que viram, ela decidiu usar pra satisfazer seus prazeres e ele pra satisfazer sua inveja.

- Como assim satisfazer sua inveja?

- Ele acabou desenvolvendo uma habilidade peculiar, a de fazer com que as pessoas não tenham

habilidades, que significa tirar dos outros o que ele não pode ter.

- Me diz uma coisa, do ataque ao vilarejo, você não se lembra de nada mesmo? Me questiona Ítalo como quem já soubesse a resposta

- Me lembro de ouvir uma grande batalha mas como eu estava preso fora do meu corpo, e pra mim isso ainda era tudo muito novo, só me lembro de depois sair e ver muitas pessoas mortas.

- Você acha que aconteceu somente uma chacina lá então? Interessante.

- Por que? Tem algo que eu deveria saber?

- Na hora certa você vai descobrir, por hora só posso te dizer isso.

Do outro lado da porta, Lúcia ouviu tudo o que eles diziam e fica estarrecida com o que descobriu, ela jamais poderia conceber tudo aquilo e também não conseguiu compreender exatamente o que eles diziam, de tudo que foi falado o que ela comprehendeu foi que existiam pessoas capazes de fazer muito mal a outros e a ela mas naquele momento, decidiu não falar nada mas sim bancar a boa irmã por hora e fingir que nada estava acontecendo.

- Meu Deus, tudo o que está acontecendo é culpa minha

- Agora você acabou de me dar ainda mais motivos pra terminar com tudo isso

- Eu tenho uma enorme responsabilidade.

- Agora não é hora de ficar se lamentando, até porque o que foi feito, foi feito, diz Ítalo me dando alguns tapas nas costas.

- Agora é hora de você juntar toda essa determinação e se concentrar em entender até onde vai o seu poder, que pelo que Crispim nos dizia é muito maior do que o nosso.

- Mas por hora descanse que amanhã vou te ensinar muita coisa

Capítulo 26

Sozinho

Na manhã seguinte à nossa volta pra minha casa, logo cedo, descemos pra tomar café e eu finalmente apresentar o Ítalo pra minha irmã. Ela precisava ver que eu podia ter amigos de novo, desde que desertei do coma, estava muito preocupada porque eu sempre andava sozinho e por isso já tinha me falado mais de dez vezes que eu estava estranho e ia me levar a um psicólogo.

Enquanto descíamos as escadas, o cheiro de ovos fritos já inundava toda a casa, minha irmã era uma ótima cozinheira e sabia muito bem como me mimar. Quando chegamos na cozinha, a mesa já estava arrumada, em cima dela tinham três pratos, uma jarra de suco de laranja, algumas torradas e ovos fritos.

- Bom dia meu irmão, achei que nunca mais

fosse te ver de novo

- Oi Lúcia, que saudade.

Ela me olha furiosa e me dá um soco no braço.

- Eu também, demais. Fala ela enquanto me abraça tão forte que até senti uma pequena falta de ar.

- Onde você estava todos esses dias, a diretora me ligou várias vezes dizendo que você não estava indo na escola.

- Não vai me apresentar seu amigo? Me fala ainda abraçada comigo, olhando pra ele por sobre os meus ombros.

- Ah, esse é o Ítalo, ele é meu amigo da escola.

- Amigo da escola? E ele mora onde? Eu nunca o vi aqui por perto. Me diz desconfiada enquanto me solta.

- Eu sou novo na escola, morava no interior e meus pais se mudaram pra cá fazem alguns meses, fala Ítalo, comprando a minha história pra que ela não desconfiasse.

- Bom, seja bem vindo, meu irmão é meio avô-ado, sempre tem umas idéias meio doidas mas no fundo é gente boa.

Sentamos na mesa e ela desatou a fazer perguntas pra tentar conhecer meu novo amigo. Ítalo é muito esperto, eu quase me convenci de que nos conhecíamos bem realmente.

- Muito obrigado pelo café mas a gente está super atrasado, outra hora te explico um pouco melhor onde eu estive todos esses dias

- Atrasado pra o que? O que é mais importante do que se explicar pra mim?

Enquanto ela fala, olho pra Ítalo como quem diz, vamos antes que ela faça mais perguntas, e ele me entendendo completamente pega umas torradas da mesa, enfia na boca e me puxa pela mochila, cozinha a fora.

- A gente não tem muito tempo cara - fala ele e assim que pegamos uma distância da minha casa, me segura mãos forte e começa a volitar muito rápido pra cima.

- O que é isso cara, as pessoas vão nos notar assim.

- Notar? Olha pra baixo, todo mundo está tão preocupado com suas vidas medíocres que nunca olham pra cima, até porque eles tem certeza que nunca vai ter nada diferente pra ver.

- Aliás, você precisa aprender logo a dominar as suas habilidades, já passou da hora de eu não ter que ficar te carregando pra cima e pra baixo. Se continuar assim, não vamos ter nenhuma chance contra eles, como eu já te disse várias vezes, além de você, ninguém mais está brincando de super poderes por aqui.

Nos próximos minutos não nos falamos e ele só me carregou por sob a cidade, eu não tinha muito o que dizer, ele estava com toda a razão, não posso mais me dar ao luxo de ficar com medo de usar as habilidades ou mesmo usando pra satisfazer minhas vontades.

- Chegamos, fala Ítalo enquanto me solta no chão.

- Onde você me trouxe?

- Te trouxe pra montanha mais alta da cidade e não vai sair daqui enquanto você não me mostrar do que é capaz. - Me fala Ítalo enquanto volita e lá do alto me faz um aceno com as mãos, como se estivesse batendo continência.

- Volta aqui cara, você não pode me deixar nesse lugar.

- Tanto posso que já deixei, te vejo lá em baixo.

Eu não acredito que ele fez isso, me trouxe pra uma montanha alta pra caramba e se não bastasse isso, ela é tão ingrime que eu nunca vou conseguir descer daqui. Eu sabia que ele não era meu amigo, eu sou mesmo muito idiota pra confiar, sempre tive esse problema, sempre acredito nas pessoas.

- Como eu sou Otááááário

Não sei porque estou gritando, daqui de cima aposto que ninguém consegue me ouvir e o pior de tudo é que já está começando a escurecer, pre-

ciso buscar um abrigo.

Estou preso aqui em cima, preso, sozinho, com fome e frio.

Eu não posso me render a isso, preciso me acalmar pra pensar melhor. Sento então com as pernas cruzadas e fecho meus olhos.

O que eu posso fazer?

Não sei escalar e mesmo que soubesse com certeza morreria caindo daqui de cima

Se eu ficar aqui, vou morrer de fome e frio.

Eu preciso volitar e sair daqui, mas eu não consigo me lembrar como eu faço isso, das últimas vezes consegui porque não tinha outra alternativa e é o caso.

Na posição em que eu estava, sem perceber caio no sono e desperto algumas horas depois com o sol esquentando minha cabeça, um vento muito forte na cara e o barulho da minha barriga roncando.

- Malditoooooo, cadê você?

Quem aquele cara pensa que é pra me prender aqui, assim que eu sair daqui, vou pegar ele.

Por que eu não consigo usar minhas habilidades? Que droga.

Preciso encontrar alguma coisa pra comer ou beber ou se não vou morrer aqui em cima, mas olhando pro lado, não tem nada por aqui, ele me trouxe para o topo de uma maldita monta-

nha que deve ter uns cinquenta metros quadrados, muita grama, pedras e uma arvore que nem pra ser frutífera serve.

De novo me sento com as pernas cruzadas e me concentro em entender o que está acontecendo, porque não consigo usar nenhuma habilidade? De novo de tanto meditar pego no sono.

De novo acordo aqui em cima, mas dessa vez eu consigo, depois de um tempo perceber como aqui é bonito, é impressionante como o nascer do sol daqui é lindo. Aos poucos começo a sentir um pouco mais o vento batendo no meu rosto e sentir meus pelos do corpo inteiro levantarem, sinto aos poucos um pouco mais o meu corpo, me percebo um pouco mais e lembro, que todas as vezes em que eu consegui utilizar alguma habilidade, como eu estava em algum momento de desespero, meus sentidos estavam muito mais aguçados, eu preciso sentir no meu corpo e acreditar que sou capaz. Nesses últimos dias aqui em cima eu só tinha raiva tomando meus pensamentos e mudando o meu foco pra outra pessoa, preciso sentir e acreditar.

Me levanto, ergo a minha cabeça e chego bem próximo da borda do desfiladeiro. Se eu ficar aqui mais um dia eu vou morrer mesmo, então preciso dar um salto de fé.

Abro meus braços e começo a sentir um enorme

frio na espinha, eu vou mesmo fazer isso, vou mesmo me jogar?

Me encho de coragem, respiro bem fundo e me jogo.

Por um tempo caio, da mesma maneira que caí quando me soltei do Ítalo enquanto era carregado.

Caio mais um pouco, e aos poucos, o vento que eu sinto começa a diminuir, minha velocidade começa a diminuir e eu começo a volitar como eu já havia feito, mas dessa vez é diferente, porque eu sei o que estou fazendo, não é algo involuntário.

Quando eu tomo total controle e passo a volitar tão rápido quanto Ítalo, indo em direção à cidade eis que sou abordado.

- Finalmente você conseguiu, chegou a passar pela minha cabeça que você morreria lá em cima, Ítalo me fala enquanto volita próximo a mim.

- Saí de lá, mas não foi graças a você.

- Deixa de ser ingrato, eu fiz isso de propósito, foi a única maneira de você se destraravar e entender de uma vez por todas a natureza das habilidades.

Ele tinha me deixado preso lá em cima alguns dias e eu não podia confiar nele assim de novo, do nada. Me lembro de como me tinha me sentido enquanto lutava com Larissa e das minhas mãos começam a brotar chamas como naquele dia.

- É disso que eu estou falando, grita Ítalo entusiasmado

- Você está maluco? Por que você está feliz? Não acha que eu vou te atacar?

- Por que independente de você acreditar em mim, que eu fiz o que fiz pra te ajudar, você agora parece mais pronto pra enfrentar o que precisamos.

- Agora pare de sentimentalismo e me siga, a gente precisa pensar em como vamos combater Crispim e os outros. Me fala Ítalo como quem sabe que eu vou segui-lo, enquanto me da as costas e dispara a volitar em direção a cidade.

Ele esta certo, não temos tempo pra lutar entre nós, mas agora, caso ele me traia de novo, eu sei muito bem me defender.

Capítulo 27

Sacrifícios

- Pra onde a gente vai?

- Você fala de mais, só me segue e vê se não fica pra trás. Fala Ítalo volitando bem rápido na minha frente.

Ítalo é muito rápido, apesar de agora eu estar dominando essa habilidade, ainda não chego nem perto dele e é muito difícil de acompanhar, preciso me concentrar muito, por isso nem sei pra onde estamos indo.

Eu confesso que tenho um pouco de medo do que ele vai propor, quando fala que precisamos fazer um plano para acabarmos com Crispim e os outros, não gosto da ideia de matar alguém.

- A gente precisa pegar ele desprevenido e é isso que estamos indo fazer, fala Ítalo enquanto aponta pra casa de Crispim, lá em baixo.

- O que? Você está louco? Deve estar todo mundo lá a essa hora. A gente vai ser massacrado

- Eu venho estudando a rotina deles daqui de cima a um tempo, e agora só tem naquela casa quem a gente precisa pegar, fala Ítalo enquanto desce a uma velocidade muito alta.

- Espera cara, ele vai acabar com você, sabe muito bem do que é capaz.

Ele sabia exatamente o que estava fazendo, entrou pela mesma claraboia que eu saí quando fugi daquela casa, desci atrás dele, não posso deixar que aconteça alguma coisa com ele, juntos talvez tenhamos mais chance.

Quando cheguei na sala, pra onde ele tinha ido em uma velocidade incrível, fui surpreendido ao ver que na verdade o plano era sequestrar Joana, e ele já a tinha imobilizado. O que me surpreendeu ser tudo tão fácil e Crispim cair no plano mais batido de todos os tempos.

- Você não acha que está tudo fácil demais?

- Crispim é um ogro, jamais lê livros ou vê filmes, pra gente esse plano é bem clássico mas pra ele, sabia que não seria.

- Não machuca ela, ela não tem nada a ver com tudo isso.

- Como não tem? Você acha mesmo que ela é inocente? Acha que ela não soube sempre de tudo?

- Ela sempre soube, de absolutamente tudo, desde sempre, soube de todo o plano dele e que ele nunca ficou em coma coisa nenhuma.

- É mentira dele, eu não sabia de nada, não acredita nesse cara, meu pai me enganou também, eu não sei de que plano ele está falando, fala Joana com a voz um pouco embargada.

- O que é isso? Grita Crispim vindo correndo para a sala.

- Não era pra você estar aqui seu velho escroto, grita Ítalo, enquanto tira uma faca do bolso e coloca no pescoço de Joana, que começa imediatamente a chorar.

- Por que? por que você tá fazendo isso Ítalo, você agora está do lado desse daí? Pergunta Crispim

- Cala boca, e nem tenta criar nenhuma ilusão na minha cabeça, se eu sentir alguma coisa estranha, mesmo que uma tontura de leve, seu tapete vai ficar todo vermelho. Fala Ítalo com uma expressão muito violenta no rosto.

- Hahahahaha, entra o garçom na sala, batendo palmas bem devagar.

- Vocês são incríveis, acham mesmo que podem entrar aqui e impedir Crispim de ferrá a cabeça de vocês?

- Vai Crispim, mostra pra eles do que é capaz

Crispim olha para o garçom e não se move, ele estava paralisado pelo medo de acontecer alguma coisa com Joana

- Vai Crispim

- Você não vai fazer nada?

- Eu sabia que você era um merda, só fica inventando esses seus planinhos mas não tem coragem pra nada.

- Não é capaz de nada.

Enquanto ele falava isso, tentei criar alguma chama e aproveitar pra atacar os dois mas notei que não conseguia fazer nada, ele estava tirando as minhas habilidades.

- Você não vai faze nada não é mesmo? Disse o garçom com uma voz com muito despeso.

- Para gente conseguir o que queremos, alguns sacrifícios tem que ser feitos, e pelo jeito você ainda não percebeu isso.

- Pode deixar que eu faço pra você então.

Ninguém conseguiu fazer coisa alguma, só conseguimos ver uma arma saindo do seu bolso se levantando como em câmera lenta e ouvir o som da vida se esvaindo de Joana. Ele tinha dado um tiro bem no meio do peito dela sem esboçar nenhuma dúvida ou arrependimento.

- Nãaaaaaaão, porque você fez isso. Crispim grita enquanto corre na direção do corpo sem vida.

- Eu devia é ter atirado em você, não acredito que te segui até hoje.

Crispim agarrado com o corpo de Joana, chorando não era nem de perto o vilão que eu imaginava.

Enquanto estávamos concentrados na morte de Joana, Ítalo saiu de perto do corpo e veio na minha direção me puxando para o canto da sala.

- Vamos sair daqui, estamos sem habilidade nenhuma e ele tem uma arma. Vamos aproveitar enquanto a gente pode. Fala ele sussurrando para que ninguém ouça

- Não, eu não posso mais ter medo, não podemos mais ficar reféns de ninguém.

- Do que você tá falando cara, tá maluco? Fala Ítalo, apertando meu braço

- Você tem razão, a gente não pode com eles assim sem um plano sólido.

- Vamos embora enquanto eles estão se resolvendo.

No meu corpo, corre uma mistura de ódio e medo, mas uma coisa que eu não tenho mais é dúvida. Eu sei muito bem do que eu sou capaz e isso me dá um trunfo em cima de todos eles, eu sei que podemos ter muitas habilidades e não uma só como eles pensavam e podemos sempre aprender novas.

Um lado meu quer muito ir pra cima dos dois e acabar com tudo aquilo, mas outro que no momento é muito mais forte quer mesmo é estar muito longe daqui e não ter que lidar com essa situação. Por que ele matou Joana, ela nunca fez mal pra ninguém.

- NÃO!

Todos se viram pra mim, inclusive a mira da arma. O que eles não esperavam é que eu pudesse mesmo à distância retirar a arma das mãos dele e foi o que fiz, o desarmei e trouxe a arma para uma distância entre nós dois, flutuando, apontada para a cabeça do assassino.

- O que é isso Crispim? Você me disse que ele é capaz de criar ilusões, como ele está fazendo isso?

- Eu te disse que ele é muito mais poderoso que todos nós. Disse Crispim se recolhendo próximo à parede.

- Então você vai agora se vingar dessa vagabunda? Fala o garçom com uma voz desafiadora, aproximando sua testa da arma

- Você vai estourar os meus miolos?

- Aposto que na sua cabeça, você é um grande herói e está aqui pra acabar com o mal que no caso agora sou eu. A vida não é tão simples como um filme de heróis.

- Cala a boca! Você acha que eu não sou capaz?

- Eu acho que não, aliás, eu tenho certeza que não, você é um merdinha, mas se fosse me matar, já teria feito.

Suor escorria pela minha testa, eu quase conseguia sentir a tensão tocar meu corpo, ele tinha razão, eu não consigo matar ninguém, mas como vou sair dessa situação?

- Assim como aquele ali. Fala o garçom, enquanto olha pra Crispim com um olhar de desprezo.

- Você não tem o que é preciso pra fazer com que todo esse poder seja honrado.

- Você não percebe que o que as pessoas achavam que só deuses podiam fazer, nós podemos. Podemos todos ser deuses. Devemos todos ser deuses. É certo, alguns mais que outros. Me fala o garçom, enquanto empurra a arma com a testa, me desafiando

- Você está maluco, não somos deuses, não somos melhores do que ninguém.

Sinto uma mão no meu ombro direito e tudo começa a girar muito rápido, minha visão começa a falhar e de repente não vejo mais nada.

Na sala, Crispim e o garçom veem a arma caindo no tapete, mas lá não está mais ninguém, além deles dois e do corpo de Joana.

Capítulo 28

O passado a quem pertence?

O cheiro de mato molhado é inconfundível, estamos no meio da floresta, mas como viemos parar aqui se eu não estava desdobrado? Muito pelo contrário, estava bem acordado e em um momento bem tenso.

- Eu não acredito que você fez isso, você é a pessoa mais foda do mundo, fala Ítalo empolgado, pulando e gesticulando em êxtase no meio da floresta.

- Você percebe que nos tirou de um lugar e nos levou pra outro totalmente diferente, como naqueles filmes de ficção? Fala Ítalo dando alguns empurrões e socos meu ombro num sinal claro de muito entusiasmo.

- Eu não sabia que eu era capaz disso, não enquanto estou no meu corpo, fora dele já fui algumas vezes pra outros lugares e tempos, mas nunca

levei também meu corpo junto

- Você já foi pra outros tempos? Existe a chance de a gente não tenha só ido pra outro lugar?

- Puts, você tem toda razão, realmente, como eu não tive controle, não sei pra onde ou quando vimos. Geralmente eu ia pra algum lugar e tempo que tivesse conexão com o que eu estava sentindo, mas dessa vez eu só queria estar seguro.

Eu realmente não sabia o que dizer pra ele, mas esse lugar, me era muito familiar.

- Vamos andar um pouco por aqui pra ver se entendemos o que aconteceu.

- Só digo pra tomarmos cuidado porque sem querer você pode ter nos colocado em uma roubada. Fala Ítalo se esgueirando por entre as árvores de forma furtiva.

Andamos pela floresta por um bom tempo, mas aqui pra mim era tudo igual, árvores pra todos os lados, mato molhado por onde pudéssemos olhar, não tinha nada que diferenciasse. Enquanto andávamos. Depois de um tempo pude ouvir alguns passos apressados, era como se estivesse acontecendo uma perseguição.

- Agache aqui, tem alguém vindo aí.

- Olha ali, eles estão passando correndo por entre a floresta, e parece que estão perseguindo alguém.

- Pera aí, é você ali cara. Fala Ítalo com a voz trêmula de espanto.

- Eu? Mas onde será Espera, eu acho que sei quando estamos.

- Eu acho que voltamos no tempo para o momento em que vocês me perseguiram na floresta, depois de invadirem minha escola.

- Não posso deixar que eles morram.

Saí correndo perseguindo a mim mesmo daquela época e a aqueles que também me perseguiam, tentando chegar no vilarejo e evitar que todos fossem massacrados como havia acontecido da outra vez. Não me lembro muito bem onde é o vilarejo mas sei que o eu do passado vai encontrar, então não posso me perder de vista e nem deixar que ninguém nos veja.

- Espera aí cara, tem uma coisa que eu preciso te contar, me fala Ítalo correndo atrás de mim.

- Agora não temos tempo pra conversar, se você vai vir me ajudar, se apresse.

Como já consigo volitar com segurança, começo a seguir um pouco no meio das copas das árvores pra que seja um pouco mais difícil ser notado e fazer menos barulho, Ítalo vem logo atrás também volitando.

Me seguindo, percebi que o momento que eu

tropecei foi crucial para que eu despistasse todo mundo, na hora não consegui entender, mas eu caí em um buraco e fui rolando por entre várias árvores mortas, em uma encosta que formavam como que um corredor.

A cúpula ao redor do vilarejo é linda, é como se houvesse uma grande bolha de sabão brilhante que depois percebi que Ítalo ou os outros não podiam ver mas por algum motivo eu conseguia.

Logo que meu corpo parou de rolar, consegui ver os moradores da tribo virem me buscar, não fiquei tanto tempo largado no chão como imaginava.

* * *

Enquanto isso na sala da casa de Crispim

- O que aconteceu? Pra onde ele foi Crispim?
Pergunta o garçom indignado ao ver a arma caindo no chão

- Eu ainda não sei mas vou atrás deles, cuide do meu corpo enquanto vou atrás deles.

- Cuidar do seu corpo? Eu sempre acho isso estranho. Tá bom, eu cuido, vai logo, velho.

- E não pense que vai ficar por isso mesmo ter matado minha filha, quando eu voltar vou pensar em uma punição a altura.

Crispim se recostou na cadeira da sala e começou a se concentrar tanto em Ítalo quanto em mim para poder me seguir, eu nunca havia feito isso de perseguir alguém no tempo espaço, mas ele é muito mais habilidoso que eu em usar essa habilidade.

* * *

Crispim desdobrado chegou na floresta e viu Larissa, Pedro e Ítalo do passado andando em círculos me perseguindo. Eles ficariam ali o dia todo me procurando andando em vão, mas ele sabia exatamente onde eu estava, ele podia me sentir.

- Olhem aqui seus idiotas, gritou Crispim enquanto se materializava para que todos os vissem.

- Crispim? O que está fazendo aqui? Falou Larissa.

- Agora eu não tenho tempo para explicar, vocês estão vendo aquelas árvores mortas amontoadas ali? Ele rolou por entre elas, sigam a trilha e quando chegarem lá embaixo vão notar que tem algo errado com o ambiente, é um campo de força e ele está lá dentro se escondendo, esperem um sinal e começem a atacar.

Assim que falou isso, volitou em direção ao vilarejo. Enquanto fora do corpo tinha muito mais liberdade e portanto podia fazer essas coisas.

Não demorou muito até que eles chegassem no vilarejo, mas ao contrário do que eu me lembava, eles não foram logo entrando, mas ficaram parados olhando do lado de fora.

Lá dentro, consegui atravessar a cúpula de energia facilmente, aparentemente a anciã me deixou entrar. Fui logo correndo ao encontro dela para alertá-la do que estava pra acontecer.

- O que você está fazendo aqui menino? Não era pra você estar aqui. Me diz a anciã assim que me aproximo.

- Como assim não era pra eu estar aqui, você já me conhece?

- Eu vi seu corpo lá com a menina e agora aparece aqui assim, desse jeito e com a energia um pouco diferente, um pouco mais velha. O que veio fazer aqui? Você veio do futuro filho?

- Vim, como você sabe? Bom, sempre me esqueço que você sabe de muita coisa.

- Sabe filho, a gente pode mudar o futuro com as nossas ações, mas nunca podemos mudar o passado, ele já foi escrito. Eu não quero saber o que vai acontecer aqui pra você ter voltado, não me conte, mas tome cuidado com o que vai fazer.

-Se esconda, eu vou proteger vocês.

Do lado de fora, Ítalo balançava os braços olhando pra mim, de forma frenética como que me dizendo pra não fazer algo.

Logo, os três começaram a se aproximar da cúpula e eu comecei a atacá-los com labaredas de fogo. Larissa logo começou do lado de fora a revidar, como eu sou burro, tinha nos denunciado, eles não estavam nos vendo.

Eles começaram então o ataque que logo se rachou a cúpula e foi inevitável que entrassem. Nesse momento, Ítalo do futuro também conseguiu entrar e juntos batalhamos contra os três e apesar de estar um pouco mais preparado, não conseguimos evitar que o massacre acontecesse. Meio à nossa batalha, todas as mulheres e homens se juntaram a nós e lutaram bravamente tentando defender o vilarejo, mas não fomos capazes de mudar o destino. Foi tudo muito rápido, quando notamos estávamos eu e Ítalo desacordados e da mesma maneira que antes, a menina tinha sido atacada, quando acordei, só consegui ver a anciã segurando-a nas mãos. Ela estava triste mas com um semblante calmo.

- Me desculpe, eu não pude mudar nada, como imaginava.

- Tudo bem filho, como eu te disse, tem coisas

que tem que ser. Fala a anciã enquanto faz carinho na cabeça da menina, que ao contrário do que eu imaginava, ainda não estava morta.

- O que é isso vovó, ele não acabou de sair correndo daqui? Pergunta a menina com a voz fraca e mal abrindo os olhos

- Você consegue me ouvir? Me fala ela olhando bem fundo nos meus olhos.

- Olha só, minha vó sempre me ensinou que a gente tem que ser grato pelas situações da vida, e eu sou grata por esse momento de vida que ainda tenho.

- Quando eu te curei, eu estava na verdade te doando amor, mentalizando amor pra você, direcionado para as partes que você tinha falta dele, em forma de ferimentos. Falou a menina enquanto colocava as mãos no meu peito me transmitindo uma paz imensa.

- Você se lembra quando eu te perguntei se você se lembrava do que tinha acontecido nesse dia? Me perguntou Ítalo

- Da outra vez eu me lembro de achar que tinha te visto lutar contra a gente, mas foi tudo tão intenso e escuro, devido à mata fechada que não tinha certeza, mas hoje tenho. Isso que aconteceu agora, sempre aconteceu, a gente veio até aqui porque tínhamos que vir, de certa forma.

- Não temos tanto poder de mudar o tempo como eu imaginava, o que faz com que aquele futuro que eu vi seja ainda mais provável de acontecer, mas como a anciã disse, o futuro podemos moldar com nossos atos, então, ainda há uma chance.

* * *

Enquanto isso, o garçom estava todo esse tempo ao lado do corpo de Crispim e vislumbrou uma oportunidade de tomar sua soberania, usou seu poder de retirar as habilidades dos outros em Crispim o que fez com que ele não conseguisse mais voltar pro seu corpo, prendendo assim pra fora e tirando de cena aquele que já não via mais como seu líder.

Capítulo 29

Que plano é esse?

- Ainda não foi dessa vez que pegamos esse moleque, mas eu já sei como vamos fazer pra acabar com esse problema de uma vez por todas, mas por hora ainda preciso decidir o que vou fazer com aquele maldito assassino, não posso deixar passar sem fazer nada ou ele vai pensar que eu sou fraco e aí estou perdido, fala sozinho Crispim enquanto volta para o tempo atual e dirige-se para a sua sala de estar.

Quando Crispim retorna para seu corpo, nota que ele estava sozinho, o garçom não estava tomando conta dele como havia pedido e havia abandonada a cena do crime da mesma maneira que deixou o corpo de Joana ensanguentado, deixou o dele largado no sofá.

- As vezes não consigo voltar no mesmo mo-

mento, então ele dever estar fazendo alguma coisa aqui por perto. Pensa Crispim enquanto tenta retornar pro seu corpo.

- O que é isso? A conexão do meu corpo foi fechada, não consigo voltar. Maldito, não acredito que fui tão ingênuo e fui enganado assim tão fácil.

Crispim tinha sido passado pra trás por subestimar a ganância e a ira do seu até então aliado, e agora estava refém, preso fora do próprio corpo.

No outro dia, Larissa chega na casa de Crispim, encontra aquela cena e logo em seguida se depara com o garçom.

- Meu Deus! O que é isso, alguém matou Joana e Crispim? Pergunta Larissa com uma feição desesperada - Matou Joana, Crispim ainda está vivo, ele deve estar em coma de novo, essa habilidade dele é muito estranha, fala o garçom enquanto consola Larissa. - Joana está morta? Eu não acredito, estava começando a me acostumar com minha meio irmã postiça. - Pois é, o garoto entrou aqui sem que ninguém visse e quando chegamos ele estava com aquela arma nas mãos e disparou nela dizendo que estava se vingando de Crispim por alguma coisa. Eu acho que eles devem ter assuntos pendentes. Aquele garoto é muito perigoso, bem que Crispim sempre nos alertou. Fala o garçom, tentando convencer Larissa. - Ele matou? Estra-

nho, ele sempre foi tão medroso, sempre fugindo da gente, nunca imaginaria isso. - Sim, ele a matou e saiu fugindo junto com o Ítalo, nunca confiei naquele ali também. - Nossa! Mas e Crispim? Porque está assim? - Ele logo desdobrou e saiu atrás deles, me pediu pra ficar de olho no corpo dele, mas como estava demorando a voltar, fui ali no boteco comer alguma coisa, aqui nessa casa não tem nada direito. Estou tão surpreso quanto você. - Que droga! Eu vou buscar ajuda, isso não pode ficar assim.

Larissa saiu transtornada da casa, decidida de vingar Joana e Crispim, mas antes precisava encontrar Pedro, eles tinham um assunto que não podia esperar. Já fazia um tempo que eles não confiavam em Crispim e no garçom e estavam fazendo um plano que ia totalmente contra o que Crispim acreditava.

Na praça do coreto Larissa e Pedro tinham combinado de ajustar os últimos detalhes pro grande golpe que planejavam. Crispim e Joana eram muito importantes pra eles mas não era mais possível parar ou adiar o que eles já haviam começado, era tudo muito maior do que eles mesmos, maior do que os seus desejos ou vontades.

- Pedro, você não vai acreditar, eu fui na casa do Crispim agora e encontrei Joana baleada e ele desacordado - O que? - Eu ia te contar uma coisa

estranya que me aconteceu essa noite, fala Pedro espantado com a coincidência - Essa noite tive um sonho bem estranho. Crispim vinha pra mim e falava que não era pra gente acreditar no garçom, que ele tinha feito algo e ia tentar nos enganar e ainda me disse que ele estava preso em algum lugar e pedia minha ajuda. - Nossa que bizarro. - Agora eu não sei o que pensar, mas como Crispim já invadiu algumas vezes meu sonho então no mínimo duvidaria do garçom.

- Mas você não veio aqui pra isso, certo? Per-guntou Pedro. - Verdade, não vim mesmo, você sabe que não. Vim aqui pra te falar que já come-cei o que tínhamos combinado. - Quantos? - Por enquanto, parece que uns cinco. - Parece? Fala Pedro um tanto decepcionado. - Não tem muito como saber né? Cada um entende e aceita de uma maneira diferente e não dá pra sair por aí soltando fogos porque a gente perderia totalmente o con-trole. - Depois do dia que a gente foi naquela es-cola, eu voltei lá e notei que várias pessoas me en-caravam. Muitos perceberam o que aconteceu. - O garoto mal sabe que ajudou muito mais do que imaginava. Ele em pouco tempo alcançou muito mais pessoas que a gente já fez e eu acho que é por que tínhamos medo do que pudesse aconte-cer, tudo culpa do Crispim que encheu as nossas

cabeças com as idéias dele.

- Será que Ítalo descobriu do que ele é capaz?
Pergunta Larissa - Eu não sei, ele sumiu a uns dias mas talvez sim, ele é muito persuasivo quando quer ser.

- Já faz um bom tempo que eu não acredito mais em Crispim e ainda mais que não confio no garçom, aquele cara é tão estranho que ninguém sabe nem o nome, quem se apresenta como garçom? E agora com isso da Joana, eu tenho quase certeza que não foi o garoto que matou, ele tinha afeto por ela, Crispim me contou que ele tinha uma queda por ela, não faria isso. - O que você está tentando dizer? Porque mudou de assunto assim desse jeito. Pergunta Pedro intrigado.

- Eu acho que o garçom, por algum motivo matou Joana e Crispim mas não tenho como provar.

- Faça o seguinte, continue com o nosso plano que eu vou atrás de descobrir o que aconteceu com o velho, nem que eu tenha que matar aquele escroto do garçom. - Tome cuidado, pode deixar que eu sei muito bem atrás de quem eu vou. - Não vou me demorar até desvendar esse mistério e voltar pro nosso plano.

Capítulo 30

Um tempo sozinho

- Ainda não foi dessa vez que pegamos esse moleque, mas eu já sei como vamos fazer pra acabar com esse problema de uma vez por todas, mas por hora ainda preciso decidir o que vou fazer com aquele maldito assassino, não posso deixar passar sem fazer nada ou ele vai pensar que eu sou fraco e aí estou perdido, fala sozinho Crispim enquanto volta para o tempo atual e dirige-se para a sua sala de estar.

Quando Crispim retorna para seu corpo, nota que ele estava sozinho, o garçom não estava tomando conta dele como havia pedido e havia abandonada a cena do crime da mesma maneira que deixou o corpo de Joana ensanguentado, deixou o dele largado no sofá.

- As vezes não consigo voltar no mesmo mo-

mento, então ele dever estar fazendo alguma coisa aqui por perto. Pensa Crispim enquanto tenta retornar pro seu corpo.

- O que é isso? A conexão do meu corpo foi fechada, não consigo voltar. Maldito, não acredito que fui tão ingênuo e fui enganado assim tão fácil.

Crispim tinha sido passado pra trás por subestimar a ganância e a ira do seu até então aliado, e agora estava refém, preso fora do próprio corpo.

No outro dia, Larissa chega na casa de Crispim, encontra aquela cena e logo em seguida se depara com o garçom.

- Meu Deus! O que é isso, alguém matou Joana e Crispim? Pergunta Larissa com uma feição desesperada

- Matou Joana, Crispim ainda está vivo, ele deve estar em coma de novo, essa habilidade dele é muito estranha, fala o garçom enquanto consola Larissa.

- Joana está morta? Eu não acredito, estava começando a me acostumar com minha meio irmã postiça.

- Pois é, o garoto entrou aqui sem que ninguém visse e quando chegamos ele estava com aquela arma nas mãos e disparou nela dizendo que estava se vingando de Crispim por alguma coisa. Eu acho que eles devem ter assuntos pendentes. Aquele ga-

roto é muito perigoso, bem que Crispim sempre nos alertou. Fala o garçom, tentando convencer Larissa.

- Ele matou? Estranho, ele sempre foi tão medroso, sempre fugindo da gente, nunca imaginaria isso.

- Sim, ele a matou e saiu fugindo junto com o Ítalo, nunca confiei naquele ali também.

- Nossa! Mas e Crispim? Porque está assim?

- Ele logo desdobrou e saiu atrás deles, me pediu pra ficar de olho no corpo dele, mas como estava demorando a voltar, fui ali no boteco comer alguma coisa, aqui nessa casa não tem nada direito. Estou tão surpreso quanto você.

- Que droga! Eu vou buscar ajuda, isso não pode ficar assim.

Larissa saiu transtornada da casa, decidida de vingar Joana e Crispim, mas antes precisava encontrar Pedro, eles tinham um assunto que não podia esperar. Já fazia um tempo que eles não confiavam em Crispim e no garçom e estavam fazendo um plano que ia totalmente contra o que Crispim acreditava.

Na praça do coreto Larissa e Pedro tinham combinado de ajustar os últimos detalhes pro grande golpe que planejavam. Crispim e Joana eram muito importantes pra eles mas não era mais

possível parar ou adiar o que eles já haviam começado, era tudo muito maior do que eles mesmos, maior do que os seus desejos ou vontades.

- Pedro, você não vai acreditar, eu fui na casa do Crispim agora e encontrei Joana baleada e ele desacordado

- O que?

- Eu ia te contar uma coisa estranha que me aconteceu essa noite, fala Pedro espantado com a coincidência

- Essa noite tive um sonho bem estranho. Crispim vinha pra mim e falava que não era pra gente acreditar no garçom, que ele tinha feito algo e ia tentar nos enganar e ainda me disse que ele estava preso em algum lugar e pedia minha ajuda.

- Nossa que bizarro.

- Agora eu não sei o que pensar, mas como Crispim já invadiu algumas vezes meu sonho então no mínimo duvidaria do garçom.

- Mas você não veio aqui pra isso, certo? Per-guntou Pedro.

- Verdade, não vim mesmo, você sabe que não. Vim aqui pra te falar que já comecei o que tínhamos combinado.

- Quantos?

- Por enquanto, parece que uns cinco.

- Parece? Fala Pedro um tanto decepcionado.

- Não tem muito como saber né? Cada um entende e aceita de uma maneira diferente e não dá pra sair por aí soltando fogos porque a gente perderia totalmente o controle.

- Depois do dia que a gente foi naquela escola, eu voltei lá e notei que várias pessoas me encaravam. Muitos perceberam o que aconteceu.

- O garoto mal sabe que ajudou muito mais do que imaginava. Ele em pouco tempo alcançou muito mais pessoas que a gente já fez e eu acho que é por que tínhamos medo do que pudesse acontecer, tudo culpa do Crispim que encheu as nossas cabeças com as idéias dele.

- Será que Ítalo descobriu do que ele é capaz?

Pergunta Larissa

- Eu não sei, ele sumiu a uns dias mas talvez sim, ele é muito persuasivo quando quer ser.

- Já faz um bom tempo que eu não acredito mais em Crispim e ainda mais que não confio no garçom, aquele cara é tão estranho que ninguém sabe nem o nome, quem se apresenta como garçom? E agora com isso da Joana, eu tenho quase certeza que não foi o garoto que matou, ele tinha afeto por ela, Crispim me contou que ele tinha uma queda por ela, não faria isso.

- O que você está tentando dizer? Porque mudou de assunto assim desse jeito. Pergunta Pedro

intrigado.

- Eu acho que o garçom, por algum motivo matou Joana e Crispim mas não tenho como provar.

- Faça o seguinte, continue com o nosso plano que eu vou atrás de descobrir o que aconteceu com o velho, nem que eu tenha que matar aquele escroto do garçom.

- Tome cuidado, pode deixar que eu sei muito bem atrás de quem eu vou.

- Não vou me demorar até desvendar esse mistério e voltar pro nosso plano.

Um tempo sozinho

- Eu não acredito que depois de tanto esforço não conseguimos mudar em nada o passado.

- Não sei se não conseguimos, talvez sei lá, isso tudo já estava escrito e a gente só cumpriu com a nossa missão. Fala Ítalo enquanto coloca a mão em meus ombros tentando me consolar.

- Não acredito nessa coisa de destino e missão, eu acho que é a gente quem constrói o nosso futuro.

- Será? Da primeira vez que vivi aquela cena, tive a impressão de ter te visto e tentei te avisar assim que chegamos aqui, mas você como sempre, tão impetuoso não me deu o menor ouvido e saiu fazendo uma merda atrás da outra. Fala Ítalo puxando um cigarro e acendendo, tremendo um

pouco de nervoso.

- Cala essa boca! Você queria que eu fosse até lá e conversasse com eles? E outra, a gente não pode ficar parado aqui, eu já sei o que vou fazer pra acabar com tudo isso, mas pra isso preciso ficar muito mais poderoso.

- Ficar mais poderoso? Do que você está falando? Fala Ítalo enquanto tira o cigarro da boca e me encara com uma feição assustada.

- Como você faz pra ficar mais poderoso? Você pode fazer muito mais coisas?

Eu não posso deixar que ele perceba que todos podem aprender qualquer habilidade, esse é meu único trunfo.

- Eu já posso fazer muito mais do que você imagina, só preciso de tempo para me aperfeiçoar um pouco. E por isso eu preciso de um tempo sozinho.

Os dois estavam muito desapontados em não ter conseguido mudar o tempo e não perceberam que ainda estavam no passado, enquanto no tempo, por assim dizer presente estava o garçom, Crispim e todos os outros à solta e muito pior, o futuro continuava incerto e tenebroso.

Ítalo decide tomar a dianteira e voltar pra cidade, talvez a gente possa impedir alguma coisa de acontecer. No mínimo impedir que Joana morra.

Enquanto andávamos pela floresta, voltando pra

cidade sem saber muito o que encontrar, percebo que Ítalo começa a me observar com um olhar um pouco diferente, como que me medindo de cima a baixo pra entender do que sou capaz. Não tinha notado essa desconfiança no seu olhar antes.

Quanto mais adentramos na mata maior é a sensação que não fazemos ideia do que temos que fazer. Quando chegarmos na casa de Crispim pra avisar Joana, muito provavelmente vamos ser muito atacados e se dá outra vez só com Crispim e o garçom não pudemos reagir, imagina se lá estiverem todos.

Ítalo está cada vez mais inquieto enquanto caminha e já está começando a me incomodar o quanto ele olha de forma paranóica pras copas das árvores e para todo barulho de animal se movendo.

- Você também está sentindo que estamos sendo seguidos? Fala Ítalo enquanto olha pra trás no meio de alguns arbustos.

- A umas duas árvores atrás, parece que senti um vulto nos observando, mas achei que era só coisa da minha cabeça então nem comentei.

- Quer saber, a gente precisa sair daqui o quanto antes e quando digo aqui, quero dizer esse tempo. Eu não sei se a gente aqui não está mudando muita coisa que não deveria. Fala Ítalo enquanto para no meio da floresta e começa a olhar pra todos os la-

dos muito preocupado.

- Você tem toda a razão, segure aqui na minha mão e vamos voltar.

Eu não posso voltar pra o nosso tempo sem estar preparado ou vamos ficar nesse jogo de foge esperando aquele futuro chegar e por isso não podemos ficar aqui parados esperando que as coisas se resolvam.

Me concentro no tempo presente e começo a me lembrar dos últimos meses, dos últimos dias. Eu preciso me focar no tempo e espaço que quero ir ou se não podemos parar em qualquer lugar. Me lembro que a praça estava toda decorada por causa da festa de aniversário de duzentos anos, era um marco bem importante e não se repete todo dia, me concentro então nas faixas estendidas na praça principal. E depois de alguns segundos.

- Pronto, estamos aqui de volta. Disse pra Ítalo enquanto o deixava em cima de um prédio próximo da praça central da cidade. Eu estava tentando ser muito mais cauteloso com os lugares onde aparecia quando me teletransportava, percebi que eu conseguia ser bem específico em onde ia se eu conseguisse imaginar bem antes, o que era fundamental pra evitar que alguém nos visse e despertasse e evitar aparecer em um lugar que não existisse mais.

- O que vamos fazer agora? Me perguntou Ítalo

- Bom, não veja isso como uma traição, mas como eu disse preciso de um tempo sozinho. Volto daqui a uns dias, talvez daqui a algumas horas, até porque o tempo não é tão linear como pensa.

- O que? Pra onde você vai? Agora que eu trai Crispim ele vai vir atrás de mim e eu to perdido. Eu fiquei do seu lado, te ensinei a volitar e é assim que você me retribui?

Realmente não vejo um jeito melhor de fazer, vendo pensando muito nos últimos dias, eu preciso estar preparado o quanto antes e foi por isso que eu vim pra cá para o momento no futuro que eu vi da outra vez, mas dessa vez em carne e não me ausentando indo em uma projeção astral me desdobrando.

Foi assim que vim parar aqui em cima do Empire State, longe da minha cidade e portanto de ser encontrado por pessoas que me conheçam o que me dá uma liberdade muito grande. Daqui do alto eu posso ver muitas pessoas usando suas habilidades pra destruir tudo a seu redor. Pode parecer bem egoísta, mas eu sozinho não vou conseguir acabar com tudo isso, não agora e então vim pra cá pra tentar absorver e aprender o máximo possível de habilidades pra poder depois voltar pro meu tempo

e terminar com tudo isso.

Hoje em dia já consigo dominar algumas habilidades muito bem, então crio uma ilusão de que estou invisível e desço volitando até bem perto das pessoas pra poder observar mais de perto.

Lá de cima e da outra vez enquanto desdobrado eu não conseguia perceber que na verdade o que estava acontecendo não era uma destruição em massa por uso de habilidades mas sim uma batalha em que eu nem conseguia entender direito os lados.

Algumas pessoas usando habilidades, como as de Larissa por exemplo, alguns outros lançando bolas de energia, lançando pedaços de objetos, algumas pessoas com o corpo como que aumentados outras brilhando mas o que mais me surpreendeu foi ver que no meio disso tudo haviam algumas pessoas com os rostos envoltos por panos, escondendo suas identidades e lutando com armas porque essas não usavam habilidades.

O mundo estava em colapso, e se estava acontecendo tudo isso aqui bem longe da minha cidade, como será que estava lá.

Capítulo 31

Pintura mental

De pano nos rostos, cobrindo suas identidades, caminham eles, que se proclaimam a resistência e lutando contra o que entendem ser o mal, na verdade enfrentam o medo do novo, o medo de que o que temos dentro de nós seja o responsável por trazer o nosso fim. No fundo sempre pensamos que nossa verdade é a mais certa e que estamos do lado do bem mas enquanto estamos vivendo a história, não conseguimos enxergar a realidade.

Estamos a alguns meses do meu tempo presente, o que me deixa ainda mais preocupado, eu achava que tinha mais tempo pra reverter tudo isso e ainda mais intrigado em descobrir o que aconteceu do momento em que eu estava para agora que vejo as pessoas se levantando ao redor do mundo.

- Eu não posso te ver mas sei que está aí.

Estava até então, volitando a uns cinco metros do chão, invisível e distraído observando e tentando entender como eu poderia evitar que tudo isso acontecesse. Em baixo de mim só via um menino parado, eu ouvia sua voz mas ele não olhava na minha direção.

- Você não é daqui, né? Tá tudo estranho, essa luta toda, mesmo eu sendo daqui não comprehendo muito bem porque as pessoas estão se matando.

Ali naquela cena, ele é como uma miragem, no meio de tanta violência, aparentemente calmo, como se não tivesse medo de que coisa alguma pudesse lhe acontecer. Desço até o chão bem na sua frente, ainda invisível e enquanto estou ali parado olhando pra ele percebo que realmente, como ele disse, não podia me ver, porque além de tudo ele era cego. Eu que achava que podia quebrar a minha ilusão me surpreendi em notar que nem me ver podia.

- Como você sabia que eu estava ali em cima?

- Ali em cima? Eu não sabia não, eu só estava vendo seus pensamentos e percebi que não era daqui. Os pensamentos não tem direção, eles vem pra minha cabeça.

- Que incrível, você pode ouvir pensamentos então?

- Ouvir, ouvir eu não ouço. É diferente e não

é como se eu ouvisse as palavras que você fala, é como se você pintasse um quadro com as suas idéias e eu sentado em uma galeria, possa ver e as vezes entender, as vezes não. E é por isso que aparento não ter medo, porque de certa forma sei o que as pessoas ao meu redor estão pensando, talvez até mais do que elas mesmas.

- Deve ser horrível saber tudo o que as pessoas pensam.

- Saber eu não sei de tanta coisa, mas eu acabo sentindo muita coisa e de você é interessante que enquanto estamos conversando, parece que tem uma parte que você está fazendo muita força pra esconder de mim, mas o que eu percebi é que você tem uma mente muito aberta, como se seu quadro fosse muito maior do que o normal, o que é incrível e com tanta informação fico até um pouco perdido de o que olhar.

É incrível como a habilidade dele funciona e vai me ser muito útil. Depois de um tempo conversando logo se abre na minha mente vários quadros de imagens, como se estivessem compartilhando comigo algumas pastas virtuais e eu agora podia ter acesso a muitas habilidades ao mesmo tempo.

- Porque você não quer que eu veja uma parte dos seus pensamentos? Me pergunta o menino enquanto vasculha minha mente. - Você está escon-

dendo alguma coisa? - Você é responsável por tudo isso? - Eu achei que você fosse um cara legal

- O que você está falando? Responsável pelo que? Sai da minha cabeça.

Saio de perto dele volitando o mais rápido que eu posso, um tanto perturbado com aquela sensação de não estar sozinho em mim mesmo.

Enquanto ele estava vasculhando minha mente não pude deixar de vasculhar a dele também tomando cuidado pra ele não perceber meu trunfo. Quanta dor tinha lá dentro, quanto medo, enquanto por fora ele parecia em paz, por dentro lutava uma grande batalha.

Os próximos minutos foram bem angustiantes por que pude perceber o que as pessoas trazem dentro de si e entender que estar dentro da cabeça dos outros é uma responsabilidade muito grande além de ser uma quebra de expectativa muito grande em perceber que na excência somos todos muito parecidos e queremos o nosso próprio bem.

Ainda estava invisível, não podia me dar ao luxo de ser visto e reconhecido fora do meu tempo e por isso fiquei um bom tempo volitando a uns metros de distância da batalha que estava acontecendo.

Havia razão dos dois lados, muitos motivos se misturavam, muitas motivações bem diferentes, alguns se sentiam no direito de dominar os outros,

alguns com medo queriam somente se defender. No meio de tudo no meio de tantas luzes, tanto barulho e tanta distribuição existiam muitos não despertos o que me surpreendeu em muito, como algumas pessoas mesmo vendo tanta coisa continuavam desacreditando mas me lembrei de algo que minha mãe sempre me falava que as vezes as pessoas olham mas não conseguem enxergar.

De tantos quadros mentais pintados, a grande maioria estava embaçada, o que depois de um tempo comprehendi que eram as pessoas que não sabiam muito bem o que estavam fazendo e por isso não tinha muito claro o seu motivador. Alguns quadros muito feios, com tons vermelhos sangue e com detalhes que talvez nunca consiga tirar da minha imagem mental.

Ver o que os outros pensam faz com que um pouco também faça parte da minha pintura mental e portanto faz com que eu também sinta o que eles sentem e me coloque ainda mais duvidas de quem está certo ou errado no meio de tudo isso. Como vou poder agora lutar alguma batalha se não acredito que qualquer delas deva ter fim?

Vim pra cá com um objetivo, de aprender muitas habilidades e voltar pra acabar com tudo isso, nesse tempo observando aprendi muitas que nem imaginava existir mas também dentro de mim

cresceu um sentimento de dúvida quem nem sei o que fazer mas sei que o sofrimento independente do propósito é desnecessário e portanto, isso pretendo evitar.

Daqui de cima, posso ver muitas pessoas lutando umas com as outras mas muito antes disso, muitas pessoas lutando suas lutas internas, mas já é hora de descer daqui e voltar pra mudar tudo isso.

Capítulo 32

Uma visita inesperada

Enquanto isso, no tempo presente, longe de todo o vendaval de problemas e perseguições, totalmente ignorante quanto à existência das habilidades, apesar de ter convivido tão perto com elas, está Lúcia, mais um dia sem conseguir assistir televisão, o que é um grande problema pois é o que a faz companhia e de certa forma ajuda a esquecer um pouco os problemas do cotidiano.

- Alô, eu comprei uma televisão nova semana passada e está fazendo um barulho horrível, já não está mais com a mesma cor e como ainda está na garantia, gostaria de marcar de consertarem ela.

- Claro, tudo bem o técnico passar aí amanhã de manhã?

- Tudo bem mas não me faça ficar esperando, porque eu tenho mais o que fazer do que ficar es-

perando gente em casa

- Pode deixar, amanhã lá pelas dez horas ele vai estar tocando sua campainha sem falta.

Assim que desliga o telefone, Lúcia se lembra que ainda tem muita coisa pra arrumar em casa e muita coisa pra preparar antes de fazer a viagem dos seus sonhos, que vinha planejando desde que conseguiu ter um pouco mais de sossego desde que seu irmão acordara do coma. Nova Iorque era um sonho que seria realizado nas próximas semanas, já estava até com algumas malas feitas. A única coisa que ainda era uma preocupação constante era seu irmão que sumia de tempos em tempos sem dar explicações e ainda mais depois de ter ouvido aquela conversa estranha com Ítalo sobre habilidades sobrenaturais, pensou ela que muito provavelmente eles estavam falando sobre algum quadrinho ou coisa do tipo mas isso estava mexendo muito com a cabeça dele.

Mais uma noite caia e ele não voltava, mais uma noite ela preparava o jantar e comia sozinha, mais uma noite ela ficava na janela esperando, já fazia um mês desde que tudo isso tinha começado. Não podia nem ir na polícia dar queixa de desaparecimento porque ultimamente ele tinha causado tanto problema no bairro que provavelmente fariam que ele estava se escondendo de propósito,

como já disseram das últimas vezes que ela tentou.

Pela manhã exatamente as dez como prometido toca a campainha, com toques metódicos, bem espaçados e persistentes.

- Já vou, que coisa chata, logo cedo essa zona aqui na minha porta

- Desculpa a minha insistência, mas eu gosto de ser bem pontual.

- Bem pontual mesmo, até parece que estava parado na porta olhando pro relógio, esperando dar o horário. Fala Lúcia olhando para o pulso e logo depois observando o técnico de cima a baixo.

- Pode entrar, a televisão fica bem ali.

O técnico logo entra, assim que Lúcia pede, mas não vai direto fazer seu trabalho, no caminho passa reparando em toda a casa, comentando sobre a decoração, pegando foto por foto e olhando muito interessado.

- São seus pais?

- São sim. Fala Lúcia com a voz seca, um pouco incomodada com a intromissão

- E esse, quem é?

- Esse é meu irmão mais novo, fala Lúcia ríspida enquanto anda na direção da cozinha.

- Eu preciso ir lá dentro adiantar o almoço, você pode ficar a vontade, a televisão está ali.

Ela estava muito incomodada com o rapaz que ao invés de ir direto ao ponto e arrumar a televisão, ficava fazendo perguntas e mexendo nas coisas, apesar de sempre ser precavida, dessa vez por ter visto o uniforme da empresa decidiu confiar em deixar ele sozinho na sala.

Lúcia é bem meticulosa e gosta de separar os ingredientes e cortá-los muito bem antes de começar a propriamente preparar a comida, gosta de tudo bem organizado por isso sempre gasta um certo tempo e se concentra muito durante todo o tempo do almoço.

Enquanto corta algumas cebolas, um barulho na sala, algo havia caído no chão e quebrado e ela logo para o que está fazendo, seca bem as mãos, coloca o pano de prato nos ombros e vai ver o que tinha acontecido. A sala estava toda revirada, os porta retratos quebrados, a televisão jogada no chão com a tela pra baixo, quebrada e a porta da frente da sala aberta.

- Algo me dizia pra não confiar naquele cara estranho. Fala Lúcia parada no batente da porta olhando pra fora.

Distraída procurando com os olhos entender onde estava quem havia feito tudo aquilo, não ouviu o barulho das pegadas vindo por trás e antes de poder se virar, sente uma pancada na cabeça.

Pouco tempo depois acorda na mesma sala escura que seu irmão havia sido preso por Crispim e Joana. Com as paredes emboloradas e uma discreta claraboia por onde caiam pequenas gotas, amarrada à uma cadeira é desperta aos tapas.

- Acorda vagabunda, eu não tenho o dia todo.
- O que é isso? O que eu estou fazendo aqui, você está louco?
- Louco aqui é você falando assim comigo, não percebe que quem está na posição confortável aqui sou eu?
- Você foi até minha casa pra consertar minha televisão mas nunca me enganou, desde que entrou eu percebi que tinha algo errado com você.
- Depois é todo mudo esperto, não é? Todo mundo já sabia, mas a verdade é que está agora presa a uma cadeira e prestes a pagar por tudo que eu tenho perdido então o esperto aqui sou eu.
- Eu pagar? Eu nem sei quem é você, com certeza nunca te fiz nada
- Cala a boca! Você realmente não, mas o seu irmão sim e ele se mostrou alguém muito mais poderoso do que eu imaginava, não posso deixar que ferre com meus planos.
- Poderoso? Fala Lúcia enquanto ri da cara do garçom.
- Cala a boca vadia, não ria da minha cara. Fala o

garçom enquanto a estapeia no rosto com bastante força e a faz cair junto com a cadeira no chão.

O garçom abaixa então próximo ao rosto dela com uma faca na mão e a pressiona próximo à bochecha fazendo com que sangre.

- Por que você está fazendo isso comigo? Fala Lúcia chorando.

- Eu já te disse, quero que você pague pelos problemas que ele vem me trazendo.

- Pelo amor de Deus, não faz isso comigo.

- Sabe, eu nunca fui muito paciente e não levo jeito pra ficar fazendo suspense. Fala o garçom enquanto tira a faca do rosto de Lúcia e perfura a barriga. Lúcia desmaia imediatamente de tanta dor que sentiu no momento.

Enquanto o garçom limpava o sangue da faca na barra da sua camisa, uma enorme luz toma conta da sala e uma voz ecoa como se viesse do além.

- Dessa vez não, não vou deixar você me levar mais ninguém.

A luz começa então a reduzir e depois de alguns segundos quando a sua visão foi restaurada, o garçom pode ver que estava lá o garoto, desamarrrando a irmã e muito antes de poder tomar alguma reação o vê levantando as mãos em sua direção e o paralisando, junto com as gotas que pararam de cair por um tempo.

- Você tirou a vida de Joana mas da minha irmã você não vai tirar. Eu sei que você está pensando como eu fiz isso. Sim, eu posso saber o que você está pensando. Você apesar de ver tantas coisas acontecerem continua duvidando e se mantendo cético.

Com as mão em cima da ferida de faca, emana um enorme feixe de luz laranja que aos poucos vai fazendo a fenda se fechar e vai junto trazendo a cor de Lúcia que tinha ficado totalmente pálida por tanto sangue que havia perdido. Ela então se levanta atônita com o que havia acontecido, olha pra seu irmão, para o garçom e não consegue dizer uma só palavra. O garoto anda na direção do garçom ainda paralisado e chega bem próximo do seu rosto.

- Eu não vou te matar agora, como você está pensando, porque você é muito menor do que está por vir e eu não quero me corromper.

O garoto então pega sua irmã pelas mãos e desaparece, deixando o garçom sozinho e com a certeza que o poder que achava ter tomado de Crispim não era o suficiente pra conseguir o que julgava ter direito.

Capítulo 33

Lucidez

Em algum lugar perto da casa de Crispim, não muito longe dali, Lúcia está confusa com o que tinha acabado de acontecer.

- Espera um pouco! Onde eu estou? Como eu vim parar aqui? Me lembro de estar amarrada com aquele louco agora mesmo. Fala Lúcia se afastando do garoto enquanto cai no chão ao tropeçar de susto. Eu sabia que tinha alguma coisa estranha acontecendo com você, toda esse tempo você desaparecendo e não me contando nada, eu sabia que não era o coma que tinha te mudado tanto.

- Calma, eu te explico tudo o que está acontecendo. Falo enquanto estendo a mão para ajudar ela a se levantar.

- Por que você estava me escondendo isso tudo? Fala Lúcia chorando e afastando a minha mão en-

quanto se levanta.

- Eu não sabia se podia te contar, aconteceu tudo muito rápido, eu descobri tudo isso e logo comecei a ser perseguido.

- Começou a ser perseguido? E daí então você se acovardou e começou a fugir, eu aposto, esse não é o irmão mais novo que eu conheço que enfrentava a nossa mãe quando achava que estava com a razão e não queria apanhar.

- Não querer apanhar é uma coisa mas eu não sabia o que podia te acontecer.

- Ah, então você mentiu pra mim, traiu a minha confiança e ainda vai tentar fazer eu acreditar ainda que a culpa é minha? Não me contou porque eu sou fraca? Tenha paciência.

- Não é isso que eu estou dizendo. Eu estou vendo que a sua mente está muito perturbada, não estou conseguindo compreender o que tá acontecendo aí dentro.

- Aqui dentro? Você está dentro da minha cabeça? Que porra é essa? Enquanto Lúcia fala isso é como se a sua imagem mental se fechasse pra mim, como se ela tivesse jogado um grande balde de tinta preto e vermelho sobre seus pensamentos.

Assim como eu posso ver a imagem mental das pessoas entendo que se elas souberem que estou fazendo e não quiserem podem também me impe-

dir e foi exatamente o que Lúcia começou a fazer.

- Eu não devia ter te falado isso.
- E continuar me enganando? Eu realmente não esperava isso de você.
- Não foi isso que eu quis dizer.
- Mas disse e uma coisa que você já devia ter aprendido na sua vida é que a gente não pode mudar o passado, uma vez que foi feito, foi feito.
- É verdade, você tem mais razão do que imagina.
- Sabe, eu nunca pensei que ia te dizer isso mas agora eu quem preciso de um espaço pra entender que você já não é mais meu irmãozinho e não ficar tão impactada. Eu tenho uma viagem agendada pra Nova Iorque daqui a dois dias, vou passar um tempo lá. Não que você vá pra lá também, aliás, espero que me deixe em paz um tempo, mas vou ficar hospedada na oitava avenida, caso decida aparecer por lá, você tem meu número.

* * *

Sozinho em um quarto escuro e úmido, com uma cadeira caída à sua frente está o garçom ajoelhado, apertando em suas mãos a corda que a pouco tempo amarrava Lúcia.

- Eu não to acreditando no que aconteceu aqui, maldito moleque. Fala o garçom, apertando a

corda enquanto derrama algumas lágrimas de raiva.

- Maldito moleque! Até agora eu estava tentando ser calmo.

- Eu não achei que teria que chegar a esse ponto.

- O que você vai fazer agora?

- Você não precisa de ninguém e sabe muito bem o que tem que fazer.

- Eu sei, sei sim e vai ser bem de baixo daquele nariz empinado daquele garoto.

- Você precisa se preparar para o que pode encontrar. Larissa é muito impetuosa mas depois de todo esse tempo pude perceber que é meio pau mandado, vai ser a mais fácil de trazer pro nosso lado. Pedro é um bronco, não tem muita coisa na cabeça e por isso se souber ser persuasivo pode ser muito útil servindo quando for necessário. Ítalo é um dos que mais me preocupam, não sei o que ele pensa e tenho certeza que se alguém deles vai tentar algo contra mim, vai ser ele, tanto que já está do lado do garoto. Todo mundo deve ter um ponto fraco mas eu não tenho tempo pra descobrir o dele e já que eu não posso fazer com que ele se renda ao mundo que eu imaginei, vou acabar com o dele.

- Eu vou pra Nova Iorque, me lembro de ter visto uma passagem na casa deles, sei que não vou encontrar com a Lúcia naquela cidade enorme,

mas o que eu tenho em mente vai ferrar a vida de todo mundo, então indiretamente vou estar me vingando.

* * *

No sétimo andar, da janela do quarto posso ouvir logo cedo muitos gritos e sirenes, Lúcio está mando muito, com a cara debaixo da cortina olhando lá pra fora.

Assim que abro a cortina e me debruço na janela junto com o gato vejo muitas pessoas correndo pra todos os lados, colocando a cabeça um pouco mais pra fora da janela e olhando pra direita na direção contraria à grande movimentação é possível ver a frente do que parece ser um enorme Zeppelin prateado furando o céu voando bem devagar e imponente como se soubesse que ninguém pode impedir de chegar onde quer.

Não consigo ver muito bem os rostos das pessoas mas pela movimentação é impossível não entender que não se tratava de uma simples campanha publicitária que eu não estava acostumada. Lá em baixo, muitos carros batidos por tentar sair pela contra mão.

Pensei que vir viajar pra Nova Iorque, tão longe da minha casa me afastaria de problemas e bizarri-

ces mas pelo jeito é inevitável, ainda não sei o que está acontecendo mas meu coração está batendo muito forte e me dizendo que algo bem grande está prestes a acontecer e já que eu não sou essa pessoa que foge das situações, vou descer pra entender o que está acontecendo e ver se posso me defender de alguma maneira.

No corredor do hotel, muitos gritos de socorro de pessoas desesperadas, correndo de um lado pro outro. Se tem uma coisa que me incomoda é o fato de algumas pessoas acreditarem que algum tipo de salvador vá aparecer pra tirá-las das situações, eu como sempre cresci aprendendo que o meu salvador sou eu mesma, não vou ficar esperando aqui como espectadora, pego meu gato no colo, uma pequena mochila com alguns pertences e desço correndo pelas escadas.

Capítulo 34

Traído

Eu sempre imaginei que minha irmã não saberia lidar muito bem, quando soubesse de tudo que ve-
nho passando desde que acordei daquele coma e
realmente essa foi a pior maneira pra explicar o
que estava acontecendo, ter contato com um psico-
pata, levar uma facada, ser milagrosamente curada
e depois aparecer em outro lugar longe de onde
estava, realmente é de deixar qualquer um total-
mente desnorteado.

Não posso ficar aqui reclamando de não poder
contar com a ajuda da Lúcia e ver o futuro se dese-
nhar desgovernado, preciso tomar logo a dianteira
e por em prática meu plano de me preparar, apren-
dendo várias habilidades e retornar pra poder por
um fim a tudo isso e pra isso , preciso muito con-
tar com a ajuda do Ítalo, ele tem se mostrado um

companheiro muito importante e é muito bom pela primeira vez poder confiar em alguém pra dividir essa missão.

Agora que eu conheço muito mais o meu potencial tenho certeza que vai ser bem mais fácil. Antes podia me teletransportar para lugares e tempos sem muito controle, mas agora não, agora que eu dominei essa habilidade e consigo me conectar mentalmente com as pessoas, tenho muito mais precisão. Ítalo parecia ficar um tanto desconfortável quando eu aparecia do nada próximo dele, então vou aparecer um pouco longe e ir andando, até porque não sei se vai ter mais alguém que possa ver.

Me transporto a uns vinte metros do chão, as pessoas estão acostumadas a não olhar muito pra cima então a chance de alguém me notar é bem menor.

Por que vim parar no condomínio de prédios que tinha pegado fogo? É muita coincidência ser o mesmo lugar que Pedro e Larissa moram.

Fico invisível e começo a volitar na direção que sinto que ele está. Não tenho mais algumas barreiras físicas que as outras pessoas acreditam ter então é muito mais prático ir atravessando as paredes. Consigo sentir que ele está a alguns andares abaixo de onde estou mas é muito estranho

que não consigo entender muito bem a sua pintura mental, parece que ele está pensando em um vídeo e está pintando com cores bem fortes, como se imprimisse medo em todas as imagens mas também por vezes com cores pálidas escuras, como se tivesse vergonha.

O que é isso! O que a Larissa está fazendo aqui?

- Agora já estamos aqui na sua casa, o que você quer? Pergunta Ítalo olhando para todos os lados como se procurasse alguém.

- Você está com medo de alguma coisa? Por que está olhando assim pra todo lado? Pergunta Larissa.

- Você não faz ideia do que o garoto é capaz, a gente não tem a menor chance de se quer neutralizar ele.

- Não entendo todo esse seu medo, eu já enfrentei ele algumas vezes e me lembro bem do medo que ele tinha estampado no rosto.

- Isso foi antes, ele agora deve estar muito mais poderoso. Da última vez que o vi me disse que precisava ficar só pra entender até onde podia chegar e imagino que ele deva ter conseguido, já vi fazer coisas que é até difícil imaginar.

Eu não acredito no que eu estou vendo, ele estava me enganando esse tempo todo, me fez de trouxa quando na verdade só queria me espionar.

Ao longe Larissa e Ítalo ainda conversavam tentando se esconder, como se pudessem me impedir de ouvir algo por falarem baixo, eu posso ver o que eles estão pensando e agora faz todo sentido aquela imagem mental que eu achava confusa. De dentro de suas mentes consigo entender todo o plano, eles pretendem juntar várias pessoas diferentes tanto em idade, gênero, cor da pele quanto religião e inclinações políticas que já estão desertas e estão dispostos até a despertar alguns para fazerem uma transmissão ao vivo revelando tudo para o mundo, tentando assim fazer todos entenderem que não são só alguns que podem, mas todos.

Eles tem um plano meio infantil a meu ver mas pelo que eles estão pensando já tem muitas das peças, Larissa já encontrou algumas pessoas que volitam, uma que pode ficar invisível e outro que pode fazer seu corpo copiar o material de objetos que encosta. Muito provavelmente as mesmas pessoas que eu encontrei no futuro e aprendi essas habilidades.

Faltam poucas peças pra eles juntarem e colocarem em prática o que querem, o que me dá muito pouco tempo para reverter isso de alguma forma. Nas últimas semanas Larissa e Pedro, enquanto

Ítalo estava me distraindo, foram atrás de várias pessoas ao redor do país.

É impressionante que não importa o que eu faça, parece que o futuro sempre cria uma nova forma de convergir para a realidade que eu encontrei, ou mesmo eu demorei muito mais do que imaginava pra notar que sempre foi essa desde o começo a ideia dos três e Crispim era só um pano de fundo que serviu muito bem pra me distrair. Talvez seja inevitável que todos saibam sobre as habilidades e talvez elas até tenham esse direito mas eu tenho minhas dúvidas se estão prontos. Independente do que aconteça eu vou tentar até o final reverter o que eu vi e garantir que as pessoas que eu vi morrendo, não precisem ter esse destino.

* * *

- Um dirigível bem no meio de Nova Iorque em plena luz do dia, como ninguém percebeu que ele estava vindo e impediu que chegasse até aqui. Fala Lúcia sozinha enquanto desvia de algumas pessoas desesperadas.

Lúcia começa a correr na direção contrária que as pessoas estão indo pra entender um pouco melhor a situação e quanto mais caminha maior é a

sensação de que alguma coisa muito grande está acontecendo.

- Não vai pra lá não, o que você está fazendo?

Grita um senhor grisalho ao passar por Lúcia

Ela tenta segurá-lo pra perguntar o que está acontecendo mas ele desvia e continua correndo.

- Corre menina que ainda dá tempo. Fala ele correndo de costas.

Carros batidos, pessoas correndo e no meio de tudo isso, uma menina ajoelhada no meio da rua chorando.

- Foi tarde demais, eu não pude fazer nada. Fala ela sozinha de cabeça abaixada, repetidas vezes.

- O que está acontecendo? O que você não pode impedir?

- Como assim? Você não está vendo? Fala a menina com a voz ríspida.

Lúcia olha pra menina ajoelhada, atordoada como todos os outros que estavam ali e percebe que talvez ela não esteja conseguindo articular muito bem as suas idéias.

- Levante, vamos sair do meio da rua, aqui está muito perigoso agora com toda essa confusão, venha aqui comigo. Fala Lúcia levantando a menina e a levando para se sentar em um banco do outro lado da rua.

- Fique aqui que eu já volto, só preciso entender o que está acontecendo.

- Corre, corre, você tá louca de ficar aqui? Fala um homem de terno azul fugindo com sua mala nas mãos e trazendo um olhar fundo, como se não soubesse muito bem pra onde estava indo, mas simplesmente fugindo.

- São terroristas! Eles vão explodir tudo. Grita uma mulher de vestido vermelho enquanto se pode ouvir um barulho de explosão vindo de baixo de nós.

Capítulo 35

Descaradamente

Nossa, já são dez horas da noite, como o tempo voa. Já estava começando a ficar meio sonolento, agora não fico mais acampando no meio do nada nem fugindo tanto, tenho passado os dias que posso na minha casa sozinho, já que Lúcia tinha ido para Nova Iorque. Um barulho lá na sala, depois de um tempo entendo o que está acontecendo, o telefone que começou a tocar, me teleporte pra perto dele e atendo.

- Alô
- Alô, quem ta falando?
- Então, eu sei que é super estranho eu te ligar mas por favor não desliga ainda, sou eu a Larissa.
- Larissa? Que Larissa?
- A de cabelo azul que tentou te queimar soltando labaredas pelas mãos. Aposto que não teve

outra assim.

- Caramba, você é muito cara de pau, não acredito que está me ligando. Como conseguiu meu número?

- Isso não importa agora, eu preciso muito da sua ajuda ou eu não estaria aqui te ligando. Eu preciso que você encontre o Crispim pra mim.

- O que? Encontrar o Crispim, como assim?

Apesar de eu tentar muito, eu não consigo perceber o que ela está pensando, acho que preciso estar perto da pessoa pra conseguir e como eu sei o que ela está planejando não posso deixar que me engane.

- Você quer minha ajuda não é? Então precisa me explicar direito o que está acontecendo, e é melhor fazermos isso ao vivo.

- Tudo bem, eu sei que mesmo que você queira não vai conseguir fazer nada comigo. Fala Larissa com uma voz desafiadora.

- Me encontre então na praça central, lá é sempre cheio de gente.

- Tudo bem, amanhã vou estar lá depois do almoço, umas duas horas e aí eu te explica melhor, até mais.

Libertar Crispim, será que é algum tipo de emboscada? Vou da mesma forma, não preciso mais ter medo do que possam me fazer, é muito difícil

alguém conseguir me ferir ou surpreender agora que eu voltei depois de ter aprendido muitas outras habilidades.

Na praça central em plena terça feira estou eu sentado no banco da praça, esperando Larissa. A minha volta tantas pessoas com seus pensamentos confusos. Poder ver as pinturas mentais de todos tem me feito ser muito mais compreensivo com os problemas que antes não suportava, ao ver que todo mundo está realmente travando uma batalha interna tentando se encontrar, tentando se entender, tentando ser amados.

Depois de um tempo ela aparece no meio da multidão, eu já estou sentindo a uns dois quarteirões daqui, e essa sensibilidade me faz perceber que ela não está sozinha mas em alguma lugar aqui perto, provavelmente me observando, também sinto Ítalo e Pedro. Ela me disse que não tinha medo de mim mas pelo jeito não está tão certa disso.

Enquanto ela vem na minha direção entendo muita coisa a seu respeito, percebo que ela foi criada pelo Crispim e por isso muito provavelmente ela apesar de tudo, quer que eu o salve. Ela sempre passou por muitas coisas por causa dele e por isso tem dentro de si essa ânsia por liberdade e entende que as pessoas tem o direito de saber de

tudo. É muito complicada a decisão que tenho que tomar realmente, ela tem muita razão, as pessoas tem mesmo direito mas por outro lado eu vi como isso vai terminar.

- Como eu te prometi, estou aqui e sozinha.
- Estou vendo. Afirmo apesar de saber que ela não está, mas não posso deixar que saiba que posso saber o que ela pensa, o fato de ninguém saber dessa habilidade me dá um passo a frente de todos.

Ela me explica que quando chegou na casa de Crispim encontrou o corpo dele mas estava desacordado e do lado estava o garçom fingindo não saber o que tinha acontecido.

- Eu sei que você é a última pessoa que eu deveria pedir ajuda depois de tudo que te fiz mas não tenho mais a quem recorrer, e você pelo que eu sei é a única pessoa que pode ir atrás dele e trazer de volta. Fala Larissa com a voz embargada.

- E por que você acha que eu vou fazer isso? - Por que você é uma pessoa boa? E sabe que ele não teve culpa de nada? Não sei se porque você quer mostrar que é superior a tudo que aconteceu, realmente não sei o que posso falar pra te convencer, só que eu acho que é o certo a se fazer e não deixar uma pessoa presa no limbo entre a vida e a morte. - Quem me garante que assim que eu o

libertar vocês não vão voltar a perseguir alguém como fizeram comigo? - Eu não quero mais saber de perseguir pessoas ou de fazer qualquer coisa pra mal a ninguém não, nunca quis. Aliás faz muito tempo que não vejo ninguém daqueles caras estranhos.

Eu sei que ela está mentindo descaradamente mas pretendo ajudar porque é mais uma carta na manga que eu tenho, perceber o quanto ele é importante pra ela é um trunfo que com certeza vou poder usar na hora certa.

- Bom, eu vou te ajudar, vou atrás dele e enquanto isso vou deixar meu corpo aqui, espero que você não faça nada com ele.

Desdobre e logo vou pra onde consigo sentir que ele está.

Que lugar é esse, é um lugar todo escuro e a única coisa que consigo ver é uma luz bem lá no fundo, com uma pessoa sentada de baixo dela, será que é ele?

* * *

- Ainda bem que você ainda está aqui sentada onde te deixei, me conte, quem é você?

- Ele não tinha o direito de fazer isso, maldito!

- Ele quem menina? Do que você está falando

- Desde o começo, eu devia saber que isso ia acontecer.

- Menina, olha aqui pra mim, o que tá acontecendo, você está em algum tipo de transe?

- Como a gente não percebeu? Eu acho que foi aquele cara que não quis me dizer do que tinha medo, ele não falava nada, mas não pode ser ele, ele parecia tão fraco e indefeso.

Que menina confusa, não estou entendendo nada do que ela ta falando e esse dirigível enorme ainda está aqui. Onde está a policia e os helicópteros pra resolver esse problema? Sempre achei que os americanos eram super paranoicos e apareceriam em segundos quando tinha alguma chance de um ataque terrorista.

Da saída do metro da rua 33 várias pessoas começam a sair correndo e se atropelando.

- Tem um homem pegando fogo la dentro, meu Deus. Sai gritando uma mulher de meia idade enquanto deixa sua bolsa cair e espalha todos os seus pertences no chão Corro para ajuda-la e tentar entender oque está acontecendo.

- Alguém botou fogo no rapaz? O que está acontecendo? - Eu não sei, mas acho que foi ele quem botou fogo em tudo, ele estava em chamas e botou fogo em tudo. Ele ou ela, não deu tempo de entender, só sei que estava esperando o metrô e

vimos uma luz vindo do túnel e junto com ela
uma enorme labareda que fez com que os trilhos
começassem a derreter e tudo lá em baixo explo-
dir. Não sei de mais nada moça, só corre.

Capítulo 36

Fragments

No centro de Nova Iorque, Lúcia se vê meio a uma multidão de pessoas se empurrando e gritando, de um lado um enorme dirigível que aparentemente ninguém está dando atenção, de outro uma explosão no metrô, pra ela tudo tem uma conexão muito forte mas pra todos ao seu redor a questão de sobrevivência era tão pungente só faziam correr.

Em frente à entrada do metrô, Lúcia deixa a menina que tinha resgatado e entra correndo na estação pra entender o que estava acontecendo.

Enquanto desço as escadas vejo muitas pessoas se empurrando de uma forma quase animal, poucos são os que estão se preocupados se machucam ou pisam em alguém e o que ainda torna pior a situação, tudo está coberto por uma fumaça

espessa podendo ver um pouco menos do que distância de mais ou menos um metro. Aqui em baixo está ficando cada vez mais quente, acho que deve ser algum problema na ventilação.

- Corre moça, não fica aí parada. - Ooo, sai da frente, vai ficar plantada aí? - Ele tá louco, fala uma mulher corre do na minha direção e antes que ela passe por mim, ouço um grande barulho de explosão.

Parece que junto com a explosão a fumaça ficou muito mais densa e meus olhos começaram a doer muito, é difícil mantê-los abertos e também cada vez mais difícil respirar. Tudo ao meu redor está girando, sinto uma pressão na cabeça e parece que tudo ficou mudo de uma hora pra outra, da última vez que senti isso eu estava quase.....

Já faz um bom tempo que ele tá em cima, não vem mais nenhum amigo visitar o quarto do hospital e toda vez que eu chego aqui nossa mãe já está lá, sentada naquela poltrona segurando a sua mão como se ele fosse acordar a qualquer momento.

Ninguém me dá mais a menor bola, todo o tempo ela fica aqui cuidando dele, como se pudesse sair correndo. Meu pai por causa das contas do hospital teve que arranjar outro emprego e então o via cada vez menos.

Eu não sei como lidar com isso muito bem, ver

meus pais definhar de tristeza depois de três anos nessa rotina de hospital e vários turnos extras pra juntar dinheiro. Eu comprehendo que o que eles estão fazendo é na verdade uma grande declaração de amor, mas é inevitável me sentir só, nunca pensei que fosse sentir isso, me sentir órfã de pais vivos, ainda mais de pais maravilhosos.

Minha mãe havia falecido já a um ano e meu pai hoje se foi também, eu não sei se dou conta de ficar ao lado dele como meus pais faziam agora que eles me deixaram sozinhas, não sei se tenho a mesma determinação ainda mais que os médicos dizem que ele continua estável como sempre, ou seja, nem piora e nem melhora.

Desde que ele acordou do coma tem se comportado de uma maneira muito estranha o que me faz acompanhar bem de perto tudo o que faz e o pior é que a minha proteção o faz pensar que é um sinal de falta de confiança. Eu sei que é muito invasivo da minha parte mas eu às vezes fico andando atrás dele pra ver se está tudo bem e ultimamente notei que ele anda se comportando de uma maneira bem diferente, está sempre andando sozinho, saindo de casa em uns momentos aleatórios do dia pra andar na rua, ele realmente acha que eu sou trouxa.

Hoje ele saiu de casa mais calmo pra ir pra escola, eu não quero o seu mau mas é no mínimo

suspeito pelo seu histórico recentemente, sempre saindo com aquela cara de susto e além do mais já é hora de ele estar em casa. Onde ele pode ter ido? Vou caminhar pelo centro da cidade, talvez ele esteja na praça ou em alguma daquelas lojas de gibis que ele sempre vai.

O que é isso? O que ele está fazendo sentado sozinho naquele restaurante chique. Atravesso a rua andando a passos largos, ele vai ter que me dar uma boa desculpa pra não estar na escola a uma hora dessas e de onde tirou dinheiro pra entrar ali.

Assim que chego perto da janela, noto que ele está sozinho mas agindo como se estivesse conversando com alguém e grito com ele, entendo que não foi a melhor coisa, ele provavelmente deve estar passando por algum problema que eu não sei e está inventando coisas na cabeça.

Eu amo minha rotina, adoro poder fazer meu trabalho de casa, o que é uma das grandes vantagens de ser uma jornalista autônoma, apesar de sempre estar com a mente em algum caso, tentar conectar fatos e entender alguma situação pra contar para os leitores o que não foi contado sempre me fascina, o que está nas entrelinhas é incrível.

É impressionante, ele nunca muda, é muito fácil saber que está em casa porque sempre tem alguma coisa jogada pela casa

Olha só, ele trouxe alguém pra cá, será que é um amigo? Pela voz parece ser um rapaz, vou subir pra conhecê-lo.

Os dois falavam muito alto e Lúcia não pode deixar de ouvir a conversa e perceber do que se tratava. Em partes algumas peças começaram a se encaixar, partes porque apesar de estarem tendo uma conversa bem direta, um conceito totalmente estranho não é tão fácil de ser assimilado.

O que esse cara quer aqui, ele não se toca, ao invés de arrumar minha televisão, daqui da cozinha consigo muito bem ouvir que ele não está fazendo nada.

Ser sequestrada era a última coisa que eu imaginava me acontecesse, mas o que mais me incomodava era nunca ter percebido o que estava acontecendo com ele, eu estava cega achando que ele estava tendo algum tipo de alucinação, que fosse algum efeito colateral do coma e nunca parei para conversar. O que aconteceu aqui não pode ter sido uma ilusão, eu vi ele me curando, vi que desapareci de um lugar e apareci em outro e todo aquele papo que eles estavam tendo então deve ser todo verdade, existem pessoas por aí capazes de fazer muito mal.

- Meu Deus, onde eu estou? Acho que eu desmaiei. Agora tudo faz sentido, como eu nunca per-

cebi, era mesmo uma jornalista não querendo ver o furo de reportagem. - Do que você está falando? Sim, você desmaiou e eu vim aqui te buscar, ainda bem que não te ouvi quando disse pra eu ficar parada lá em cima te esperando. - Pra onde você está me levando? - Se acalma mulher, você está fraca e continua fazendo perguntas, você é da polícia por acaso? - Não, eu sou jornalista. - Ah, entendi porque você foi se enfiando em uma estação de metrô em chamas, não podia perder o furo de reportagem, não é? - É mais forte do que eu, aliás como você conseguiu entrar aqui e nem tossindo está? Aqui tem fogo pra todos os lados e você não parece ter ferimento algum. Você é um deles não é mesmo? - Um deles? Agora não é hora pra perguntas. - Agora não é hora? Quem é você? - Uma amiga, e isso já é mais do que suficiente, mas por hora, vamos sair daqui.

Capítulo 37

Epifania

No completo breu, enquanto não existem mais distrações, a única coisa que podemos fazer é entrar dentro de nossos pensamentos, inicialmente nos levando para o passado lembrando de tantas coisas que fizemos e que com a nossa mente atual jamais repetiríamos, nos lembramos de decisões que tomamos, pessoas que magoamos, muitas coisas que deixamos pra trás. O próximo e inevitável passo é imaginar como seria nosso futuro caso tivéssemos tomado outras decisões. O último lugar que vamos, depois de muito fugir é para o presente, avaliar e analisar as nossas ações.

Crispim aparentemente estava ali sentado a um bom tempo no chão dessa enorme sala escura que eu não faço ideia de onde ou quando, seu semblante era plácido e estava com os olhos fechados,

meditando debaixo da única fonte de luz. Eu não sei o que ele está fazendo aqui, para alguém que pode criar qualquer realidade ou mesmo estar em qualquer lugar, essa sala preta e vazia era quase uma ironia.

Me aproximo dele e noto que não há mudança alguma em sua expressão ou mesmo ele movimenta qualquer parte do seu corpo. Eu poderia muito bem o fazer sofrer muito de várias maneiras, agora com todas essas habilidades que aprendi, mas também aprendi que não tenho a necessidade de me exceder já que posso me defender de qualquer coisa que ele me faça.

- Já faz um tempo que eu estou aqui sentado nessa imagem escura, me esforçando para não me levar para lugar algum que não o momento do agora e tenho aprendido muito sobre mim mesmo. Me fala Crispim sem mover mais do que os músculos necessários para falar.

- Aprendido sobre você mesmo? E a sua sede de poder e seu plano de dominar o mundo? É disso que você está falando, certo?

- Não garoto, pelo jeito você ainda não percebeu seu maior problema. Isso tudo não se trata de poder, agora eu entendo.

- Meu maior problema era que eu era fraco, não tinha explorado todo o meu potencial mas agora

eu já resolvi isso, hoje em dia eu sou muito mais poderoso do que você pode imaginar.

- Poderoso Olha só, até então eu não tinha visto isso dentro de você, não tinha ouvido você se referir às habilidades que temos naturalmente como um poder.

- Não foi isso o que eu quis dizer, não distorça as coisas, eu posso muito hoje em dia, isso que quis dizer com poderoso.

- Eu, eu, sempre sobre você não é mesmo? Você percebe o quanto até hoje você pensou que tudo se tratava de você? Aposto que no fundo você pensa que o que está acontecendo é culta sua e por isso precisa resolver tudo, não é? Como se você fosse o responsável por todas essas pessoas que estão percebendo que podem mais do que imaginavam.

Crispim se levanta, agora me olhando fixamente enquanto vem andando em minha direção, junto com ele vem o foco de luz.

- A princípio eu estava preso aqui e vaguei por muitos lugares sem ter controle, minha mente me levando ao passado à projeções do futuro, fiquei vagando por muito tempo, pude ver as pessoas que me seguiam se tornando horríveis, pude entender que o meu ideal é totalmente irrelevante e mesquinho.

- Como assim você estava preso? Então por que

você não saiu daqui ainda?

- Eu não saí porque eu não vi alternativa para o que vai acontecer e aí eu não sei se quero viver em um mundo miserável e violento sendo que eu posso viver no que eu mesmo criar.

- Caramba, eu não acredito que você vai fugir de novo, da mesma maneira que fez e deixou Joana pra trás sozinha tantos anos. Eu não quero acreditar no que você está falando que não existe alternativa, você não sabe do que eu sou capaz hoje em dia. Fui para um momento em que pude aprender a tornar real tudo o que até então você apresentava pras pessoas como ilusão. Eu posso volitar, posso compreender o que as pessoas estão pensando, posso controlar os elementos como fogo e água e ar, posso mover objetos com a minha mente, ficar invisível e tantas outras coisas que você nem poderia imaginar

- Posso, posso, você não percebe não é, então tudo bem, vá lá e me mostre que eu estou errado, vá lá e resolva os problemas do mundo e seja o grande herói que eu sei que na sua cabeça você é.

Crispim estava determinado a continuar ali, então logo voltou a se sentar e abaixar a cabeça, me deixando só novamente.

- Não acredito que você me fez vir até aqui pra isso.

Ainda naquela realidade escura um pouco do que ele falou me faz pensar se talvez apesar de mim tudo isso não teria acontecido, talvez sim e como ele diz seja algo inevitável mas pela minha experiência ele é só um velho resmungão e que é dado a fugir das suas batalhas.

De volta ao seu corpo encontra toda a casa pegando fogo. Larissa havia aproveitado que estava indefeso e tentou me eliminar, talvez ela não estivesse tão preocupada com o seu pai postiço e apesar de eu saber o que tinha dentro da sua mente, não consegui prever, mas também, na sua pintura mental havia uma região meio obscura enquanto me contava a respeito de como sentia a falta de Crispim e por isso de fato meu corpo não estava mais na sala da casa, nem o de Crispim. No momento em que fui atrás dele, criei uma ilusão e levei nossos corpos para um pouco longe dali e um lugar que eu sabia que estávamos a salvo de possíveis ataques.

Agora tenho do meu lado ainda o trunfo de Larissa achar que havia me matado, junto com Crispim, o que provavelmente vai fazer com que ela coloque muito mais rápido seu plano em prática. Apesar de eu poder com muita facilidade, não posso sair por aí usando minhas habilidades e neutralizando a todos por que isso me colocaria no

mesmo patamar deles o que faria com que eles tivessem vencido e trazido o caos ao mundo mas o que eu posso e pretendo fazer é estar perto e pronto para quando eu souber o que fazer, não ser tarde demais.

* * *

Do lado de fora do metrô Lúcia agora recobra sua consciência depois de ter desmaiado na fumaça do metrô em chamas e a seu lado estava a menina que a salvava.

- Você está melhor? Pergunta a menina
- Estou sim, aliás não nos apresentamos, eu sou Lúcia, qual o seu nome.
- Meu nome? A menina olha em todas as direções a procura de algum nome e nota que na saída do metrô tem um um pequeno canteiro com algumas flores - Me chamo Lily.
- Bonito nome. Bom, muito obrigado por ter me salvado de todo aquele fogo, te devo uma agora.
- Você precisa se meter menos em problemas, isso sim. Estavam todos fugindo e você correu para o problema, qual o seu problema?
- Eu não posso ficar só olhando, eu suspeito que eu sei o que está acontecendo mas se eu te contar você não vai acreditar, eu mesma custei a aceitar.

- Se você soubesse como os meus dias estão estranhos ultimamente, eu acreditaria em tudo.

- Eu acho que não foi um acidente, e que na verdade alguma pessoa fez isso com as próprias mãos.

Enquanto ela falava isso ouvia-se várias tampas de bueiro estourarem no meio de uma grande multidão de pessoas correndo e lá no fundo no meio da rua era possível ver alguns carros sendo lançados contra os prédios, um atrás do outro. Muitas pessoas corriam na nossa direção mas no meio de tudo, um garoto vinha andando e rindo alto como se estivesse gostando da situação.

Capítulo 38

Faz sentido?

Larissa deixa o corpo do garoto ao lado do de Crispim, não fazia ideia de onde estavam e se seria possível que voltassem em vida, mas pelo menos garantia ali que tinham duas pessoas incômodas a menos para impedir seus planos pelo menos por um tempo.

Nas escadas do coreto da praça principal ela se encontra com Pedro.

- Ninguém te seguiu? Pergunta Larissa olhando para todos os lados.

- Claro que olhei, dei várias voltas nos quarteirões parei em algumas lojas e olhei muito bem. Tentei avisar o Ítalo, mas não faço ideia de onde ele está, aliás eu ainda não sei por que você confia nele se ele nunca dá as caras e já se aliou ao garoto mas como eu já te disse, confio em você, então vou

dar um voto de confiança nele.

- Não vamos esperar ele chegar não, fala Larissa se levantando e tirando um papel do bolso. - Isso aqui é uma lista de pessoas que eu acho que já estão quase prontas.

- Garoto que rendemos na escola (teve contato direto)
- Menina de óculos que saiu correndo (deve ter entendido o que estava acontecendo)
- Rapaz valentão que foi pra cima do Pedro (tenho minhas dúvidas pode ser um problema)
- Irmã do garoto (meio carrancuda)
- Vizinho do garoto (só tem 10 anos)

- Precisamos de pessoas diferentes para que não sobrem dúvidas de que todos podem, fala Pedro olhando a lista de Larissa. - Aqui não tem pessoas mais velhas, precisamos de pessoas de todos os tipos.

- Nossa! Você acha que a gente consegue convencer alguém mais velho?

- Você fala como se a gente precisasse de muito pra provar alguma coisa, como se estivéssemos

brincando de fantasiar, é só você mostrar uma chama na mão que as pessoas vão ver que é possível.

Seguindo a lista que Larissa anotou, ir atrás do garoto que renderam é o mais eficiente, por que ele muito provavelmente está muito próximo de despertar. Nos últimos dias cada um dos três, Larissa, Pedro e Ítalo a sua maneira fizeram parte do plano. Ítalo lá de cima observava as pessoas que Larissa e Pedro encontravam, até porque ele nunca foi muito bom em abordar pessoas ou em ser discreto.

Assim que os três chegam próximo da casa do rapaz, Jonas já os avista e sai correndo para os fundos, ele lembrava muito bem do que eles eram capazes por que tinha passado por tudo bem de perto. Recentemente apesar de a cena ter sido bem explícita, muitos preferiram acreditar que não passou de um surto coletivo que segundo a diretora devido a um vazamento de gás na cozinha naqueles dias mas não Jonas que sabia muito bem o que tinha sentido na pele.

Ítalo passa então volitando por cima da casa e encontra Jonas que tenta pular o muro dos fundos da sua casa, mas logo é levitado por Pedro que o trás de volta segurando telepaticamente os seus braços e pernas.

- Calma rapaz, a gente não quer te fazer nenhum mal, fala Larissa olhando fixamente para o rapaz

- Não é a lembrança que eu tenho de vocês?

- Aquele dia a gente estava atrás de uma pessoa e se a gente quisesse mesmo te machucar, você acha mesmo que ainda estaria aqui?

- Bom, não começaram de uma maneira diplomática de novo, logo vejo que devem ser algum tipo de capangas burros.

- Olha aqui garoto, você não testa a minha paciência que eu posso muito bem te deixar algumas lembrancinhas na pele pra sempre, fala Larissa enquanto acende uma labareda em cada mão.

- Presta a atenção no que eu tenho pra te dizer, depois você me diz o que pensa.

Enquanto Ítalo volita pra bem longe rapidamente, Larissa e Pedro então explicam para Jonas que as pessoas podem fazer mais do que imaginam e que algumas pessoas não tem levado isso tão bem quanto esperavam, as pessoas estão usando suas habilidades pra fazer mal aos outros e o quanto eles se preocupam com como isso pode ser um grande problema e por isso mesmo eles estão ali atrás de outras pessoas que ajudem que isso não aconteça.

Pedro não tinha engolido o fato de um dos garotos do colégio ter partido pra cima dele e por isso decidiu ele mesmo recrutá-lo, com a ajuda de Jo-

nas que conhecia muito bem o rapaz e então sabia bem onde morava. Larissa gosta da ideia de ter mais uma pessoa que possa ajudar estrategicamente, então vai atrás da menina de óculos que no momento pareceu bem sensata e escapou bem rápido de toda a situação.

Pedro e Jonas depois de andar alguns quarteirões chegam na casa de Bento e logo percebem uma movimentação suspeita na casa, naquele horário geralmente ele esta sozinho em casa por que sua mãe é a delegada da cidade.

- Espera um pouco, tem alguma coisa errada ali dentro, fala Jonas enquanto segura Pedro pelo braço

- Espera o que rapaz? Não importa o que estiver acontecendo lá dentro, a gente resolve.

Pedro avança confiante para entrar na casa mas quando se aproxima da porta, lá de dentro escuta a voz do garçom, que faz com que esperem um pouco antes de entrar para entender o que estava acontecendo.

- Você está me dizendo que aquele dia na escola não foi uma alucinação então?

- Exatamente, era tudo verdade.

- Bom, você está aqui na minha casa já a um tempo me falando que eu posso fazer mais do que os outros, que eu tenho direito de ser maior pode-

roso que as outras pessoas e que isso vai me dar mais do que status, entendi tudo isso, mas pra mim parece tudo ideia de um cara doido que eu nem sei porque deixei entrar em casa.

Enquanto ouviam Bento falando, uma grande luz aparece pelas janelas, como se uma explosão tivesse iniciado e cessado em segundos.

- Isso não é possível, ele não podia fazer nada, o que significa essa luz?

- Vamos embora daqui, ele chegou antes, fala Pedro enquanto vira de costas para a porta

- Tudo o que ele disse faz muito sentido, já que temos mais poder que os outros, temos o direito de ter mais, fala Jonas enquanto olha para a porta

- Não! O que eles querem é errado, eles querem humilhar as pessoas, fazer mal usando as habilidades.

- Errado? Errado é viver como se fossemos menos, mesmo podendo voar ou soltar fogo pelas mãos, grita Jonas se distanciando de Pedro.

Enquanto falam, a porta se abre e de dentro o garçom olha para os dois.

- Pedro, você sempre foi um frrouxo, e ainda mais agora que abaixa a cabeça pra aquela sua compaheira, você que poderia ser muito mais.

Jonas então convencido de que tinha o direito de usar as habilidades como poder sai de perto de

Pedro e fica do lado de Bento e do garçom.

- Vamos sair daqui Jonas, eu sei muito bem onde temos que ir, fala Bento

- Você não percebe Pedro, o quanto você está perdendo seu tempo? Todo mundo consegue perceber. Vocês pensam que o que eu quero é um absurdo, mas não estou fazendo nada diferente do que já acontece hoje em dia. O mais forte domina, a única diferença é que hoje em dia a força é ditada pelo dinheiro, eu estou propondo a força ser ditada pelo que as pessoas são, o que é muito mais justo.

- Você fala de justiça, como se bastasse estar certo e ser justo seguindo as mesmas regras que o mundo impõe

- Ah Pedro, você é muito ingênuo, não acredito em um mundo colorido como você, eu acredito no que existe, em uma realidade pintada de preto e branco e as vezes de vermelho. A única diferença é que quero eu ser quem pinta.

- Você percebe o que está falando? Você quer matar as pessoas que não descobriram ainda que tem habilidades? Fala Pedro enquanto levanta os dois sofás por trás do garçom sem que ele perceba.

-Eu quero Pedro? O que eu quero? Eu quero é que as pessoas se mostrem, quero que esse véu do politicamente correto caia no mundo e mostrar pra vocês que a grande maioria pensa como eu e

só quer também dominar eu só estou tomando a dianteira.

* * *

No centro de Nova Iorque a menina deixa Lúcia do lado de fora da estação

- O que aconteceu aqui? Pergunta Lúcia ainda deitada nos braços da menina

- Eu não vou tentar mais te enganar, você presenciou um dos despertos, são pessoas que tem habilidades especiais que fazem com que seja possível realizar coisas que até então todo mundo achava que não passava de fantasia.

- Habilidades especiais, entendo. Eu vim pra Nova Iorque pensando que ia fugir disso mas pelo jeito é mais urgente do que eu imaginava entender e contar pra todos, pra talvez conseguirmos nos defender. Vou escrever uma reportagem e entregar para algum jornal aqui, eles tem que me ouvir.

Larissa olha pra menina a seu lado e lembra de toda a cena que acabara de passar

- Como você entrou lá e me tirou sem que nada te acontecesse? Pergunta Larissa desconfiada

- Como não me aconteceu nada, minha roupa está toda chamuscada e eu quase morri sufocada lá dentro, fala a menina apontando pra sua roupa

e tossindo forçadamente. - Vamos levantar e sair daqui que a coisa vai ficar feia ainda, eu vou te ajudar no que precisa.

Capítulo 39

Explosão no metrô

A cidade mais populosa dos Estados Unidos, assim como várias outras, costuma amanhecer muito agitada, com as pessoas correndo de um lado pro outro, preocupadas em chegar logo em seus trabalhos e na grande maioria das vezes mais conectadas aos seus pensamentos do que com a realidade à sua frente e nessa manhã foi diferente, estavam todos atarefados e correndo atrás de seus afazeres mas havia ainda um grande agravante porque o dia amanheceu chuvoso, o que fez com que grande parte das pessoas que iam andando para seus compromissos decidissem usar o metrô e fazendo assim com que ele estivesse super lotado. Dias chuvosos fazem tudo parecer muito mais difícil, as pessoas estão mais tensas do que o normal, o que já seria por si só o suficiente para um dia caótico,

mas essa manhã de terça tinha muito mais a oferecer.

Na estação da Herald Station, centenas de pessoas já esperavam o metrô por muito mais tempo do que gostariam, quando um barulho de explosão fez com que todos começassem a sair correndo pra todos os lados e no meio de tudo isso, não à toa estava Pedro.

- Larissa, você não vai acreditar no que eu estou vendo, fala Pedro ao telefone.

- Onde você está? Agora eu não posso falar, acabei de ouvir uma explosão e estou entrando no metrô, responde Larissa em um tom impaciente como que tentando terminar logo a conversa.

- Não, não desliga. Que merda, essa menina sempre com o rei na barriga acha que ta sempre fazendo o que é mais importante e agora eu quem vou ter que resolver isso sozinho.

No fundo do túnel do metrô, andando por sob os trilhos, vinha ele, com as mãos flamejando e ateando fogo por todos os lados.

- Desde quando você consegue lançar chamas? Fala Pedro levantando alguns tijolos com a mente e atirando na sua direção.

- Pra vocês era muito prático que eu não pudesse fazer nada de mais não é mesmo? Fala o garçom, enquanto desvia os entulhos com algumas chamas.

- Você nunca passou de um invejoso, eu não to nem aí com o que você faz, contanto que não faça merda, fala Pedro enquanto se aproxima do garçom - O que você está fazendo? O que pretende destruindo um metrô? Pergunta Pedro atirando mais destroços na direção do garçom

- Você sempre teve a visão muito pequena mesmo moleque, eu não estou aqui destruindo um metrô, eu estou rasgando um véu, o que impede as pessoas de verem. - Você está louco? Dessa maneira vão todos ficar contra você.

- Eu discordo completamente, quando todos souberem, vão estar tão extasiados com as possibilidades que não vão nem lembrar de mim, e outra, eu quero é ver o caos no mundo e de preferência com violência.

Enquanto os dois conversam, por trás de Pedro, sorrateiramente se aproxima Bento, o recém desperto, que agora o seguia para todos o cantos.

- Vocês achavam que estava tudo sob controle mas agora as coisas são diferentes - Vocês realmente achavam que se unindo com seu plano infantil iriam conseguir alguma coisa? - Aliás, no fundo, o plano de vocês está dando certo, olha só.
- Eu só estou colocando nele um pouco mais de drama e ação.

Enquanto o garçom fala isso, sem que Pedro

perceba, Bento o desacorda com uma pancada na cabeça, tira o celular do bolso e começa a gravar

- EU NÃO SOU DIFERENTE DE VOCÊS. Grita o garçom olhando na direção de Bento. - Todos vocês que estão vendo esse vídeo, que aliás está sendo transmitido ao vivo pra que ninguém possa falar que eu estou manipulando as imagens. - Ta aparecendo direitinho aí? Pergunta o garçom para Bento que levanta o dedo confirmando.

- Eu estou gerando chamas pelas minhas mãos, isso não é uma ilusão, fala o garçom enquanto lança uma labareda em direção a um cesto de lixo próximo de algumas pessoas que tentava se esconder próximos a uma pilastras.

Enquanto Bento continua a gravação, do outro lado do metrô Lúcia descia escada abaixo mas por conta de toda fumaça gerada pelas explosões logo desmaia sem ao menos poder perceber o que de fato estava acontecendo.

- Bento, eu acho que já está bom, publica isso pra que as pessoas possam saber logo, fala o garçom enquanto se aproxima de Bento.

- Eu já estava transmitindo enquanto você falava.

- Sim, foi isso o que eu quis dizer. - Agora a gente já fez a nossa parte por aqui, vamos pra próxima estação, já fala pra ele ir fazendo as pessoas entra-

rem lá.

Bento manda uma mensagem e logo os dois voltam a caminhar pelos trilhos até a próxima estação como já estavam fazendo desde o começo da manhã.

A impressionante velocidade como as informações trafegam é com que o garçom estava contando porque não podia esperar que a qualquer momento alguém aparecesse para tentar impedi-los. Ele sabia que Larissa não estava quieta à toa e que com certeza estava preparando alguma coisa pra impedir ele de contar pra todo mundo. Quanto ao garoto, o garçom acreditava que tinha se acovardado e escondido em algum lugar, mas o que ele não sabia é que ele tinha um grande poder e estava na verdade arquitetando um contra ataque definitivo, que estava acontecendo nesse momento bem debaixo do nariz de todos.

Enquanto isso em algum lugar e em alguma época desconhecida estava o garoto, decidido a, como consegue estar em qualquer lugar e espaço, mexer no quebra cabeça do tempo de alguma forma que possa modificar o final aterrador que havia presenciado.

Desde o dia em que eu entrei em coma, minha vida não é mais a mesma e eu tenho quase certeza que Crispim é um dos responsáveis por despertar

tantas pessoas e no fim por tudo sei que vai acontecer. Eu não acredito que ele seja uma pessoa má, é muito simples julgar alguns como o mal e outros como o bem e agora eu tenho a possibilidade de mudar o que o fez ser assim.

Volto no momento em que Joana havia me contado que ele começou a ficar distante e encontro um Crispim, militar raso preocupado em subir na carreira mas frustrado por ser sempre escalado para limpar a base militar nos feriados e finais de semana. Sinceramente não sei as repercussões de mudar alguma coisa no passado, depois de ouvir tantas teorias que não podemos prever as consequências mas também acho difícil imaginar algo pior do que o futuro que eu vi em que as pessoas usam habilidades pra se colocar acima dos outros não importando se pra isso tenham que derramar sangue. Coloco então na mente dos seus superiores que ele é alguém capacitado e merecia ser promovido esperando que isso o fizesse pensar que não precisava se ausentar da realidade e assim evitar que ele descobrisse suas habilidades.

De volta para o tempo presente, poucos anos atrás.

No centro de nossa pacata cidade, encontro Crispim como um Capitão autoritário e logo noto que havia despertado e utilizado sua capacidade de ge-

rar ilusões para conseguir subir na carreira convencendo pessoas a promovê-lo e apesar do que eu pensava que seria uma solução fez dele muito pior do que a realidade que eu havia deixado pois tinha torturado mentalmente muitas pessoas. Decido então ir atrás de alguns outros e noto que Larissa tinha sido criada por ele da mesma maneira, mas me parecia mais revoltada que o normal, eu acredito que seja porque até então tinha um padrasto ausente agora tinha um padrasto tirano que tinha feito da vida da sua mãe um inferno ainda maior. Pedro havia despertado também da mesma maneira, aparentemente estava tudo no mesmo lugar. Que inferno, parece que eu não consegui alterar nada. Algo me diz que não é possível alterar o passado, talvez todos estejamos tão conectados e condicionados a tomar decisões parecidas que no fim nos leve ao mesmo resultado. Não pude mudar o passado, o futuro não me custa tentar.

A realidade que eu percebi estavam vários despertos no centro de Nova Iorque em uma guerra contra não despertos, onde vi aquela moça de panos no rosto que aliás não me é estranha. Eu não poderia chegar usando minhas habilidades e forçar a todos acabar com essa guerra mas não quero, então eu só vejo uma solução e pra isso vou precisar de algo bem grande e imponente por que vou

precisar chamar muita atenção.

Capítulo 40

A resistência

Do lado de fora do metrô depois de ter sido resgatada, Lúcia está com seu radar jornalista disparado e sente a sua até então adormecida veia investigativa pulsar depois desse dia atribulado em Nova Iorque, desde acordar com o barulho de pessoas correndo pelas ruas, passando por aquele dirigível bem no meio da cidade, sem ninguém perceber, terminando com essa explosão no metrô, de certa forma, tinha certeza que todos os fatos estavam diretamente relacionados pois eram muito intensos para serem obra do acaso.

- O que você acha que esse dirigível está fazendo bem no meio da cidade - Pergunta Lúcia à menina

- Que dirigível? Eu acho que você ainda está delirando, não tem nada lá em cima - Fala a menina colocando a mão na testa de Lúcia para ver se ela

estava com febre. - Está tudo bem com você? Está sentindo alguma dor?

- Não, não estou sentindo nada, estou perfeitamente bem - Fala Lúcia segurando a mão da menina na sua testa.

- Talvez você precise descansar um pouco, vamos ali pra você sentar e tomar um café

- Tomar um café? Você parece não estar nem um pouco preocupada com o que acabamos de passar. Você percebeu que não foi uma situação corriqueira e que muito provavelmente não foi um simples problema de ventilação no metrô, alguma coisa explodiu lá dentro e eu tenho quase certeza que ouvi algumas pessoas conversarem e gritarem alguma coisa, como se fosse algo causado propositalmente.

- Eu não sei porque mas eu sinto que você fala como se eu tivesse culpa de alguma coisa sendo que eu sou sou tão vítima quanto você.

Enquanto conversavam, Lúcia notou que o telefone da menina tocava constantemente mas ela não atendia, parecia saber muito bem quem estava ligando e não querer falar.

- Eu não vou ficar aqui parada, eu suspeito que sei o que está acontecendo mas não quero te contar ainda porque não tenho muita certeza.

- E por que não me conta mesmo assim? Você

não acreditaria no que eu sou capaz de acreditar, fala a menina guardando o celular no bolso.

- Vamos descer lá, eu preciso ver o que está acontecendo, fala Lúcia puxando a menina pela mão.

Algo dentro dela fazia com que vencesse o medo mesmo de invadir uma estação de metrô que acabara de ter tido uma explosão mas fugir do perigo não era definitivamente uma de suas qualidades, e ao contrário do seu irmão, sempre foi muito cautelosa. Estranhamente os barulhos de explosão haviam cessado da mesma maneira repentina que começaram, a fumaça que vinha de dentro diminuído consideravelmente e mesmo a chuva que até então tinha feito com que todos entrassem correndo estação a dentro não tinha deixado sequer vestígios de coisa alguma molhada.

Enquanto descia as escadas, Lúcia notou que haviam marcas de fogo pontuais espalhadas pela parede, junto de alguns azulejos próximos a destroços em uma pilastra. Não tinha nenhum equipamento elétrico em curto, ou foco de incêndio ou qualquer coisa que justificasse todo aquele alvoroço alguns minutos atrás, tudo parecia mais como se um pequeno lixo tivesse pegado fogo e logo se apagado.

A menina logo desce atrás de Lúcia reclamando

- Você é muito mais teimosa do que eu

- Você está vendo isso? Olhe pra essa cena, parece que não aconteceu nada aqui, mas eu desmaiei com toda aquela fumaça. Não consegui ver mas tenho certeza que ouvi pessoas gritando e saindo correndo daqui, e por conta disso? Desse lixo queimado. - Fala Lúcia enquanto chuta a lata de lixo, fazendo com que ela se desmonte em restos no chão.

- Vamos lá pra fora que eu vou te explicar direitinho parece que você ainda não quer acreditar no que te contei e já entendi que você não vai desistir tão fácil, e talvez até consiga me ajudar.

- O que você me contou ainda não é o suficiente pra me convencer, acabei de te conhecer e me vem com essa história de pessoas com habilidades especiais, eu não sou tão boa pra acreditar em tudo que me contam.

- Bom, eu vou te mostrar provas e você, como já percebi é bem perspicaz então logo vai perceber que estou falando a verdade, daí, também cabe a você julgar se acredita em mim ou não. - Disse a menina pegando o celular.

As duas assistem ao vídeo que o garçom postou, mostra também algumas fotos de outros despertos em um caderninho que ela guardava na mochila, ela estava a um tempo criando um dossiê de cada um deles em que categorizava por grau de pericu-

losidade. Lúcia olha tudo com muita calma e a cada pagina seu semblante fica mais sério, a medida que vai folheando o caderno a menina coloca as mãos em seu ombro tentando confortá-la.

- A quanto tempo você vem fazendo isso?

- Eu já sei a alguns meses e a principio não sabia muito o que fazer, fui descobrindo que existiam outros e tentando entender se seria um problema porque não queria logo de cara julgar como maus.

- Mas não é essa a questão, você não percebe? Alguns podem não ser maus mas ao que isso pode levar que é o problema. - Fala Lúcia enquanto continua folheando o caderno - Esse rapaz aqui por exemplo, que na foto parece estar voando. Pela sua descrição não é perigoso mas as pessoas são suscetíveis a mudanças.

- O Ítalo é um bom rapaz

- Você conhece ele então? Eu notei mesmo que alguns têm nomes. Como você os conhece? - Pergunta Lúcia com um olho na menina e o outro ainda folheando o caderno.

- Eu tenho meus métodos por assim dizer.

- Seus métodos, sei. - Fala Lúcia, chegando no número dez de periculosidade - Você está se complicando com todo esse suspense.

Quanto mais folheava, mais ficava agitada, havia visto o que seu irmão havia feito e apesar de

até agora ter fingido que não tinha acontecido, não podia mais depois de tudo que estava vendo continuar com essa postura. Continuando na lista, lia agora com ainda mais cuidado

2. Crispim, criar ilusões, tem um temperamento explosivo e vingativo, mas o pior de suas características é a capacidade de convencer outros a fazer o que quer

1. Garçom, faz com que as pessoas não tenham habilidades. Tem tendências violentas e capacidade de convencer as pessoas a fazerem o que quer.

- Esse aí é o que aparece no vídeo, então tenho que atualizar meu caderno colocando que também pode lançar chamas. O que é bem estranho por que não me lembro de alguém que tenha começado a fazer coisas novas, a não ser...

- A não ser o que?

A menina pega o caderno de anotações das mãos de Lúcia, continua virando até as últimas páginas e entrega para Lúcia

- Por que esse aqui não tem nome? Por que só está escrito "garoto- Pergunta Lúcia

- Pois é, esse é um caso a parte, não sei muito o que esperar dele, se seria um perigo ou não e pelo que observei não consegui entender qual sua habilidade, na verdade parece que ele tem várias, das vezes que pude ... observar ... sempre me surpre-

endia

Lúcia tenta disfarçar em seu semblante a surpresa de ver uma ficha do próprio irmão no meio de tantos outros, não sabia muito o que pensar mas decidiu omitir a informação que o conhecia

- E o que você pretende fazer com isso? Além de ficar anotando - Pergunta Lúcia.

- Não sei muito bem, e é aí que talvez você me ajude.

- Bem, eu não sou muito adepta de violência mas não vejo muito como conversarmos com uma pessoa como aquela que ateou fogo no metrô

- E como nós duas vamos ir contra todos eles?

- Não vamos só nós duas, com certeza não somos as únicas indignadas com todas essas explosões.

Enquanto elas conversavam podiam ouvir a dois quarteirões dali mais um barulho de explosão e ao contrário do que todos estavam fazendo as duas correm na direção da fumaça e dos barulhos. Enquanto corriam, a menina pegou um lenço que carregava no pescoço e prendeu no rosto.

- Tá aí, gostei da ideia, assim a gente se protege da fumaça e ainda criamos uma identidade pra nosso grupo de rebeldes - Fala Lúcia enquanto cobre também seu rosto com um pedaço de pano

- Grupo de rebeldes? Então esse é seu plano? Você deve estar doida

Ao chegarem próximo à saída da estação encontram com o garçom subindo as escadas junto a Bento e Jonas e a menina logo puxa Lúcia pra trás de uma banca de jornais para se esconderem.

- O que aconteceu? Pergunta Lúcia atônita
- Shhhh, sussurra a menina - É o cara do vídeo ali saindo da estação.
- Era isso que eu precisava, uma foto de todos eles pra minha reportagem - Fala Lúcia enquanto tira o celular da bolsa.
- Você é muito doida mesmo, fala a menina puxando Lúcia pra trás da banca de novo enquanto também pega o seu celular que começara a tocar novamente mas graças ao barulho das pessoas gritando ao saírem da estação não chama a atenção dos três que logo se afastam agora correndo no meio da rua em direção à rua de trás.
- Atende logo essa merda ou fala pra essa pessoa parar de te encher. - Fala Lúcia ao ver que o telefone da menina voltava a tocar insistenteamente.
- É um cara chato, não vai parar, toma pega o meu contato, eu preciso resolver isso, já nos encontramos novamente - Fala a menina colocando um pedaço de papel nas mãos de Lúcia - e tente não morrer.

Lúcia estava ali bem de frente com o furo de notícia da sua vida e não ia deixar escapar, de-

cide seguir os três de longe e talvez ter algumas gravações. Talvez não tenha sido uma boa ideia, mas agora era tarde demais para voltar atrás, esquecer o que estava passando e voltar pro seu quarto de hotel pra descansar. Ela sabia que com algumas provas consistentes conseguiria juntar um grupo de pessoas para se levantar contra esses despertos como a menina dizia

Capítulo 41

Sem moral

O centro de Nova Iorque às duas horas da tarde costuma ser muito movimentado, muitas pessoas voltando para seus trabalhos depois do horário de almoço, na maioria das vezes poucos se olham e reparam uns nos outros mas dessa vez por conta das explosões no metrô e com a presença de três ameaças andando como se ali tudo lhes pertencessem, pairava sobre o ar medo e onde antes haviam pessoas desconcentradas, agora tensão e destruição.

Lúcia acompanha de longe garçom, Jonas e Bento para garantir não ser vista. Garçom andava no meio dos dois um pouco a frente chutando lixos ao mesmo tempo em que objetos eram arremessados por onde eles passavam, como se uma grande onda estivesse levando tudo ao seu redor em uma

grande ressaca e era impossível identificar de onde vinha.

- Ô seu estranhinho ! Fala garçom apontando para um rapaz carregando uma valise de couro - Olha pra cá, não finge que eu não estou aqui não. Daí de cima não dá pra ver um mero garçom, não é?

- Eles são todos uns malditos, mas agora eu posso fazer eles repararem na gente, fala Bento enquanto arremessa com a mente um latão de lixo em chamas no meio da rua fazendo com que vários carros desviem e batam nos postes e em outros carros parados.

Conseguimos suportar muita coisa e deixar passar, aceitando como se nada tivesse acontecido, e viver com um sorriso no rosto sendo cordiais e amáveis por toda a vida mas bem lá no fundo, muitas vezes, ainda existe a mágoa vivendo no nosso subconsciente, esperando que possamos ser vingados, ou ao menos que justiça seja feita. A grande maioria das pessoas passa toda a vida sem ter tal redenção pra sua consciência porque julgam que não são capazes ou por julgarem que não tem direito, mas quando não há mal que lhe possa ser feito, não há o que temer e portanto esperar.

- Tá curioso né cara, fala Bento andando em direção a um rapaz escondido atrás de um poste

- O que você acha? É maravilhoso não é?

O rapaz olha pra todos os lados prestando muita atenção em cada detalhe e ao contrário de muito outros não sai correndo, mas fica quase que hipnotizado com os pedaços de destroços que Bento faz girar a seu redor enquanto caminha.

- Não precisa ter medo, todos nós temos essas habilidades, todo ser humano tem. O que te impede é acreditar, mas agora que está me vendo fazer, não tem mais porque se manter assim - É engraçado não é que a sua tia avó quando falava que você tinha que ter fé pra conseguir as coisas. Não é que ela estava certa

- O que você está fazendo? Você tá doido? Ele vai atacar a gente seu otário, fala Jonas correndo em direção de Bento e do rapaz.

- Claro que não vou, fala o rapaz enquanto faz uma pequena lata de lixo tremer ao seu redor - Eu quero é aproveitar de tudo isso, não tô nem aí pra vocês, não gostava dessa merda de cidade mesmo, quero também ver tudo acabando em fogo.

Do outro lado da rua, a uma distância suficiente para ver o novo rapaz ser desperto mas não o suficiente para ouvir o que diziam, está escondida Lúcia, atrás de um ponto de compra de jornal expresso, aturdida com que acabara de ver, não

notou que atrás dela havia alguém, até sentir os estilhaços de uma vitrine.

- Meu Deus moleque, o que você tá fazendo, não pode atirar pedras assim na loja só porque está toda essa bagunça, fala Lúcia segurando os braços de um menino de oito anos.

- Quem disse que não? Agora que eu posso arremessar pedras com a minha mente eu vou ter todos os brinquedos que eu quiser e não adianta segurar minhas mãos, eu não preciso delas mesmo.

Lúcia cai pra trás estasiada com o que estava acontecendo e nota que a seu redor o menino não era o único, muitos eram os casos de pessoas atirando pedras ou atirando fogo nas coisas ao seu redor utilizando só suas mentes.

- As pessoas não vão se voltar contra a gente não, o que elas querem defender? Percebe que a maioria pensa como a gente? Fala garçom fazendo com que Jonas e Bento olhem pra rua e percebam a grande onda de despertos que causaram, junto com a destruição.

- Olha ali um lerdinho, fala Jonas se dirigindo a um grupo de ladrões.

- Ei cara, que maneira mais antiga de quebrar essa vidraça, porque usar essas pedrinhas se pode arrancar inteira com o poder da sua mente? Fala Jonas enquanto ri e mostra ao homem que tentava

roubar uma joalheria como despedaçar a vidraça sem usar as mãos.

Tudo aquilo trazia uma grande euforia aos três ao perceberem que tudo andava melhor do que imaginavam, aparentemente não era necessário muito incentivo para que as pessoas se utilizassem das habilidades a seu próprio favor.

Os três atravessavam a sexta avenida como quem fosse dono do mundo, com todos olhando pra eles como grandes heróis. Cada vez mais despertos nas ruas, cada vez mais toda a situação fazia com que o garçom tivesse mais certeza que estava fazendo o que era certo para o mundo em libertar todos de suas mentes fechadas pela ideia que só podiam fazer o que até então acreditavam.

Ainda muitas pessoas gritavam nas ruas, algumas corriam de medo, afinal libertar a mente do óbvio é um movimento muito doloroso para mentes que já se acham condecoradas de tudo.

Correndo no meio da Broadway estava a menina que até então seguia Lúcia e logo desiste e para pra telefonar.

- Pedro, cadê você cara? Achei que ia estar aqui na broadway, sempre imaginei que mesmo no meio de toda essa merda mantivesse seus sonhos de moleque idiota e quisesse.

- Nossa Larissa, você não entende nada de arte

né, broadway é uma rua de teatros, o que eu ia fazer aí a essa hora? Você me subestima muito. Aliás, não vai acreditar em quem eu encontrei aqui no meio de Nova Iorque

- Ai Pedro, eu não tenho tempo pra sua lerdeza, eu já sei que o garçom está aqui fazendo tudo isso, eu encontrei com ele saindo do metrô e estou a um tempão tentando te ligar pra gente ver o que fazer. Não temos mais tempo de seguir com o jeito calmo mais

- Eu sei disso Larissa, eu ia te contar da ultima vez que te liguei mas como sempre não me escuta. Agora, vê se me escuta, eu encontrei o Ítalo e ele me disse que estava junto com o garoto ajudando a trazer um grande dirigível pra Nova Iorque. Mano, um dirigível, que moleque louco, pra que alguém quer um dirigível.

- Cacete, então era verdade, eu estava com a irmã do garoto e ela ficava me perguntando do que se tratava esse bendito dirigível, aliás, agora que você me falou.

Como se um grande lençol fosse tirado de cima do dirigível Larissa começa a notar o enorme pedaço de metal causando sobra do tamanho de um campo de futebol por onde passava.

- Como assim Larissa ? Olha pra cima, ele é tão grande, não sei como já não mandaram um he-

licóptero ou avião pra abater.

- O garoto é mesmo muito foda, ele estava escondendo de todo mundo com uma grande ilusão e agora que eu sei, consigo ver, por essa eu não esperava. Mas o que ele pretende?

- E ele já nos contou alguma coisa? Não faço a menor ideia, fala Pedro, enquanto deixa o celular cair no chão. Larissa escuta um grito surdo e o som do microfone estourando no seu ouvido.

Ainda na sexta avenida, Lúcia recebe uma mensagem no celular. Era sua amiga do trabalho enviando um vídeo de um padre volitando no meio da missa e gritando que era o Messias.

- O que é isso meu Deus, estão por toda parte. Que Messias o que meu filho ! Não viaja. Você é um grande de um charlatão. Fala Lúcia enquanto gesticula com o seu celular. Por ser muito religiosa sempre pensou que brincar com a fé alheia era um crime absurdo e sempre se enraivecia com situações como essa.

Enquanto esbravejava com o celular, Lúcia caminhava em direção à rua 33 e encontrava Larissa ainda ao telefone. Enquanto avista Lúcia, Larissa fica com muita vergonha de tudo o que está acontecendo e de como os despertos estavam se comportando, a despeito do que acreditava, causando tanta destruição assim como o garçom queria.

- Ái está você, não vai acreditar no que eu acabei de ver. Um padre fingindo ser o Messias, isso tudo já saiu do nosso controle, fala Lúcia enquanto pega Larissa pelo braço.

Larissa aperta Lúcia bem forte junto a seu peito e com a voz um tanto embargada, fala no ouvido dela.

- Eu sei Lúcia, na verdade eu sempre soube, e de certa forma eu tenho uma parcela de culpa em tudo isso.

- Parcela de culpa, o que ta dizendo? Fala Lúcia tentando se soltar mas Larissa ainda a segura forte, com os olhos marejados e o rosto quase tão vermelho quanto seus cabelos.

- Eu sabia de tudo isso, eu sei quem são essas pessoas e eu não te contei toda a verdade, fala Larissa enquanto deixa Lúcia de afastar.

- Bem, eu acho que agora não é hora pra termos uma discussão dessas, eu também não te contei tudo. Meu irmão é um desses também, ele também consegue fazer essas coisas. Só espero que não esteja do lado disso tudo.

- Não, ele não está, o garoto é bom, na verdade ele também está tentando acabar com tudo isso.

- Você conhece meu irmão? Meu Deus, quem é você? Fala Lúcia se afastando um pouco de Larissa

- Não Lúcia, não faça assim, agora mais do que

nunca precisamos estar juntas. - Não juntas, juntas como um casal, fala enquanto fica um pouco vermelha. - Mas juntas como um time.

- Você tem razão, fala Lúcia, enquanto fica com o rosto um pouco vermelho também. - Apesar de eu não saber se posso confiar em você, por que afinal o que mais não me contou, preciso de alguém pra me ajudar a começar a resolver tudo isso. - Toma, pega esse lenço e coloca no rosto, a partir de agora nós somos a resistência.

- Entendo, fala Larissa sorrindo enquanto pega o lenço e amarra em seu rosto

- Não sei muito bem como faremos mas sei que faremos e essas máscaras farão com que logo alguns percebam que precisam se levantar, todos os que não estão de acordo com o que está acontecendo, precisam se unir.

Enquanto isso, o garoto dentro do dirigível, para bem em cima do Empire State e olha pra baixo percebendo que talvez tenha demorado mais do que deveria e do alto percebe a mesma cena que havia presenciado na sua visão. Parece que apesar de todos os seus esforços o destino seja algo imutável.

Capítulo 42

Como chegamos até aqui

Desde que tudo isso começou já senti tanta coisa, já vivi tanta coisa mas nunca me canso de me surpreender. Estou o dia todo com um voz dentro da minha cabeça, como se um pensamento fosse colocado la dentro sem meu consentimento e o mais estranho de tudo isso é que as duas pessoas que conheço que poderiam estar fazendo isso estão agora mortos, eu mesma dei conta deles. Não tive muito sucesso recrutando aquela menina insuportável, talvez Pedro tenha tido mais sorte.

- Pedro, onde você está? Fala Larissa enquanto coloca a mão na cabeça sentindo como se tivesse alguém pressionando

- Então Larissa, eu tenho uma noticia ruim pra te dar

- Que droga Pedro, você não conseguiu trazer o

rapaz novo pro nosso lado, não é?

- O garçom chegou antes e o pior não é só isso, Jonas foi com ele também

- Caramba Pedro, dessa vez você se superou. Me encontra lá no lugar de sempre.

- Mas e você, conseguiu alguma coisa?

- Isso não vem ao caso Pedro, aliás estamos perdendo tempo aqui, até mais.

Larissa como filha adotiva de Crispim cresceu sabendo que não pode confiar em ninguém e não pode esperar as situações piorarem pra tomar uma providência porque quando menos você espera elas podem tomar proporções incontroláveis.

O fim da tarde no centro da cidade próximo ao coreto desde que o corpo da mulher de vestido vermelho foi lá encontrado é muito pouco movimentado e justamente por isso passou a ser o local e horário preferidos para um encontro sem ser observado.

- Eu sei que sempre te pergunto isso mas os últimos fatos me mostraram que não posso confiar tanto em você, então me diz, você foi seguido por alguém? Pergunta Larissa levantando da mureta do coreto enquanto Pedro se aproximava

- Você é sempre a senhora perfeitinha não é mesmo? E sempre irritada não é ? - Fala Pedro aproximando de Larissa com uma feição de der-

rotado - Não Larissa, ninguém me seguiu, eu dei algumas voltas nos quarteirões pra ter certeza que ninguém estava atras de mim.

Pedro uma vez viu em um filme de detetives que se você ficar mudando de direção aleatoriamente por um tempo, quebra o planejamento de alguém que estiver te seguindo e assim para de te seguir pois não consegue garantir que a outra pessoa não vai perceber que está sendo seguido, mas ele não tinha parado pra pensar que não é só ele que assistia esses filmes da sessão da tarde.

Ao longe o garçom retornava caminhando junto a Bento e Jonas combinando como fariam pra acabar de uma vez com as chances de Crispim e os outros terem todo o poder que ele julgava ser somente seus por direito. Como ele mesmo havia matado a jovem no coreto não tinha porque ter receio de passar por aquela região, muito pelo contrário, residia no seu interior um certo prazer em retornar aos locais de seus assassinatos, como se sentisse novamente toda a adrenalina e prazer que havia sentido no momento.

Enquanto caminhavam pelo centro, não pode deixar de notar Pedro andando feito uma doido de um lado pro outro em direção ao coreto, logo notou que alguma coisa importante ele estava indo fazer. Pedro nunca foi muito esperto, era um rapaz com

boas intenções e muito determinado mas também por sempre acreditar que podia resolver tudo com a força não gastava muito tempo planejando suas ações.

Acima do coreto enquanto Pedro e Larissa conversavam e garçom e os outros se aproximavam, descia Ítalo e o garoto, volitando bem devagar, tentando se aproximar sem serem notados.

- Como eu imaginei vocês iam estar se encontrando aqui hoje, disse o garoto enquanto atravessavam o teto do coreto fazendo com que todos ficassesem paralisados por um tempo.

- O que você está fazendo aqui, eu tinha te matado junto com aquele imprestável do Crispim, fala Larissa acendendo as chamas nas suas mãos.

A última conversa com Crispim tinha colocado no garoto um pouco mais de determinação e sua última visita ao futuro fez com que tivesse muito mais crença em si mesmo, o que fez com que suas habilidades aumentassem muito de maneira que assim que chegou próximo de Larissa segurou suas mãos em chamas e nada lhe aconteceu.

- Eu não estou aqui pra lutar com ninguém, até porque não deveríamos utilizar as nossas habilidades para machucar uns aos outros, fala o garoto enquanto faz com que as chamas das mãos de Larissa desapareçam

- Que droga, como você fez isso? Pergunta Larissa empurrando o garoto.

- Eu sempre me surpreendo como mesmo você vendo tantas coisas continua ainda duvidando que algo é possível.

- Nós precisamos nos unir, eu vi o futuro e não podemos permitir que ele aconteça.

- Agora você virou vidente, fala Pedro se aproximando dos dois com algumas pedras suspensas ao seu redor.

- Pedro, dá um tempo com essas pedras, vamos ouvir o que ele tem pra falar. Fala Larissa se aproximando de Pedro

- Eu sei que vocês ainda não confiam nele, mas em mim podem confiar, estamos nessa a um tempo e eu ainda não dei nenhum motivo pra duvidarem. Tenho andado com ele ultimamente e apesar de eu não ter visto esse futuro que ele diz, vi do que ele é capaz e acredito que ele esteja falando a verdade, fala Ítalo chegando próximo de Pedro.

Por um tempo o garoto fica quieto olhando para os quatro mas não fala coisa alguma. Aquela tarde fria e escura de inverno fazia com que tudo ficasse um tanto mais sombrio.

- Eu imaginava que ia demorar um pouco mais pra esse confronto acontecer, mas agora já não podemos fugir, fala o garoto colocando-se em posição

de batalha e olhando pra trás de Pedro e Larissa.

- O que está acontecendo, não estou vendo nada, com quem você está falando, fala Pedro virando assustado pra mesma direção que o garoto olhava mas sem entender nada.

- Preparem-se, fala o garoto enquanto começa a reluzir como se estivesse envolto por uma fumaça brilhante.

- O garçom e mais duas pessoas estão vindo, consigo sentir três pessoas mas ainda não reconheço suas energias

Do meio de alguns arbustos no fundo do coreto surgem voando um banco de madeira e algumas pedras grandes, todos pulam pra se defender mas na verdade tudo não passava de uma distração. Do outro lado do coreto estava ele, com seus cabelos grisalhos e os bigodes queimados, o garçom, caminhando junto a dois velhos conhecidos do garoto, Bento e Jonas.

Larissa e Pedro partem pra cima do garçom contando com uma batalha corpo a corpo, pois o garçom tinha a habilidade de fazer com que outros não tivessem habilidades especiais, mas dessa vez foi diferente. O garçom partiu pra cima com as mãos em chamas assim como Larissa fazia, lançando labaredas por todos os lados.

Bento e Jonas partem pra cima do garoto mas ele

não revida, mas começa a fugir em volta do coreto. Ítalo achava tudo aquilo muito estranho, porque ele estava fugindo se podia muito bem acabar com tudo aquilo sem esforço algum.

-Ítalo, atraia todo mundo pra aqui em frente ao coreto, transmite o garoto uma mensagem diretamente na mente enquanto foge dos dois que tentam atingi-lo com pedras arrancadas da praça.

Ítalo passa então volitando atraindo a atenção de todos. Ao mesmo tempo o garoto tinha enviado a mesma mensagem para Larissa e Pedro, todos se encaminham para a frente do coreto.

Quanto todos estão em frente ao coreto, o garoto aparece no meio de todos e com um grande clarão de luz faz com que todos fiquem paralisados.

- Eu vou acabar com tudo isso agora, me desculpem, não queria ter que fazer isso mas vou levar vocês para muito tempo atrás, o mais longe que eu puder, pra quando vocês não vão poder fazer mal pra ninguém.

Uma grande fumaça luminosa envolve todos em frente ao coreto e logo não havia ali mais ninguém, todos tinham sido transportados pra bem longe mas diferente do que o garoto imaginava, não estavam em um momento diferente da história, talvez com alguns dinossauros como ele imaginava mas sim no centro de nova Iorque nos dias de hoje.

Transportar tantas pessoas era muito mais cansativo do que ele imaginava e logo cai desmaiado no centro da times square.

- O que é isso? Parece que não deu muito certo não é seu garoto idiota. Alias, muito obrigado por ter me trazido para o lugar perfeito para o que eu quero fazer, onde mais ter tanta visibilidade quanto aqui no centro comercial do mundo.

- Ei garoto, levanta, não deu muito certo levar as pessoas pra onde você queria, fala Ítalo balançando o garoto nos braços.

- Eu não estou entendendo, até parece que vocês estão facilitando as coisas pra mim, fala garçom enquanto corre pra cima do garoto com labaredas nas mãos e um grande sorriso debochado no rosto.

Rapidamente Ítalo pega o garoto no colo como já havia feito antes e dispara no meio dos prédios, desviando de algumas labaredas e latões de lixo arremessados. Bento e Jonas eram muito persistentes e os perseguem por muitas ruas. O garoto era um pouco pesado e diminuía consideravelmente a fuga dos dois e enquanto volitavam pelo centro de Nova Iorque, Ítalo e o garoto eram feridos o que fazia com que cada quarteirão ainda ficasse mais difícil despistar.

Alguns momentos críticos fazem com que alianças sejam criadas pra fazer frente a um ini-

migo comum e apesar de Larissa ser muito reticente a se aliar ao garoto por que ele no princípio lhe trouxe muitos problemas e mesmo agora tentara prendê-la no passado, também sabia que alguém como o garçom com mais poder do que deveria ter poderia causar um dano talvez até irreversível.

Enquanto garçom e os dois os perseguiam, não puderam notar que atrás deles estava Larissa e Pedro que também com várias labaredas defendiam quem eles nem imaginavam.

- Eu não sei Ítalo, como vamos fazer pra reverter o que eu vi, fala o garoto começando a despertar.

- Você está acordado? Não gaste tanta energia, você se esforçou muito agora pouco.

- Apesar de ter voltado no tempo e de ter tentado mudar tantas coisas, tudo parece convergir sempre pro mesmo futuro. Então foi assim que todos vieram pra Nova Iorque, foi assim que eu tinha visto tudo acontecer aqui, parece ser tudo inevitável.

- É, eu realmente não sei mesmo o que podemos fazer, mas também não acho que por isso temos que desistir. Pode até ser que não consigamos evitar tudo o que você viu, mas também pelo que você me conta não era o fim, então podemos evitar que dali pra frente as coisas caminhem pra um futuro horrível. Fala Ítalo com a sua voz compassiva de

sempre.

- É verdade Ítalo, eu não tinha pensado nisso, vamos então, Fazer com que o futuro mesmo seja algo bom.

Capítulo 43

Panos no rosto

Desde que aprendi a ler pinturas mentais, comecei a ver o ser humano de outra maneira. Não consigo ler os pensamentos como vemos nos filmes, mas consigo sentir o que as pessoas sentem e com isso imaginar, acredito eu que com uma boa precisão, o que se passa em suas mentes. Os pensamentos podem voar muito rápido e formam uma corrente energética muito intensa entre os que estão conectados imaginando a mesma coisa gerando o inconsciente coletivo e é aí que eu entro.

Trouxe um dirigível para o centro de Nova York por que é a única maneira de fazer com que todos estejam com o fluxo mental conectado. Pretendo de forma muito simples colocar nas mentes das pessoas a ideia que elas precisam usar as habilidades para algo bom e que do contrário as per-

derão.

Daqui de cima consigo ver o Garçom, Jonas e Bento levando o caos onde passam, mas não consigo entender a necessidade de fazer o mal onde passam. Vejo também Larissa e Pedro que tem boas intenções, mas com certeza não são capazes de conter um pequeno caos. Ainda bem que tenho Ítalo do meu lado me auxiliando, apesar de ele não ser muito de tomar iniciativas é muito parceiro e determinado. Sem ele estaria preso na minha cidade, andando em círculos e reclamando de não saber o que fazer.

As mentes das pessoas lá embaixo estão muito perturbadas. Algumas gostando do que veem e outras com medo, o que faz com que seja muito difícil nesse momento enviar uma mensagem mental que faça com que todos percebam como estão errados e se arrependam.

O que mais me intriga é ver um pequeno grupo de pessoas se unindo. Como não demonstrar estarem despertos não tem a menor chance de se defenderem de objetos arremessados com a mente, labaredas e muitas outras coisas que hoje sei serem possíveis. Não sei porque não consigo compreender o que se passa nas mentes deles, preciso chegar mais perto para tentar impedir que eles morram.

Desço volitando pra poder ver um pouco mais

de perto. Poderia muito bem acabar com essa revolta em segundos, mas o problema é que tudo foi transmitido online. Nesse momento no mundo todo existem pequenos grupos como esses, despertando e fazendo o que o ser humano sabe de melhor, merda.

Larissa e Lúcia estão juntas no meio da rua 33 ainda com um tanto de medo nos corações, pensando em como vão reagir contra tudo isso que estava acontecendo. Ao olharem pra cima avistam um corpo luminoso descendo do dirigível em suas direções.

— Eu não acredito que finalmente ele vai fazer alguma coisa — fala Larissa apertando o braço de Lúcia

— Quem é essa pessoa brilhando, agora ferrou tudo

— Se é quem eu imagino, talvez seja a nossa salvação

Todos param para ver o que era aquele grande feixe luminoso em formato de gente. Mesmo meio a tantas mudanças ninguém estava esperando algo de tamanha magnitude.

— Eu sabia que ele ia vir nos salvar — Fala Ítalo enquanto se aproxima de Pedro volitando — Agora tudo acabou.

Eu acho tudo isso um pouco desnecessário, não

imaginava que ele ia se tornar um exibicionista — fala Pedro baixando um pouco a guarda como se sentisse que seus problemas estivessem resolvidos. — mas realmente só ele poderia nos salvar agora.

— Larissa, o que você está fazendo com esse pano no rosto, você é doida incitando todas essas pessoas desse jeito? — falo enquanto chego bem no meio do grupo de mascarados

— Eu não acredito que no fim das contas era você moleque — fala Lúcia tirando também o lenço.

— Aaaah! eu devia ter imaginado, afinal nunca consegui usar nenhuma das minhas habilidades em você.

— Naquele dia que eu ouvi você conversar com o seu amigo lá em casa e depois que você me resgatou daquele lunático sabia que você também tinha essas como dizem habilidades especiais mas não imaginava que você era o líder deles

— Eu não sou o líder de ninguém, mas mais do que todos aqui tenho meus motivos pra querer acabar com essa zona.

- Você não percebe como todos te olham e como nos seus rostos parece que estão vendo seu grande salvador? Fala Lúcia chegando mais próximo de mim.

- E você estava aqui o tempo todo, não pensei que fosse te ver de novo depois da nossa última

conversa.

- Você que sempre some, com todo esse poder poderíamos muito bem já estar todos em paz, mas como sempre o que mais faz é fugir e se esconder

- Fala Larissa puxando Lúcia pelos braços.

- Vamos Lúcia, não perca tempo com ele, são sempre grandes promessas mas muito pouca ação e agora a gente precisa resolver logo, entende garoto, ação.

- Toda aquela conversa de que estava cansado, que não queria mais se envolver era então só pra tentar despistar.

- Garoto, você é muito doido. Do que você está falando?

- Então você não percebeu ainda? Falo olhando para o menino que estava seguindo Larissa desde que ela foi teleportada para Nova Iorque.

- O que tem esse menino? Eu encontrei ele perdido e indefeso no meio da multidão logo que percebi todo esse alvoroço.

- Certeza que ele estava indefeso? Tente se lembrar mas aposte que ele fez com que você conhecesse a Lúcia.

- Você não vai falar nada? Falo olhando para o menino junto das duas - A evolução que você fez das suas habilidades é realmente impressionante, finalmente percebeu que a diferença entre a ilusão

na mente e a mudança na matéria são as mesmas coisas.

Enquanto conversávamos, duas ruas dali vinha Pedro caminhando junto de Ítalo. Eles haviam se encontrado e conversado sobre a parte do plano do garoto e os planos deles para tentar acabar com o que o Garçom estava fazendo.

Envergonhado, o menino começa a se transformar diante dos nossos olhos, aumentando para o tamanho de um adulto, envelhecendo e aos poucos revelando a sua real aparência. Crispim estava ali, olhando para Larissa como quem pede perdão. Não era a imagem que eu tinha dele, um velho militar reformado acostumado a saber de tudo e a controlar as situações.

- Você estava me seguindo esse tempo todo?
Fala Larissa se distanciando de Crispim

- Naquele dia em que todos foram para o correto da cidade, eu estava próximo, invisível. Minha ideia era acabar logo com toda essa bagunça que eu comecei e que me traz tanta vergonha e arrependimento, mas antes que eu pudesse fazer qualquer coisa fui puxado pra cá, pra Nova Iorque.

- E porque você começou a me seguir? Eu fazia parte do que você diz que queria eliminar? Porque da sua vergonha e arrependimento já sei que faço.

- Claro que não minha filha, eu tenho pensado

muito sobre tudo que te fiz passar, sobre como te tratei

- Minha filha? Que novidade é essa? Você sempre fez questão de me tratar como um lixo, sempre me lembrando que não me queria, que ninguém podia saber que eu existia.

- Eu estou falando sério Lara, lembra que eu te chamava assim quando era pequenininha? Eu não sei o que aconteceu que eu comecei a ver o mundo com esse olhar rancoroso.

- Me lembro bem vagamente que você me pegava no colo, me levantava como se eu estivesse voando. - Fala Larissa enxugando uma lagrima escorrendo no canto do rosto - A gente era muito amigo quando eu era pequena, você tratava minha mãe super bem mas de repente começou a chegar lá sempre bêbado.

- Essas habilidades foram uma grande merda na minha vida, eu achava que por poder enganar as pessoas poderia viver muito melhor o que me deixava ainda mais frustrado por perceber que não conseguia tudo que eu queria então comecei a beber.

- A gente podia ser uma família hoje em dia se não fosse essa merda de habilidade. - Fala Crispim enquanto segura as mãos de Larissa.

As habilidades realmente mudaram nossas vidas

e com certeza despertaram sentimentos e anseios que até então não esperávamos ter. Sempre dizem que conhecemos uma pessoa quando ela tem poder nas mãos mas no caso das habilidades especiais o sentimento de superioridade é muito mais intenso do que a sensação de poder indireta que o dinheiro nos dá. Poder volitar, levitar objetos, ser e fazer o que quiser é muito intenso mas será que no fundo não somos essa pessoa quer se assim pudesse faria da vida dos outros um inferno?

No quarteirão de trás Pedro e Ítalo ainda discutiam os detalhes de como poderiam se ajudar.

- Por que você começou a gostar daquele garoto?
- Pergunta Pedro.

- Sabe que eu não sei. Eu acho que a minha crença me fez acreditar mais fácil que poderia haver algum tipo de salvador que nos livraria de tudo.

- Entendi, mas o que te fez pensar que esse alguém era aquele moleque que mal sabia o que queria da vida?

- Então, Crispim sempre me disse que nada de mal poderia acontecer com ele porque se não nenhum de nós teria habilidades e que ele era a grande origem de tudo então julguei que já que era a origem poderia muito bem ser a solução.

- Seu lado cristão achando que ele talvez era o novo salvador na Terra.

- Exatamente, mas com o tempo percebi que ele não fazia ideia do que estava fazendo o que me fez perder um pouco da crença em tudo que eu até então achava estar certo.

- Tudo bem que ele tem uma coisa diferente de todos nós, ele tem várias habilidades mas e daí, isso só faz dele menor porque com tanto poder até agora fez muito menos que todos nós, que pelo menos está tentando.

- O que me fez voltar a acreditar nele é ter percebido que na real eu quem estava idealizando, ele nunca me prometeu nada e o fato de ele aprender muito rápido.

- Pera ai Ítalo, aquele ali não é o Crispim? - Esbraveja Pedro arrancando a placa de sinalização de trânsito com a mente

- Larissa, sai da frente, se afasta dele - Fala Pedro arremessando a placa pelo ar com violência.

As últimas experiências com Crispim fizeram com que ele tivesse tomado a decisão de sempre agir o mais rápido possível caso o encontrasse de novo, Crispim podia confundi-los a qualquer momento com uma ilusão.

Antes que Crispim pudesse se defender, por estar com toda sua atenção voltada para Larissa é atingido no peito fazendo com que ele seja arremessado próximo à sarjeta.

Larissa então se transforma em brasa como nunca antes havíamos visto, não era possível reconhecer se quer sua feição. Toda sua roupa havia pegado fogo e o concreto ao seu redor começava a derreter.

- O que você fez Pedro? Fala Larissa arremessando labaredas na sua direção.

Apesar de tudo o que Larissa contava ela nutria esperança de ter uma vida em paz com o seu pai, toda aquela imagem de menina violenta e revoltada era claramente uma resposta à maneira como foi tratada toda a vida e agora poderia muito bem ter sido o momento de recomeço mas como culpar Pedro por querer acabar com o que até então todos lutávamos.

- Você não vai fazer nada? Vai continuar aí vendo as coisas passarem mesmo com todo esse poder? - Fala Lúcia me dando aquele olhar de desprezo típico de irmã mais velha que não aguenta mais ter que cuidar do mais novo.

É certo que o caos estava instaurado mas Larissa poderia ampliar tudo isso de uma maneira que eu não fazia ideia. Fui andando em sua direção e neutralizei seu poder fazendo com que ela caisse no meio da rua indefesa.

- Faz ele voltar - Fala Larissa me olhando ajoelhada no meio da rua tentando juntar as palavras

no meio de soluços e lágrimas - Eu ouvi dizer que você pode, que você fez sua irmã voltar a vida.

- Eu não posso fazer ninguém voltar à vida Larissa, ninguém pode.

A única coisa que podia fazer naquele momento era abraçá-la e fazer com que os seus sentimentos se acalmem. Podemos nos conectar às pessoas e sentir sua dor, sentir o que estão sentindo e então transmitir a energia que lhes falta.

- Que bonitinha essa cena - Fala o garçom seguindo Lúcia pelo pescoço enquanto Bento e Jonas neutralizam Pedro e Ítalo.

- Solta ela cara, sou eu quem você quer.

- Ou o que? Ou você vai me dar um abraço também? Eu sei que você não vai me matar, se quisesse sei que já teria feito, você é muito bom pra isso.

Garçom caminhava debochando de mim com minha irmã segurada pelo pescoço e cada palavra que saia da sua boca fazia meu sangue ferver um pouco mais, fazia eu não conseguir mais raciocinar tão pacificamente como até então conseguira e então foi que tomei a decisão que me fez compreender como eu tinha sido um idiota em pensar que poderíamos sempre ser pacíficos e ponderados.

Senti como se do meu corpo saíssem muitos braços que se estendiam até cada uma das pessoas

naquela rua, não eram braços físicos como se eu fosse um grande polvo mas sim a telecinese que até então tinha usado para mover pequenos objetos expandida de tal forma que todas as pessoas, boas ou não estavam seguradas pelo pescoço levantadas acima do solo.

- Eu sabia, eu sabia que debaixo desse menino chato tinha violência, que essa pose de bom moço não ia durar pra sempre.

- Cala essa boca, você não percebe que você perdeu?

- Perdi mesmo? Eu sempre quis mostrar pras pessoas que temos muito mais poder do que toda essa mediocridade de manter a pose de bondoso.

- O que você está esperando moleque? Acaba logo com a vida desse desgraçado, ele começou tudo isso, ele planejou que todas essas pessoas no mundo morressem - Fala Lúcia enquanto corre na direção de Larissa e dos outros.

Antes que pudesse ponderar bem o que eu estava sentindo e fazendo esmaguei o garçom fazendo com que dele só sobrasse o seu sangue se espalhou por todos ao seu redor colocando nos rostos de todos ao contrário do que eu imaginava trazer, um olhar de medo.

O silêncio de todos não demorou em romper me bombardeando com suas imagens mentais de pa-

vor. Todos estavam pensando que podiam ser os próximos, que eu era uma pessoa má, que eu ia fazer o mesmo com todos.

Nunca imaginava que no fim eu era o grande vilão de toda essa historia. Não podia mais querer convencer todos a se amarem ou usarem as habilidades para o bem depois de tudo o que eu havia feito e a única coisa que eu podia fazer nesse momento era me teleportar dali para algum lugar onde ninguém soubesse quem eu era, na verdade queria ir para um lugar que nem eu mesmo soubesse quem eu era.

Capítulo 44

A Princesa

Não sei qual sentimento é maior agora, o de derrota ou o de vergonha. Passei os últimos meses pensando que eu estava certo, que eu era o bem que o mundo precisava e que por isso deveria salvá-lo, mas talvez fosse o contrário.

Matar uma pessoa vai muito além do que eu imaginava um dia fazer, do que mais eu seria capaz? Será que de certa forma também estava o tempo todo em busca de poder, mas vestindo a capa da moralidade.

Mais uma vez vim parar em um lugar que eu se que imaginava existir trazido por uma mistura de instabilidade emocional e teletransporte. Como disse no princípio dessa história, trago aqui alguns relatos pra que ajude àqueles que vão despertar futuramente, mas como não quero que você leitor

venha para esse local e tempo. Vou omitir algumas informações e confundir outras para que não venham buscar esse lugar sequer em sonhos.

Algumas vezes quando me teleporto para algum lugar sem ter controle, desmaio por um tempo. Despertei em um campo verde e aberto, ao fundo consigo ver uma pequena muralha e a torre de um castelo, dessa vez eu me superei.

Tento ficar invisível, mas não consigo, na verdade, não sei o que me aconteceu, mas estou incapacitado de usar qualquer habilidade. Vou ter que entender onde estou e tentar me acalmar um pouco por que se não vou ter que me acostumar a viver nessa época desconhecida.

Próximo da muralha, avisto alguns camponeses saindo da muralha e me aproximo para tentar entrar desapercebido. Preciso me reacostumar a conversar com as pessoas sem ver suas pinturas mentais, é engraçado como me acostumei rápido com algumas facilidades.

Tentava me esconder atrás de um barril quebrado, mas não sei como fui facilmente percebido.

— Bons dias meu bom — Fala um rapaz com um olhar amoroso — Você precisa de alguma ajuda?

— Então, na verdade, eu estou perdido, não me lembro como vim parar aqui

— Sei bem como é, você não quer entrar, tenho

algumas roupas que podem te servir.

Não entendo como apesar de eu não conseguir usar habilidade alguma escuto ele falando em português, não é possível que tivemos uma época assim. Talvez eu esteja conseguindo usar algumas habilidades e outras não.

— Venha comigo, você parece um tanto confuso.

Ao adentrar muralha adentro, vejo uma cidadela viva de muito tempo, provavelmente algum país europeu. Apesar do cheiro forte e das carnes penduradas em algumas janelas, parece ser uma vila aconchegante. As vestimentas coloridas e com bastante pano são muito bonitas, mas o que me intriga é não haver qualquer sinal de defesa, não avisto espadas ou armaduras. Essa época é conhecida por guerras e violência, mas parece que não por aqui.

Assim que chego no seu casebre logo me dá uma muda de roupa mais apropriada. Não entendo muito bem da moda local, mas parece ser um modelo um tanto mais colorido que o dos demais, mas isso não me importa tanto naquele momento.

— Você deve estar com fome eu vou esquentar um pouco de comida pra você — Me fala a simpática esposa do camponês que havia me convidado até aqui — Me conta o que você lembra, como veio parar aqui?

— Não me lembro de muita coisa, devo ter batido a cabeça.

O camponês ficou um tempo me olhando sem falar nada como se me olhasse por dentro

— Você não confia em mim, tudo bem — Fala o camponês cortando com as mãos um pedaço de pão e me oferecendo — Logo vai notar que aqui não se pode esconder nada de ninguém.

— É verdade, não me lembro muito bem

— Você sabe que não é verdade, mas ok. Não se preocupe, você vai ser bem recebido na nossa cidade, no fundo, EVITAR tem um bom coração.

— Por hora durma um pouco, amanhã te levo para conhecer os arredores.

No outro dia pra meu espanto estava em uma pequena vila onde todas as pessoas dominavam diversas habilidades e pareciam conviver em harmonia. Vi alguns volitando, utilizando as habilidades telecinéticas para fazer pequenos trabalhos de agricultura e mesmo para carregar pequenos objetos. Por ali as pessoas pouco se falavam. Tempos depois descobri que na realidade elas estavam constantemente conversando entre si em uma rede de pensamentos o que fazia com que eles economizassem as palavras.

Alguns dias se passaram e eu continuo sem entender por que sou o único que não tem habilidade

alguma. As pessoas enquanto estão comigo por perto costumam em forma de respeito usar palavras pra se comunicar. As crianças sempre acham graça de eu não poder volitar ou brincar com elas de um jogo que se assemelha muito com voleibol com a única diferença de não usar as mãos.

Eu sei que viver aqui enquanto deixei no meu tempo aquela situação de caos é um comportamento fugidio. Meu tempo ainda vai demorar muito pra chegar então posso me dar ao luxo de aproveitar um pouco essa sociedade que deu certo. Aqui as pessoas convivem em sua plenitude, se respeitando e respeitando o uso das habilidades como eu imaginava ser o certo.

Com o tempo vivendo aqui, minhas habilidades começaram a voltar aos poucos e logo pude me conectar um pouco na rede mental em que todos se comunicavam. No princípio foi tudo muito bom, mas em pouco tempo comecei a acessar algumas consciências e perceber que, no fundo, alguns tinham suas manchas de caráter. Algumas pessoas ficavam várias horas do dia desconectadas da rede o que gerava um grande desconforto geral, mas todos agiam como se nada estivesse acontecendo.

Já fazem dois anos que estou aqui e começo a ter minhas dúvidas se devo continuar. Tudo começou em uma manhã comum, como de costume, abri mi-

nha janela e vi que do alto da torre do castelo, flutuava a princesa, jardim afora, como uma borboleta. Não sei explicar, mas dessa vez tudo parecia diferente, parecia tudo mais intenso. O vento tocava sua pele com muito mais força, já nem se lembrava quantas vezes volitara sobre aquele jardim e como nascera com habilidades. Nunca antes tinha pensado a respeito. Era como parar pra pensar sobre porque respira, porque pode escolher a cor dos seus olhos pela manhã.

No dia seguinte, sentada junto a outros campõeses, ao plasmar sua refeição, veio de novo a ideia de como tudo parecia tão extraordinário. Era incrível quando as pessoas volitavam, cortando o ar graciosamente ou mesmo como era impressionante uma hora estar aqui e em outra estar do outro lado da vila. Para todos à sua volta, tudo aquilo era comum. Começou a se questionar quando foi que nos distanciamos tanto dos animais que precisam lutar pela sua sobrevivência, sempre fugindo de um fim que lhes parece iminente. Percebeu o como não fazia ideia do que eles sentiam e diante de tanta impotência a fez sentir mal pela primeira vez.

Porquê não precisávamos nos preocupar com a sobrevivência muito nos escapava da excência da vida. Será que tal necessidade a faria perceber a

vida de uma maneira diferente, ou mesmo faria dela uma pessoa melhor?

Decidiu passar então um tempo a acompanhando quando notei que estava vivendo essa crise de identidade. Me teleportei para um campo em que me lembrava haver um rebanho e de longe passei ali um bom tempo a observando. A princesa fazia com que o tempo ao redor dela fosse pra frente e pra trás pra que pudesse observar alguns detalhes da vida que deixamos passar.

— Princesa, tudo bem com você — Falo me aproximando dela enquanto acaricia uma pequena galinha.

— Minha vida inteira, todos à minha volta, apesar de conectadas mentalmente, se apresentavam como um ser individual que não parecia se preocupar com a existência do outro. Não pareciam precisar de ajuda ou se defender como quando um rebanho de ovelhas faz ao avistar um lobo ou mesmo enquanto lobo se preocupar em trazer comida para seus companheiros.

— E qual o problema? Não é bom todos dividirmos nossos sentimentos e pensamentos como aqui?

— Que sentimento é esse? De certa forma, a conexão que as ovelhas ou os lobos têm, me parece muito mais legítima e intensa, baseada em muito

mais afeto.

Ela então se levantou e começou a diminuir seu brilho característico fazendo com que quase se confundisse com uma pessoa normal.

— Não sei o que está me faltando, só sei que não me sinto mais completa.

— Princesa, vamos dar uma volta vai ajudar a clarear um pouco suas ideias.

— Talvez se eu me forçasse a passar por algumas das privações, conseguisse compreender essa conexão. — Fala a princesa apontando para um grupo de coelhos pulando no campo.

Nos próximos dias, ela decidiu parar de fazer algumas coisas básicas. Por exemplo, voltar, ao invés disso passou então a andar, plasmar seu alimento, passou a buscar seu sustento em frutas e vegetais. Deixou de mover objetos maiores do que seu tamanho, pois notou que em sua grande maioria os animais moviam somente objetos de pequeno porte. Enfim, passou a realizar ações similares às executadas pelos animais.

As pessoas na vila começaram a acompanhar a sua mudança e a se incomodar. Pensavam que ela havia feito algo de errado ou comido alguma coisa que a estava fazendo ficar doente.

Ela não conseguia mais ver seus iguais da mesma maneira. Começou a invejá-los por sem-

pre terem o que comer ou irem onde e quando quiserem e começou a se questionar muito sobre seus sentimentos. Percebeu-se como uma pessoa egoísta, mesquinha e com tão pouca capacidade de compreender o próximo como se gabava de fazer enquanto usava as habilidades. Mais tarde eu ia entender que ela na realidade estava desenvolvendo um nível de empatia diferente que não estávamos acostumados.

Com o tempo, muito camponeses começaram a se questionar como a princesa vinha fazendo como efeito colateral de sempre compartilharem sentimentos e pensamentos. Imagine viver em um lugar onde nenhum pensamento é totalmente particular. Os moradores daquela vila conseguiam o tempo todo como que pintar uma grande obra de arte que era o que hoje em dia gostamos de pensar como consciência coletiva.

Em mais uma tarde comum, vou até o jardim onde a princesa costumava sentar para refletir ultimamente. Talvez por eu conhecer uma realidade diferente e não ter nascido nesse fluxo mental que todos compartilhavam poderia ajudá-la de alguma forma.

Como de costume, logo ao me aproximar, já estava sendo esperado e ela me disse que todos aqui sempre souberam que eu não era daqui das re-

dondezas como disse a princípio e mesmo não era desse tempo. Me contou que existia uma profecia que um dia chegaria alguém de muito longe e que faria com que tudo mudasse. Ela nunca acreditou nessa histórica porque ironicamente, apesar de sempre conviver com as habilidades, se dizia céтика. Logo que me viu andando entre todos e se espantando em como sua sociedade funcionava de forma leve e pacífica começou a se questionar.

— É engraçado como eu, a maior defensora que deveríamos nos questionar sobre a profecia fui a primeira pessoa afetada.

— Eu não sou profecia nenhuma, sou uma pessoa bem comum, na verdade.

— Sabe, esse é o grande problema das profecias, elas nunca nos dizem que a pessoa que virá, será alguém espetacular, mas as pessoas sempre chegam a essa conclusão. — Eu não sei muito bem o que devo fazer, mas tenho me sentido muito triste por entender que muitas coisas que fazemos e julgamos comum tem nos afastado de pensar em nossos sentimentos. Ainda não estamos prontos para todo esse poder em nossas mãos.

— Sim, eu sei disso, e sinceramente não sei se um dia estaremos.

— Ao contrário do que sei que você pensa, não tenho o direito de forçar todos a serem pessoas

boas, afinal quem decide o que é ser bom. Se eu fizer isso, de fato estaria tirando a naturalidade das coisas. A não ser que... — Disse a princesa me entregando uma caixa brilhante que pude ver através e perceber se tratar de uma forma de energia condensada.

— Por que você está me dando isso?

— Preciso que você preste muita atenção, e não me questione. Eu condensei aqui dentro dessa caixa um pensamento e assim que a caixa for aberta todos receberão nas suas imagens mentais. Preciso que todos pensem a mesma coisa ao mesmo tempo, porque do contrário podem aos poucos chegarem a uma conclusão contrária.

— Que pensamento?

— Por favor, não questione. Eu mesma não posso fazer isso porque todos conseguem muito bem saber o que eu estou pensando e isso vai fazer com que não aconteça com todos ao mesmo tempo. E como você bem sabe, mesmo convivendo aqui alguns meses, não conseguimos fechar uma conexão mental profunda com você.

A princesa estava com a feição pesada nesse momento e logo percebi que se tratava de algo muito importante.

— Preciso que você se concentre na missão e não em tentar entender essa energia ou ler algum pen-

samento até abrir a caixa, porque se não poderá estragar todo o sentimento aí condensado.

— Como eu vou saber que é a hora certa de abrir a caixa?

— Acredite em mim, você vai saber.

Me concentrei em andar carregando aquela caixa como se fosse um grande tesouro que a qualquer momento pudesse despejar. Cada movimento mais brusco meu ou mesmo tentativa de pensar sobre o que eu estava fazendo fazia com que à sua grande luz azul se misturasse pontos amarelos brilhantes. Todos logo notaram que eu estava carregando um grande facho de luz verde que se estendia pelo céu fazendo com que mesmo os que estavam volitando naquele momento voltassem sua atenção pra mim.

Estava eu bem no centro da praça principal, de baixo dos flamingos de chamas azuis. Da caixa nas minhas mãos, saiu um grande feixe de luz direcionado para a torre do castelo, onde a princesa estava de pé com os braços abertos.

— Não venham pra cá, não tentem interferir, é inevitável.

Nesse momento, percebi que ela estava olhando bem nos meus olhos e soube que deveria abrir a caixa. Uma grande luz verde inundou a todos nós, nos tomando por um grande sentimento de melan-

colia. O tempo parecia estar passando em câmera lenta enquanto a princesa se jogava do topo da torre e para o espanto de todos, dessa vez não vo-litou e já chegou ao chão sem vida.

— Por que ela fez isso? A irmã da princesa que estava próximo a mim, perguntava com os olhos cheios de lágrima.

— Ela não vai se levantar? Um camponês per-guntou sem compreender o que estava aconte-cendo.

Fazia um tempo que não morria alguém tão jovem por ali já que todos podiam se curar das enfermidades comuns e conseguiam retardar seus enve-lhecimentos. Para alguns encarar a morte era um sentimento inédito. Não sabendo como lidar com a situação todos começaram a duvidar. Entendi o que ela quis dizer quando me entregou aquela caixa. As pessoas não estavam acostumadas com a ideia da morte e a grande surpresa fez com que os mais novos começassem a se questionar sobre a questão mais antiga de todas, porque vivemos, pra que vivemos.

Nos próximos dias, comecei a notar que aos poucos as pessoas usavam menos habilidades, até que um dia começaram a duvidar. Não sei o que ti-nha naquela caixa verde ou o que eles em conjunto pensaram nos últimos dias, mas comecei a sentir

vergonha de usar minhas habilidades. Percebi que estava ali tempo de mais, fugindo da minha realidade e das minhas responsabilidades e que era hora de voltar para a minha linha temporal.

Capítulo 45

A resistência

*O medo pode nos paralisar, mas também pode ser
nossa fogo propulsor*

Não vou descer usando o elevador agora porque eu não sei muito bem que risco estou correndo.

Aquele pedaço de ferro voador ainda está ali quase parado em direção ao Empire State.

Aqui de baixo consigo ver desespero no rosto das pessoas e